

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

**TERRITÓRIOS E MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE MULHERES
QUE MIGRARAM NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Douglas Beiro

Rio Claro (SP)

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

**TERRITÓRIOS E MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE MULHERES
QUE MIGRARAM NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Douglas Beiro

Financiamento: CAPES

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de concentração: Organização do Espaço, para obtenção do título de Mestre em Geografia sob a orientação do Prof. Dr. João Pedro Pezzato.

Rio Claro (SP)

2009

Comissão Examinadora

Aluno

Rio Claro, ____ de _____ de _____

Resultado _____

À Angelina, Odete e Zulmira
Artífices da arte narrativa

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a presença de meus pais, Osvaldo e Maria Aparecida, irmãos, Sandro e Luciano, cunhadas, Sandra e Ana Paula, e sobrinhos, Agnaldo, Luciano Rodrigo e Júlia, que me acompanharam nessa *experiência*.

À orientação atenciosa e presente do Prof. Dr. João Pedro Pezzato.

À Angelina Guedes Siqueira, Antonia de Lima do Nascimento dos Santos, Francineide Pinheiro Lima Rosolem, Izaura Lopes, Maria Aparecida Moreira, Nair Lima do Nascimento, Odete Procópio Morelli, Pedrinha Helena Simões Sopran e Zulmira Rosseto Borcato colaboradoras que, sem as suas narrativas de memórias, este trabalho não existiria.

A CAPES através da bolsa que foi de vital importância para o desenvolvimento da pesquisa.

A todos os funcionários da Biblioteca da UNESP, Rio Claro.

À Profa. Dra. Maria Rosa R. M. de Camargo, coordenadora do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), pertencente ao Departamento de Educação da UNESP de Rio Claro, pela leitura atenta, participação em exame de qualificação e de defesa deste estudo. Agradeço a todos os educadores e bolsistas que fizeram e fazem parte do projeto coordenado por esta professora, especialmente, Fábio Nunes que também esteve acompanhando o desenrolar desta pesquisa que acontecia paralelamente a sua, defendida na UNICAMP em 2009.

À Profa. Dra. Solange T. de Lima Guimarães pela leitura atenta e sugestões em exame de qualificação e defesa contribuindo com o nosso posicionamento dentro da geografia, atento as relações do ser humano com o planeta, dessa forma, buscando uma relação mais responsável com as coisas do mundo.

Aos profissionais que compuseram o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, Campus de Rio Claro (SP), durante o período de desenvolvimento da pesquisa, sob a coordenação da Profa. Dra. Silvia Ap. Guarnieri Ortigoza e Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho (vice-coordenador). Maria Benedita Barbosa (Maíca) e Ubirajara Gerardin Junior pelos serviços prestados atenciosamente.

Às professoras e professores pesquisadores do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Geografia e Cartografia deste Programa de Pós-Graduação: Rosângela, Amanda, Elza, Geórgia, Helia, Levon, Lígia, Paulo, Rafaela, Raquel, Suely, Tânia e Walkiria.

Aos funcionários, professores e alunos da UNESP, Campus de Rio Claro, que me acolheram nessa experiência de vida, a experiência universitária. Aos companheiros de

graduação e pós-graduação, Alberto Dudena, Alexandre Marques, Cleberson Aparecido dos Santos, Elói Venturini Jr., Fernando Pena, Francisco C. Nascimento Jr., Lincoln Gonçalves e Rodrigo Crivelaro e a todos que moraram na Casa Quatro da moradia estudantil da UNESP de Rio Claro, estarão para sempre na memória.

Às companheiras e companheiros do CEMEI Alexandre Sartori Faria, Distrito de Joaquim Egídio, Campinas (SP), novos acompanhantes para uma nova experiência, a experiência com a educação infantil.

À Carolina, pela compreensão, força e presença.

À Força Divina que a tudo permeia e ao universo de potencialidades no qual fazemos parte.

Gratidão a todas e a todos.

*“Há um vilarejo ali
onde areja um vento bom”
(Marisa Monte. Vilarejo)*

Resumo**TERRITÓRIOS E MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE MULHERES QUE MIGRARAM NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

O presente trabalho busca registrar narrativas de mulheres que experienciaram a migração interna no decorrer da segunda metade do século XX, período de grandes mudanças espaciais ocorridas na paisagem brasileira. A partir de memórias e experiências construímos narrativas, nas perspectivas da geografia humanística e cultural, para refletir as representações sobre o espaço vivido. Neste contexto, utilizamos a metodologia da *História Oral* não apenas para a construção de dados, mas também como subsídio para a reflexão sobre a construção de memórias de estratos pouco considerados no cenário social brasileiro. Tomamos a experiência feminina migrante como referência para o registro das representações de sujeitos que vivenciaram o processo de configuração de paisagens e territórios no período e espaço determinado. Cabe observar que esses sujeitos “*pouco aparecem na documentação escrita*” e que o período em estudo foi marcado por profundas mudanças sociais, econômicas e espaciais. Como essas mudanças se dão nas falas e imagens de mulheres que experienciaram o processo migratório? Que espaço é vivido e como as paisagens se apresentam nas representações dessas migrantes, sujeitos itinerantes em *territórios migratórios*?

Palavras-chave: Geografia. Migração Interna Brasileira. História Oral. Imagens. Rio Claro (SP).

Abstract

TERRITORIES AND MEMORIES: NARRATIVES OF WOMEN WHO MIGRATE IN THE SECOND HALF OF THE TWENTIETH CENTURY

This paper record narratives of women who experienced internal migration during the second half of the twentieth century, a period of major changes occurring in the landscape space Brazilian. The memories and experiences from building narratives, from the perspectives of humanistic and cultural geography, to reflect the representations on the area lived. In this context, we use the methodology of oral history not only for the construction of data, but also subsidy for the construction of reflection on the memories of little strata considered in the Brazilian social scene. We experience a female migrant with reference to the record of the representations of subjects who experienced the process of configuration of landscapes and territories over the period and a space. It should be noted that these individuals "just appear on written documentation" and that the period was marked by profound social changes, economic and spatial. As these changes occur in the discourse and images of women who experienced the migration process? Space that is lived and how the landscapes are presented in the representations of these migrants, subject traveling in territories migration?

Keywords: Geography. Brazilian Internal Migration. Oral History. Images. Rio Claro (SP).

SUMÁRIO

Agradecimentos.	5
Resumo.	8
Abstract.	9
Introdução	
Compondo narrativas migrantes: mulheres em Rio Claro (SP).	11
<u>PARTE I: Memórias e Geografias.</u>	16
1. Memória como fenômeno social e a <i>História Oral</i>	17
1.1. Pequena nota sobre <i>narrativa</i>	22
2. Representações, geografias e memórias subterrâneas:	
<i>Paisagens e territórios a partir dos espaços da experiência: os lugares.</i>	24
<u>PARTE II: Territórios migratórios.</u>	37
3. Apontamentos sobre a <i>virada da urbanização brasileira</i>	38
4. Os depoimentos: os <i>espaços</i> na experiência feminina migrante.	43
4.1. Entrevistas 1: “A gente sempre está atrás de uma melhorazinha, né?”.	44
5. “Derrubando mato”:	
<i>Entrevistas 2: configurando espaços a partir das travessias de três mulheres.</i> . .	48
6. Configurando travessias: <i>lugares, paisagens e territórios</i> em transformação. .	72
7. Considerações finais.	84
Referências bibliográficas.	90
Apêndice.	101

Introdução

Compondo narrativas migrantes: mulheres em Rio Claro (SP)

Será esta uma única narrativa? Ou um entrelaçamento de *narrativas* – a do pesquisador, das mulheres depoentes, das referências bibliográficas, textuais e imagéticas? Ou ambas as questões? Sendo o *narrar* “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 198) e a fonte que recorrem todos os narradores é a “*experiência que passa de pessoa a pessoa*” acreditamos que estes escritos se encontrem na última questão: temos aqui tanto uma única narrativa como uma composição com marcas de diversas experiências.

Expliquemo-nos...

Nossas reflexões começaram a tomar forma entre os anos de 2003 e 2005, quando aluno de Licenciatura em Geografia¹ na cidade de Rio Claro (SP) participamos do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) como educador-bolsista². Neste projeto trabalhamos na

¹ Na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *Campus* de Rio Claro (SP).

² O PEJA é um projeto de formação de educadores que oportunizava reflexões e diálogos com outros participantes – educadores, educandos e coordenadores – sobre as questões pertinentes ao cotidiano da educação com adultos. Está vinculado a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), da UNESP. Nesse projeto, as turmas de educandos eram organizadas e denominadas conforme o local onde ocorriam, como: a Turma dos Funcionários

turma do Jardim Esmeralda, dentre outras, onde desenvolvemos algumas reflexões que nos conduziram a esta pesquisa.

Os encontros com esta turma aconteciam em bairro homônimo³ durante dois a três dias por semana, no período da tarde, com um grupo composto em sua maioria por mulheres, tendo apenas um homem, esposo de uma delas, aposentado que chegou a frequentar certo período. Não era a única turma feminina do projeto, assim como outra turma, do “*Consulado da Mulher*”, mas se diferenciava por ser de mulheres que se consideravam “*do lar*”, com uma ou outra exceção, que trabalhavam eventualmente como diaristas ou faxineiras, como se autodenominavam.

De um grupo de quinze educandas e um educando, cerca da metade tinha mais de 50 anos de idade. Somado a esse dado, um outro intrigava: a presença de pessoas que não eram naturais de Rio Claro. Isso também ocorria em praticamente todas as turmas do projeto, mas na turma do Jardim Esmeralda se sobressaía, inclusive com o único integrante masculino. Havia, entretanto, uma exceção, uma senhora nascera no município de Rio Claro, contudo, ela também participou do processo migratório, viveu em outras cidades em parte significativa da fase adulta para retornar na velhice para a cidade natal.

Nosso problema foi sendo delineado a partir de três aspectos principais: a presença feminina que havia experienciado a migração, a faixa etária dessas educandas – acima dos cinquenta anos –, além da busca tardia por escolarização. Sobre a faixa etária, remetia a pessoas que experienciaram a migração durante o período de transformações significativas na paisagem em razão da urbanização brasileira que se efetiva na segunda metade do século XX, especificamente, nas décadas de 1950 e 60, quando o país passa de uma população de maioria rural, situação que se inverte na década de 70. Questão essa que reflete, além de dados evidentemente quantitativos, outros aspectos de ordem espacial, social, cultural e ambiental.

Desse modo, instigava-nos a buscar saber sobre as *representações* espaciais das mulheres, das razões para as suas travessias, da condição de um dia terem sido migrantes,

da Universidade; da Comunidade (esta acontecia dentro do *campus* universitário, como a anterior, mas atendia pessoas da comunidade externa); do “*Consulado da Mulher*” – que mais tarde passou a ser denominada da “*Usina do Trabalho*” (mais detalhes, ver ARAUJO, 2006); turma do DAAE (Departamento Autônomo de Água e Esgoto), formada por funcionários desse departamento; e a Turma do Jardim Esmeralda. Projeto presente em diversos *campi* da Universidade, em Rio Claro está vinculado ao Departamento de Educação e desde o seu surgimento em 2001 (aos dias de hoje) está sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Rosa R. M. de Camargo.

³ Um bairro popular que surgiu durante as décadas de 1970 e 80. O Jardim Esmeralda faz parte de uma região da cidade separada pela Via Washington Luís, o que aumenta, de certa forma, a sensação de segregação do restante da cidade, sendo a estrada uma fronteira, uma barreira “*geográfica*”, entre duas áreas diferenciadas, dos bairros *novos* (composta, geralmente, de imigrantes nacionais de outras cidades do estado de São Paulo e também de outros estados e moradores naturais empobrecidos de Rio Claro que não têm condições para se estabelecerem na outra área) e dos bairros *antigos* – aproximando de certa forma às considerações abordadas por Elias e Scotson (2000).

sobre as transformações territoriais ocorridas em centros urbanos, dos quais do Sudeste, região na qual se inclui o município de fixação das depoentes. Quanto à busca por escolarização podemos assinalar que faz parte das peculiaridades dos sujeitos na modalidade de educação de jovens e adultos assinalada por Oliveira (1999, p. 59):

Assim, apesar do recorte por idade (jovens e adultos são, basicamente, “*não crianças*”), esse território da educação não diz respeito a reflexão e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea. O adulto, no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização... *Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiências no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo* (grifo nosso).

Identificamos que estes aspectos relacionados acima estabelecem especificidades quanto às formas desses sujeitos experienciar o mundo, ou seja, uma “*visão de mundo*” (TUAN, 1980), como representação singular desses sujeitos em relação a sociedade maior no qual estão inseridos. A partir de experiências de mulheres que trilharam o processo migratório durante a “*virada da urbanização brasileira*”⁴ perguntamos quais representações constroem sobre as mudanças nas paisagens nesse período. Em outras palavras, que espaço é vivido e como as paisagens se apresentam nas representações dessas mulheres com experiências migrantes, sujeitos itinerantes em “*territórios migratórios*”?

A ciência geográfica – não somente – que tem sido construída a partir do discurso masculino omitindo a “*abordagem da mulher como sujeito social*”, também construtora de espaços e representações (SILVA, 2005, p. 175). Assim, enfatizamos a necessidade de promoção de outras narrativas, outras *geografias*, outras memórias sobre o processo de efetivação da “*urbanização do território*” (SANTOS, 2005). Oliveira Júnior (2005) propõe: “*pensar e inventar outras interpretações para o mundo, a de permitir olhares diferenciados e diversificados às coisas do mundo*”. Há a especificidade da experiência migrante, de mulheres de *grupos* sociais não hegemônicos, com possibilidades de construções de

⁴ Procuramos chamar de “*virada da urbanização brasileira*” o período que vai da década de 1950 a 1970, quando a população urbana suplanta a população rural em proporção. Santos (2005, p. 77) denominou de “*revolução urbana brasileira*”.

“*memórias subterrâneas*” (SIMSON, 2000), de “*culturas alternativas*” (COSGROVE, 1998) às imagens-*memórias oficiais* que, de certa forma, são impostas, principalmente, pelos variados meios de comunicação da atualidade. Estamos nos referindo a representações carregadas de memórias.

Isto posto, objetivamos registrar percepções, construir interpretações e representações sobre as mudanças espaciais ocorridas na paisagem brasileira no decorrer da segunda metade do século XX a partir de narrativas de *memórias* de mulheres que *experienciaram* o processo da migração interna no referido período. Desse modo, utilizamos as perspectivas da geografia humanística e cultural para registrar e refletir a respeito das representações do espaço vivido.

Neste contexto, utilizamos a metodologia da *história oral*, não apenas para a construção de dados, mas como subsídio para a reflexão sobre a construção de memórias de extratos pouco visíveis no cenário social em relação às transformações na paisagem e no território brasileiro. Refletir sobre a experiência migrante e o delineamento de “*territórios migratórios*” que se estabelecem com esses percursos e a relação de “*enraizamento*” que através da dialética construção-destruição-reconstrução poderá ou não estabelecer espaços que poderíamos denominá-los de *lugares*.

Por tratar de *representações migrantes* a partir de memórias de mulheres com idade entre 67 a 80 anos, cabe o alerta de Martins (1993, p. 12):

Assim como a devastação da floresta destrói definitivamente espécies de vegetação úteis, a devastação ou mutilação de grupos sociais diferentes do nosso suprime modos de viver e de pensar, bem como destrói saberes que representam um germe de alternativa para a desumanização acelerada que estamos vivendo.

Admitimos que memória seja fenômeno social e sua existência é resultado de múltiplas interações no tempo e no espaço. Neste contexto, ao dar visibilidade a *memórias subterrâneas*, em relação a outras memórias presentes em sociedade, expressa a opção política deste intento.

Dividimos o estudo em duas partes principais, que, por sua vez, são subdivididos em capítulos. Na primeira parte temos os capítulos 1 e 2. No primeiro, buscamos relacionar a *memória* como fenômeno social trabalhada através da metodologia da *História Oral*. Não somente os produtos da *metodologia biográfica*, como os contextos de suas construções,

propiciam o afloramento de aspectos objetivos e subjetivos que entrelaçados vão compondo “*travessias*”, demarcando territórios, construindo *paisagens* específicas, paisagens femininas migrantes e lugares. Esses lugares não são necessariamente fixos no espaço, podem ser *lugares móveis*, “*lugar/movimento*” nos dizeres de Lima (1996). Está atrelada a locomoção de grupos familiares, como *lugares* seguros em relação aos espaços desconhecidos do caminho e que vão compondo “*territórios migratórios*” (SILVA, 2007).

No segundo capítulo são discutidos o conceito de representação social e as abordagens humanística e cultural em geografia. Buscamos as contribuições que nos levaram ao cumprimento de nossos objetivos. Acreditamos que elas permitem trazer, de forma assumida, a subjetividade como aspecto inerente da construção da pesquisa sem estar separada da objetividade que a contém.

Caminhamos para a PARTE II onde estão do terceiro ao sétimo capítulo. No capítulo 3 tratamos da migração interna como processo conjugado a modernização e a conseqüente urbanização de alguns centros durante o século XX. Nos capítulos seguintes buscamos estabelecer o diálogo com os depoimentos, estes delineando *territórios* a partir de paisagens representadas nas narrativas, paisagens que dialogam com a experiência, com as paisagens exteriores às colaboradoras, depoimentos que são a intersecção entre o contexto social e o individual (QUEIROZ, 1991, p. 24). Esses contextos não estão separados, mas sim, compõem identidades num tempo de globalização, de *sociedade do esquecimento* (SIMSON, 2000; SILVA, 2001).

Encerramos com as “*Considerações finais*”, capítulo sétimo, onde fazemos análise dos resultados mirando o futuro, haja vista, por tratarmos de um tema *móvel*, as perspectivas de espaço e tempo nas narrativas entrelaçadas são relativas, contextuais.

PARTE I
Memórias e Geografias

1. Memória como fenômeno social e *História Oral*

Para a compreensão de uma *experiência espacial*, na qual nos propomos pesquisar, deliberamos o papel da *memória* como matéria constitutiva de representações migrantes de mulheres idosas.

Bosi (1987, p. 9) escreve sobre a memória como “*afloramento do passado*” combinado “*com o processo corporal e presente da percepção*”:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “*desloca*” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1987, p. 9).

Pollak (1989; 1992) compõe a memória, essa “*força subjetiva*”, em, pelo menos, três aspectos que lhe são inerentes: primeiro, por *acontecimentos*, tanto os pessoais quanto os vividos pelo grupo social no qual a pessoa se sente pertencer, “*vividos por tabela*”, onde também estão os eventos que não necessariamente estão no espaço-tempo da pessoa ou grupo; segundo, a memória é constituída por *pessoas* ou *personagens*; e, finalmente, pelos *lugares*.

A memória é um processo extremamente seletivo, como a memória *coletiva* é resultado de um jogo de forças entre grupos sociais, “a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). O que é endossado por Bosi (1987, p. 17) para quem a memória “é trabalho” e que, na “maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. O passado não sobrevive na memória “tal como foi”:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1987, p. 17).

Apoiando-se em Halbwachs (1990) para o qual há tantas memórias quantos grupos existem, Bosi (1987) chama atenção a respeito da memória como *processo social*:

as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo... Se lembramos é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: “O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, nô-las provocam” (1987, p. 17).

Guarinello (1994) diz que em suas atividades como historiador e arqueólogo o colocaram frente a frente com as *fraquezas da memória*: “com os esquecimentos forçados pelos acasos da preservação, com a consciência do muito que não pode ser lembrado, porque não sobreviveu”. Ele completa dizendo que o arqueólogo, mais do que o historiador “opera seleções mais dramáticas”, ao que diríamos o pesquisador que lida com a construção da memória está sujeito a essas seleções dramáticas, por ter que fazer constantemente escolhas. E voltando ao raciocínio desse autor, o arqueólogo:

é obrigado a destruir os sítios arqueológicos para escavá-los e preservá-los como documentos. E assim fazendo, o arqueólogo acrescenta aos documentos seus próprios silêncios e desatenções. Para os arqueólogos, *memória* e *esquecimento* são os dois produtos inseparáveis de seu próprio trabalho –

aquilo pelo que não se interessou, no momento da escavação, aquilo que não observou, ou aquilo que não descreveu, perdeu-se para sempre. A arqueologia, de certo modo, me fez ver como a memória que produzimos é frágil e seletiva (GUARINELLO, 1994 – grifo nosso).

Acompanhando o processo de construção da memória está presente o *esquecimento*, outra face da mesma moeda. Como fenômeno social e individualmente construído podemos dizer que há uma ligação entre memória e identidade:

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Mori (1998, p. 8) chama atenção a respeito da memória como pressuposto teórico, “*como instrumento de reconstrução da identidade*” e, ao escolhermos os procedimentos da *metodologia da história oral* – denominados também de *método biográfico* (cf. SIMSON, 1998; 2000; 2003) –, estaremos tratando com esse “*material*” social e teórico que é a memória de mulheres que experienciaram a migração e, a partir dos *depoimentos* orais, construímos também os dados para a pesquisa:

é um tipo de trabalho que, investigando processos profundos de reconstrução do *self*, a que esse reelaborar da memória individual e grupal necessariamente nos conduz, provoca transformações tanto nos entrevistados como nos pesquisadores, criando muitas vezes aquilo que denominamos de uma parceria fecunda, a qual tem geralmente como resultado um trabalho altamente enriquecedor (SIMSON, 2003, p. 103).

Kenski (1996, p. 297), fala da necessidade, em se tratando do trabalho com *memória*, de uma perspectiva interdisciplinar que possa abranger os fenômenos numa sociedade cada vez mais complexa.

Como uma das formas escolhidas para as construções das narrativas, o relato oral, técnica de produção de material utilizada por cientistas sociais, vem sendo desenvolvida desde as primeiras décadas do século XX, com um breve obscurecimento com o desenvolvimento das técnicas quantitativas nos anos de 1940. Ressurge a partir dos “*novos meios de captar o real*”, equipamentos de registros sonoros e imagéticos, disseminados logo após a Segunda Guerra Mundial. Como exemplo pioneiro dessa nova fase encontramos referência ao trabalho

de Oscar Lewis, “*Os filhos de Sanchez*” (QUEIROZ, 1991; THOMPSON, 1992), na década de 1960, que:

embora se considere hoje discutível a maneira pela qual agiu, ao colher as várias histórias de vida de membros da família Sanchez, mostrou como utilizar um novo meio de registro, recolheu precioso repositório de dados, criou documentos cuja exploração é ainda possível, apesar das dúvidas levantadas. (QUEIROZ, 1991, p. 2)

O relato oral como atributo humano de transmissão cultural pode dizer respeito ao passado remoto quanto ao passado recente: “*tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está relatando, quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições do grupo ou da coletividade*” (QUEIROZ, 1991, p. 3). São os *acontecimentos*, um dos três componentes constituintes da memória, assinalada acima (POLLAK, 1992).

Queiroz diz que nessa cultura narrativa que acompanha a história humana “*encerra uma primeira transposição*”, a experiência transformada em palavra oral: “*Um primeiro enfraquecimento ou uma primeira mutilação ocorre então, com a passagem daquilo que está obscuro para uma primeira nitidez – a nitidez da palavra – rótulo classificatório colocado sobre uma ação ou uma emoção*” (1991, p. 3), ou seja, o narrador como intérprete entre o *indizível* e o *dizível*. Podemos lembrar de outra transposição que ocorre com a passagem do oral para um signo – o desenho ou a escrita: “*Da mesma forma que desenho e palavra escrita constituem uma reinterpretação do relato oral, também o indivíduo intermediário, por mais fiel que seja, acrescenta sua própria interpretação àquilo que está narrando*”.

Reconhecendo essas características da metodologia da história oral, optamos, dessa forma, por uma *abordagem qualitativa* em pesquisa, pois “*envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada*”, enfatizando “*mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes*” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13), ao que Erickson (1989) também denomina de *método de investigação interpretativa*.

Como Simson (2006, p. 74) diz, “*trabalho no âmbito da História Oral (...) exige, para uma boa qualidade da análise, uma percepção do contexto em que a coleta do relato se deu e uma captação das mensagens não orais que o informante transmite na relação com o pesquisador*”, daí a importância do pesquisador participar de todo o processo de produção do relato, acompanhando os detalhes da captação que vão além da mensagem falada, composta

desde as reações corporais do informante e do pesquisador, os silêncios, como os dados do ambiente em torno.

A construção propriamente da narrativa é uma etapa intermediária que é antecedida por um processo de criação de laços que vão se consubstanciando até chegar a sua *captação*: “*Além disso a análise propriamente dita é construída levando em conta o significado daquele relato no âmbito de um conjunto de depoimentos que são gerados pela rede ou redes de informantes, construídas pela pesquisa*” (SIMSON, 2006, p. 75). Como foi dito anteriormente as redes foram sendo tecidas a partir dos espaços de educação de adultos que vivenciamos junto as depoentes e foram se transformando em vínculos de respeito e amizade.

Simson (2006) aponta que uma análise válida dos relatos orais é possível através do “*método comparativo e respondendo às perguntas fundamentais (Quem fala? De onde fala? Por que fala?)*” (2006, p. 75).

Os conteúdos dos depoimentos são perspectivas que realçam a diversidade de experiências que são trazidas à tona: *quem fala? São mulheres idosas* que experienciaram a migração, denotando um ponto de vista específico, realçando conflitos, desigualdades presentes no meio social, desigualdades econômicas, de classes e, também, nesse caso, de gênero. Já o de *‘onde falam’* pode comportar desde o espaço geográfico de quem fala, como os espaços na hierarquia social ocupados por quem está falando. O *‘por quê’* de estar falando é algo que pode ser interpretado na construção dos relatos, nas transcrições, como nas análises das mesmas. Num primeiro momento ele não é claro, sendo necessário aquele olhar atento que fala Simone Weil (*apud* BOSI, 2003, p. 210): “*O método para compreender os fenômenos seria: não tentar interpretá-los mas olhá-los até que jorre a luz. Em geral, o método de exercer a inteligência que consiste em olhar*”. Por outro lado, o olhar do pesquisador é seletivo e pode amputar dados que poderiam ser relevantes, mas assumimos as nossas incompletudes e as possibilidades de não realçar aspectos que poderiam ser relevantes.

Mori (1998) propõe três etapas na construção da análise. Primeiramente, a partir da chamada “*leitura flutuante*” onde, no contato com os depoimentos transcritos, se deixa invadir pelas impressões proporcionadas pelo texto que devem ser anotadas como referências iniciais. Nas próximas leituras se busca um maior aprofundamento procurando “*captar o obscuro, o desconexo, o implícito (...) impressos nas lacunas e entrelinhas de cada história*” (MORI, 1998, p. 9). Num último momento, buscando estabelecer um quadro mais nítido, esquemas de leituras, categorias alcançadas e analisadas são comparadas entre si buscando pontos referenciais que estructurem as memórias. A narrativa final pode ser considerada como

resultado de um conjunto de narrativas compondo uma montagem, um reordenamento conforme os objetivos propostos.

Para tanto, buscamos construir narrativas que envolvem *depoimentos temáticos*⁵: “a narrativa é tanto o fenômeno que se investiga como o método da investigação” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 12), que pressupõe uma busca por uma relação de igualdade com aqueles que irão contribuir com seus depoimentos (CONNELLY; CLANDININ, 1995; PORTELLI, 1997), denominada de natureza colaborativa: “*todos os participantes se vem a si mesmos como membros de uma comunidade que tem valor para ambos, para investigadores e praticantes, para teoria e para a prática*” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.18).

1.1. Pequena nota sobre *narrativa*

No exposto, apontamos a importância da idéia de *narrativa* – “*faculdade de intercambiar experiências*” (BENJAMIN, 1994, p. 198) – que permeia todo este trabalho de pesquisa. Benjamin (1994, p. 205) escreve que, como uma arte em vias de extinção, “*é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação*”. A extinção se dá por causa da enorme difusão das informações que teve início com a invenção da imprensa no período moderno. Como atividade artesã, necessita do contato entre pessoas, envolvendo “*a alma, o olho e a mão*” (BENJAMIN, 1994, p. 220) daqueles que participam de sua concepção. O *narrar* é substanciado tanto pelas experiências de quem narra, imprimindo na narrativa “*a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso*” (1994, p. 205), como as experiências gravadas em sua alma relatadas por outros, vividas assim “*por tabela*”:

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? (BENJAMIN, 1994, p. 221).

⁵ Na *História Oral*, especificamente, a técnica de construção de *depoimentos* há um direcionamento deliberado pelo pesquisador a partir dos objetivos propostos pela sua pesquisa (cf. QUEIROZ, 1991).

A ação de narrar envolve todo corpo do narrador: seu olhar que envolve a assembléia de ouvintes e seus *gestos* que não se limita às movimentações das mãos, mas como parte da expressividade humana⁶:

Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito (BENJAMIN, 1994, p.220-221).

Por tratarmos de memórias migrantes de mulheres que já se encontram no período da velhice, Benjamin sugere que essa fase da vida humana dá uma autoridade característica a quem narra: a experiência da morte tantas vezes presenciada durante a vida como sua proximidade eventual por causa da idade: “*A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade*” (BENJAMIN, 1994, p. 208).

Dessa forma, as narrativas construídas nesta pesquisa, como alerta Bosi (1987, p. 1), não tem a proposta de *amostragem*, aproximando ao que André (1984) se referiu ao *estudo de caso*. A partir de uma perspectiva qualitativa, que não necessariamente pretende abarcar a totalidade dos acontecimentos, buscamos interpretar a especificidade de panoramas, de “*representação singular da realidade*”, que é “*multidimensional e historicamente situada*” (ANDRÉ, 1984, p. 52), atentamos em tecer registros de memórias de mulheres em territórios migratórios.

Os depoimentos foram gravados e armazenados em fitas cassetes que foram transcritos para a facilitação da análise, além do diário de campo que nos acompanhou em todo percurso de estudo. Nos relatos buscamos os aspectos que se aproximam e, por outro lado, o que se diferenciam, buscando relações às transformações espaciais brasileira tendo em foco as perspectivas das representações migrantes, especificamente, da experiência migrante feminina.

⁶ Sobre a idéia de *gesto* ver Zagonel (1992).

2. Representações, geografias e memórias subterrâneas:

Paisagens e territórios a partir dos espaços da experiência: os lugares

Como Bachelard (1993; 1997), nos valemos da imagem poética para as nossas reflexões a respeito das *representações* migrantes. Segundo o poeta Fernando Pessoa uma *paisagem exterior* está em íntima relação com uma *paisagem interior*:

EM TODO o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção (...) essas paisagens fundem-se, interpenetram-se (PESSOA, 1980, p. 73-4).

O poeta faz questão de enfatizar com letras maiúsculas: “*EM TODO o momento...*”. *Paisagens* não somente como cenários sensíveis – visuais, táteis, olfativos, sonoros – “*detonadores de memória*” (LIMA, 1996, p. 15), mas como *paisagens representadas* a partir de memórias específicas que relacionadas à idéia de *experiência*, conforme sugere Jorge Larrosa (BONDIA, 2002, p. 21), como sendo “*o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca*” (grifo nosso), não o que simplesmente passa, acontece, ou toca. Paisagens que se dão da

reverberação da experiência no e com o mundo, nas construções *nos* e *dos* sujeitos sociais que constroem e reconstróem suas representações em relação com outros sujeitos e com espaço próximo e/ou distante. Em outras palavras, como diz Schama (1996, p. 17): “*Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas*”.

São *paisagens representadas* a partir das narrativas das memórias sobre os espaços experienciados. Ab’Saber (2003, p. 9) escreve que a paisagem é uma “*herança*”, o que dizer, então, da paisagem representada a partir da experiência migrante de mulheres? Bem, para falar de paisagem como representação leva em consideração a centralidade humana nas representações. Não há paisagem sem a presença humana⁷.

A percepção, como “*processo presente*” (BOSI, p. 7) de direcionamentos dos sentidos, é influenciada pelas representações dos sujeitos, portanto, não são aleatórias e muito menos neutras, carregam em si toda bagagem social e cultural de quem percebe. Essa *herança* quando trabalhada através da *História Oral* como método pode se transformar em *memória* como objeto de estudo (SIMSON, 1998; 2000; 2003).

Lefebvre (1966, p. 140) estudando escritos de Marx e Engels já se referiu que são “*os homens que produzem as suas representações, as suas idéias – os homens reais, ativos, condicionados pelo desenvolvimento determinado das potências produtivas*”, dessa forma, há o diálogo entre sujeito e objeto, aspectos que não se excluem na construção do conhecimento⁸. Para o educador Paulo Freire (1979; 1990; 1997) o mundo deixa de ser mero suporte, meio da vida biológica, para ser *mundo* a partir do momento em que o ser humano intervém nesse suporte de forma significativa e criativa, uma apropriação cultural do planeta poderia dizer os geógrafos culturais:

Inventando a linguagem com que passaram a dar nome às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que se foram habilitando a inteligir o mundo e criaram por consequência a necessária comunicabilidade do inteligido, já não foi possível *existir* a não ser disponível a tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiúra do mundo (FREIRE, 1997, p. 58).

O que vem ao encontro da experiência migrante, de sujeitos *desenraizados* que foram, de certa forma, obrigados *a agir sobre o mundo* forjando uma *visão*, uma representação

⁷ Aspecto que, de certa forma, detalha Keith Thomas em “*O predomínio humano*” (1989).

⁸ Marx e Engels já definiam a unidade entre *sujeito e objeto* que estavam separados nos pensamentos de Feuerbach e Hegel (LEFEBVRE, 1966).

peculiar. “*O homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece*” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 6), ao que Freire (1997, p. 64) acrescenta: “*estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros*”. O que faz do ser humano um ser que se realiza em relação com outros seres e espaços, um ser *inacabado*, em permanente movimento:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, em esculpir, sem filosofar, sem pontos de vistas sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, em assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 1997, p. 64).

O ser humano como ser social, que se produz em relação com o seu contexto de vida, é um ser que cria *representações* do mundo que habita. Suas referências não estão restritas ao seu tempo presente, mas abrange sua bagagem cultural que o liga ao seu passado: “*Na realidade não há percepção que não esteja impregnada de lembranças*” (...) “*Um outro dado entra no jogo perceptivo: a lembrança que ‘impregna as representações’*” (BOSI, 1987, p. 8). Para Guareschi (2003, p. 20) as representações não são ações somente cognitivas, mas também afetivas e sociais.

O conceito de *representações sociais* foi desenvolvido por psicólogos sociais, em especial Moscovici, a partir dos estudos do sociólogo Émile Durkheim sobre as representações coletivas. Para Moscovici (1978, p. 25) foi “*Durkheim o primeiro a propor a expressão ‘representação coletiva’. Quis assim designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual*”. Dessa forma, há preponderância do social nos produtos das representações: “*Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagens, porque ela realça e simboliza atos e situações*” (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

Representar vai além da ação de organizar a realidade para nos sentirmos integrados a mesma, é “*de fato, edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos*” (MOSCOVICI, 1978, p. 27). A representação é um conceito e, ao mesmo tempo, um componente da realidade.

Moscovici fala da “*quase*” tangibilidade das representações, sendo, ao mesmo tempo, *substância simbólica* (um conteúdo das interações sociais) e prática (a forma desse conteúdo):

Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações

trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à *substância simbólica* que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância (1978, p. 41).

Os pesquisadores da chamada *Escola de Chicago* denominaram de “*interacionismo simbólico*” quanto “*a natureza simbólica da vida social*”. As “*significações sociais devem ser consideradas como ‘produzidas pelas atividades interativas dos agentes’*” (BLUMER, 1969 *apud* COULON, 1995, p. 19). A representação reproduz, mas:

essa reprodução implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ele se torna doravante solidário. Aliás, o dado externo jamais é algo acabado e unívoco; ele deixa muita liberdade de jogo à atividade mental que se empenha em apreendê-lo. A linguagem aproveita-se disso para circunscrevê-lo, para arrastá-lo no fluxo de suas associações para impregná-lo de suas metáforas e projetá-lo em seu verdadeiro espaço, que é simbólico. Por isso, uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam e o significado das respostas a dar-lhes (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

Moscovici conclui que a representação social “*é uma modalidade de conhecimento particular*”, singular, única em sua natureza,

que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (...) possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta. Assim, uma representação social é, alternativamente o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado (1978, p. 26-7).

Formar uma representação é vincular “*a um sistema de valores, de noções e práticas que confere aos indivíduos as forma de se orientarem no meio social e material, e de o dominarem*”. E também, “*propondo-os aos membros de uma comunidade a título de veículo para suas trocas e de código para denominar e classificar de maneira clara as partes do seu mundo, de sua história individual e coletiva*” (MOSCOVICI, 1978, p. 27). Representar é, ao mesmo tempo, “*veículo*” e “*código*”, transporta o que representa e é inteligível por entre os pares que a utiliza. Dá forma aos conteúdos das comunicações.

Para a teoria das representações sociais o senso comum não é um conjunto de saberes menores, como *representações* que são, “*é um corpo organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social,*

inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação” (op. cit. p. 28). Em outras palavras, “para o chamado homem moderno a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto” (MOSCOVICI, 1978, p. 44).

Diferente de Durkheim, para quem as descrições produzidas pelos agentes sociais “*são vagas e ambíguas demais para que o pesquisador lhes possa dar um uso científico*”, onde os aspectos subjetivos não pertenceriam ao domínio sociológico, a idéia do *interacionismo simbólico* afirma que é a concepção que esses mesmos agentes “*têm do mundo social que constitui, em última instância, o objeto essencial da investigação sociológica*” (COULON, 1995, p. 20). Com a interpretação *interacionista*:

O agente aprende a construir seu ‘*si*’, e o dos demais, graças à sua interação com estes (...) os ‘*si*’ adquirem um significado social, tornando-se fenômenos sociológicos, que constituem a vida social. O estudo sociológico deste mundo, portanto, deve analisar os processos pelos quais os agentes determinam suas condutas, com base em suas interpretações do mundo que os rodeia (COULON, 1995, p. 20).

Poderíamos traduzir esse *si* como o aspecto da construção da *identidade* e que, pela primeira vez na pesquisa social, o interacionismo simbólico “*dá lugar teórico ao agente social como interprete do mundo que o rodeia*”, levando em conta “*o ponto de vista dos agentes sociais, pois é através do sentido que atribuem a objetos, indivíduos e símbolos que os rodeiam, que eles fabricam seu mundo social*” (COULON, 1995, p. 22).

A construção da identidade se relaciona ao que Weil (1979) escreveu sobre o “*enraizamento*”:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente (WEIL, 1979, p. 347).

Encarada como uma “*categoria explicativa*” (GARCIA, 1997, p. 12), discutir o enraizamento como sentimento de pertencimento de um grupo que possui um determinado lugar social, implica discutir a questão da identidade, como “*um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada*” (HALL, 2006, p. 15).

Para Hall (2005), o sujeito contemporâneo não é visto como possuidor de uma identidade fixa, essencial ou permanente. Pelo contrário, *“identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”* (2005, p. 12-3). Como *“celebração móvel”*, ou mesmo *“líquida”* (BAUMAN, 2005), ela é *“definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”* (HALL, 2005, p. 13). No sujeito contemporâneo há *identidades contraditórias*:

empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora *‘narrativa do eu’*. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005, p. 13).

A questão da identidade denota o caráter *“intersubjetivo”* das representações que se travam nas construções socioespaciais: *“A existência do outro como “outro eu”, dá-nos acesso a um mundo que não é mais unicamente o da experiência particular, mas o mundo ‘intersubjetivo’ que existe para todos”* (SERPA, 2001). A percepção como condicionada pelas representações é sempre intersubjetiva e histórica, ou seja, passa pelo crivo da cultura, *“nunca é (...) única e racional”* (BEZZI, 1996).

Para o intuito deste trabalho, as categorias *“tradicionais”* da geografia – *paisagem, território e lugar* – servem como *eixos* para a análise das representações dos espaços experienciados.

A idéia de *lugar* que sugere Weil (1979) nos parece de vital importância para entendermos a relação das pessoas aos espaços da experiência. Sobre o tema, escreve Tuan (1983, p. 4): *“Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades”*. Relph (1979, p. 18) assinala que esta categoria comporta muito mais que o sentido de localização:

se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou como pontos de parada numa passagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são os centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens.

Nesse sentido, os lugares são espaços nos quais os sujeitos estabelecem ligações de familiaridade e afetividade. São espaços da experiência *“apropriados através do corpo”* (CARLOS, 1996, p. 22).

Esta categoria focaliza as outras categorias espaciais – *paisagem e território* – em torno das intenções e experiências humanas. Conhecemos o mundo *“através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações. Neste sentido (e há muitos outros) lugares são existenciais e uma fonte de auto-conhecimento e de responsabilidade social”* (RELPH, 1979, p. 16).

Dardel (1952) fala do lugar como ponto de partida da experiência geográfica onde as bases da existência e condição humana se estabelecem. *“Nós podemos trocar de lugares, mudar, mas isso é ainda a procura de um lugar; precisamos de uma base para estabelecer nossa Existência e realizar nossas possibilidades, um aqui a partir do qual descobrir o mundo, um acolá para o qual ir”* (1952, p. 56 - grifo do autor).

O processo de *enraizamento* e o de *desenraizamento* (cf. SILVA, 1999; 2001; GUILLEN, 2001; FROCHTENGARTEN, 2009) podem se dar como uma relação afetiva com os lugares experienciados, como *topofilia* ou *topofobia*⁹ e, dessa forma, entendidos a partir da *experiência espacial* (TUAN, 1983; RELPH, 1979) de quem as vivenciou. Ou nos dizeres de Lima (1996, p. 15):

o espaço vivido, experienciado como uma forma viva, onde fica clara a percepção dos lugares como “capsuladores do tempo e detonadores da memória”... A leitura da paisagem encontra-se deste modo, vinculada à percepção sensível do espaço, onde de acordo com Bueno (1994, p. 14), os *“verbos conhecer e viver desdobram-se em padecer, esperar, amar, discutir, negar, em síntese, experienciar...”* (grifo da autora).

O que para Sartori (2000, p. 13): *“A realidade objetiva inclui a percepção ambiental como fruto da experiência vivida e sentida, uma vez que o corpo humano não termina em seus limites físicos, estendendo-se nas coisas e nas pessoas com as quais se relaciona cotidianamente”*.

Se buscamos tratar de representações de mulheres que experienciaram o processo da migração interna brasileira – um processo compulsório, precário, gerado em tensões sociais e econômicas – poderíamos relacioná-las aos *“sujeitos da experiência”* (BONDÍA, 2002, p. 25): o *“sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um*

⁹ Se *topofilia* é o laço afetivo que liga as pessoas a espaços, paisagens e lugares, *topofobia*, ao contrário, é a repulsa ou sentimento de medo por determinado espaço, ou paisagem ou lugar (AMORIM FILHO, 1996; BACHELARD, 1993; LIMA, 1996, p. 77; RELPH, 1979; TUAN, 1980).

espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade e ocasião". Nesse caso, a migração podendo ser uma última escolha, última opção, limiar de um mundo para o início de um outro desconhecido, buscar por algo além da sobrevivência, dignidade talvez, materializado na relação com o mundo do trabalho (BEIRO, 2005; RESENDE, 1986).

Errantes como *ciganos* os caminhos trilhados podem, como sugere Lima (1996, p. 77), ser entendidos como *lugar/movimento*, que vão estabelecendo "*territórios migratórios*" (SILVA, 2007). Quando se trabalha com a idéia de *territórios migratórios*

é necessário levar em conta os espaços de origem e destino, além dos lugares intermediários, como os de passagem e aqueles que servem como instalações temporárias no percurso da migração. O território migratório é um espaço organizado e significativo que mantém uma lógica própria (SILVA, 2007).

Na configuração dos *territórios migratórios* os espaços *de origem e de destino* estão "*unidos e próximos socialmente*". Formados pelos migrantes, esses territórios são tecidos no tempo e no espaço da itinerância por uma rede de relações e de significados, onde os primeiros são sujeitos privilegiados como testemunhos para se entender parte do processo migratório brasileiro. Se para Larrosa os sujeitos da experiência são eles próprios "*territórios de passagem*" (BONDÍA, 2002, p. 26), nesse entender, os migrantes são eles também, metaforicamente, "*territórios*".

A idéia de "*território mostra que a compreensão dos lugares e das paisagens não se realiza sem limites e limitações propostas, opostas ou impostas pelos homens*" (SEEMANN, 2002/2003, p. 45) e o migrante vive um processo, geralmente, ligado às tensões sociais que deixa marcas tanto na paisagem como nos próprios sujeitos. Wright (1947 *apud* LOWENTHAL, 1982, p. 103) chamou de *terrae incognitae* as representações geográficas que as pessoas trazem em seu íntimo.

Nossa proposta, de certa forma, vislumbra as categorias *paisagem e território* a partir da categoria *lugar*: esse espaço da experiência, não necessariamente, imediata, mas mediada pelas memórias migrantes de mulheres, assim, não é necessário que os fatos e objetos estejam próximos no tempo e no espaço.

Na pesquisa proposta, a assunção da subjetividade junto à objetividade é permitida através de abordagens humanísticas e culturais. Essas abordagens apresentam características e temáticas comuns, mas, para Holtzer (1993, p. 111) o que pode diferenciá-las é que a primeira enfatiza "*o mundo vivido e a intencionalidade humana como fator de modificação e de*

ligação com o hábitat”. Como aponta Christofletti (1982, p. 22) “os geógrafos humanistas argumentam que sua abordagem merece o rótulo de ‘humanística’, pois estudam os aspectos do homem que são mais distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos”.

Amorim Filho (1996), após listar os principais autores da *percepção ambiental* – como tema humanístico – identificando suas raízes a partir do século XIX, destaca o trabalho do geógrafo Yi-Fu Tuan que, desde o início dos anos de 1970, “tem apresentado novos e fundamentais conceitos para a compreensão do ambiente e das aspirações do homem em termos de qualidade ambiental” (1996, p. 141). A partir de um simpósio sobre percepção ambiental e comportamento¹⁰, propõe Tuan:

um projeto humanista para a geografia, ou, como (...) sugere, uma diversidade de possíveis ‘aproximações humanistas’, tais como: as atitudes do indivíduo em relação a uma região; a concepção, pelos indivíduos, da sinergia homem–natureza; atitudes dos povos acerca do ambiente e as cosmografias nativas (HOLTZER, 1993, p. 118).

Ao falar sobre a relação que as pessoas vão estabelecendo com o espaço geográfico Tuan (1980, p. 285) esclarece: “*Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira fútil*”.

Por outro lado, Claval (2002, p. 135) salienta que a geografia cultural agrupa pesquisas “que têm em comum a ênfase no papel das representações, crenças e sistemas de idéias na formação das paisagens e na organização do espaço”. Quando dizemos acima sobre “paisagem interior”, como representação, ela tem um papel importante na transformação das paisagens, pois seus portadores são agentes ativos nas construções de espaços. Não são apenas as “memórias ou culturas dominantes e oficiais” que produzem paisagens, mas outras memórias, outros agentes sociais, não evidentes no cenário social, também participam dessas construções.

Relacionando a questão da memória na perspectiva histórica e social pode ser tratada em pelo menos duas formas que se inter-relacionam: de um lado, a *memória coletiva* ou *oficial* (geralmente legitimada pelas classes dominantes da sociedade) e, de outro, as *memórias subterrâneas* ou *marginais*. Vamos nos deter em memórias que se enquadram nessas últimas, “que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade” (SIMSON, 2000, p. 63).

¹⁰ Ver LOWENTHAL, 1967.

Enquanto as memórias oficiais encontram ressonância social chegando até mesmo a se materializar nos chamados “*lugares da memória*” (NORA, 1993) – monumentos, suportes concretos variados, textuais, obras de arte, entre outros –, por outro lado, as *subterrâneas* ou *marginais* somente se expõem “*quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergjam e possam ser registradas, analisadas e passem, então, a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade*” (SIMSON, 2000, p. 64 – grifo da autora). Essas memórias se encontram guardadas “*no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passados de geração a geração*” (*idem*, p. 64).

Nessa perspectiva, Simson (1998), apoiando-se no semiólogo Yuri Lotman, enquadra *cultura* como sendo também *memória*:

A cultura é a memória longa de uma comunidade (...) e não um simples depósito de informações: é um mecanismo organizado de modo extremamente complexo que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis. Recebe as coisas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as a um outro sistema de signos (...). Somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória (LOTMAN *apud* SIMSON, 1998, p. 33).

Quanto à importância desse *patrimônio* é “*a cultura de uma sociedade*” que “*fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem possam exercer o seu poder de seleção realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória*” (SIMSON, 2000, p. 64 – grifo da autora). A esses *filtros* pode-se relacionar os aspectos identitários ao se viver num dado grupo.

Somadas as prerrogativas humanísticas, as representações são guiadas pelos contextos socioculturais nos quais os sujeitos vão construindo suas trajetórias, conforme alerta Cosgrove (1998, p. 104): “*uma posição diferente na sociedade significa uma experiência e consciência diferentes, até certo ponto uma cultura diferente*”. O que faz aparecer dentro de uma mesma sociedade concepções diferenciadas: “*Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político (...) mas também em termos de sexo, idade e etnicidade*” (COSGROVE, 1998, p. 105).

A abordagem humanístico-cultural não é um subconjunto autônomo dentro da geografia humana, mas a importância em desenvolvê-la:

é reconhecer que, ao lado das lógicas econômicas, sociais ou políticas em ação na vida coletiva, existem outras que dizem respeito às particularidades dos

sistemas de representação, dos signos e dos símbolos pelos quais apreendemos o mundo e conseguimos nos comunicar (CLAVAL, 2002, p. 136).

Claval (2002, p. 141-2) nos traz uma definição de cultura a partir da antropologia:

como conjunto daquilo que os homens recebem de herança ou que inventam; ela é feita de tudo aquilo que é transmissível (...) é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, idéias e normas. Ela inclui a imagem do meio ambiente próximo e os conhecimentos, práticas e ferramentas que permitem tirar partido dele.

A transmissão cultural não acontece simples e puramente, pois quem recebe essa herança faz uma (re)*leitura*, (re)interpreta a partir da bagagem cultural, da *leitura de mundo*, que traz consigo¹¹. Por outro lado, a cultura como aquilo que “*os homens inventam*”, por ser justamente uma invenção, criação, reconstrução a partir do que é transmitido pelas gerações mais antigas, representa o caráter dinâmico do que se traduz como cultura – uma constante com respeito às *invenções da memória*, o que justamente denota sua riqueza de possibilidades (cf. AMADO, 1995).

Além de considerar o universo humano em sua dimensão material, Claval (2002) levanta outras questões que passam pelos *significados*, como esforços que tentam organizar o mundo. Um aspecto nos remete a construção-conservação-transmissão da memória como cultura:

Passar mensagens ou difundir conhecimentos é, antes de tudo, um problema de comunicação. Isso pode ser verificado por um fato: as sociedades se transformam quando os meios de que elas dispõem para anotar as informações, conservá-las e fazê-las circular se modificam (CLAVAL, 2002, p. 141).

Sobre a questão da comunicação, Moscovici (1978) aponta:

jamais se reduz à transmissão das mensagens de origem ou ao transporte de informações inalteradas. Ela diferencia, traduz, interpreta e combina, assim como os grupos inventam, diferenciam ou interpretam os objetos sociais ou as representações de outros grupos. (...) No processo de comunicação, acompanhamos passo a passo a gênese das imagens e dos vocabulários sociais, seu conúbio com as regras e os valores dominantes, antes que componham uma linguagem definida, a fala da sociedade. Uma fala bem feita, para ser escutada, trocada e fixada na prosa do mundo (1978, p. 28-9).

¹¹ Para Paulo Freire (1990, p. 11) “*o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra... mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo*”.

As pessoas, ou os grupos sociais, como portadores dessas mensagens, *trazem* consigo o espaço que percorreram. “*Os fatos culturais interessam à geografia porque o espaço e o ambiente intervêm nos processos de transmissão e constituem um dado essencial daquilo que se transmite de uns para os outros*” (CLAVAL, 2002, p. 142). As prerrogativas espaciais como fatos sociais condicionam as culturas que sobre elas são geradas e ressignificadas. Cultura não é herança apenas:

Ela comporta elementos novos, é o fruto de uma incessante atividade inventiva. Os lugares onde as idéias germinam não são distribuídos ao acaso: as regiões de densidade elevada e os grandes centros urbanos favorecem os encontros e as trocas, o que estimula as reflexões. (...) Os estudos dos processos culturais, evidentemente, têm uma dimensão coletiva, pois as concepções do mundo, da natureza ou da sociedade – que nos abrem a todas as influências, ou nos isolam do resto do mundo – exprimem as atitudes de preferências de um grupo que tais concepções definem. A geografia cultural contribui para explicar por que as células sociais se opõem, ou por que se integram em construções mais amplas (CLAVAL, 2002, p. 143 e 145).

No caso do ser migrante, ao entrar em um espaço desconhecido, adentra num espaço onde a paisagem e sua organização lhe informa os lugares e as posições sociais de seus integrantes: “*relembra suas hierarquias e designam aqueles que nelas ocupam posições de influência ou autoridade*” (CLAVAL, 2002, p. 146). Relegam aos recém-chegados, geralmente, às ruas, favelas, cortiços e bairros populares. A essas imposições, Bosi (2003), voltando à definição de enraizamento de Weil, relaciona a função simbólica materializada no espaço a partir da idéia de *desenraizamento* no qual – aqueles já desenraizados – são submetidos:

A metáfora de Simone Weil ganharia uma força inesperada se enxergássemos nos loteamentos populares como a terra é raspada pelo trator que condena o solo à esterilidade. Roubando-se a camada de terra-mãe, fértil, escura, o morador fica impedido de plantar no torrão árido e vermelho sobre o qual assenta a casa. E a palavra “homem” deriva de “húmus”, chão fértil, cultivável. Assim começam os bairros de periferia, despojando o homem da terra de sua humanidade (2003, p. 177).

Quanto a essa infertilidade nos bairros populares é testemunhado pelo depoimento de Angelina (Capítulo 5).

Paul Claval (2002, p. 146) fala que “*a paisagem carrega a marca das culturas que a formaram: inicialmente, marca funcional (...) em seguida, marca simbólica*”. Como exemplo

traz a colonização do Meio-Oeste dos Estados Unidos: “*Um quadro geométrico é imposto a uma natureza diversa e proliferante: isso traduz uma firme desconfiança com relação a forças que parecem incontroláveis*”.

Relacionamos este exemplo às demarcações das terras nas chamadas “*franjas pioneiras*” assinaladas por Monbeig (1984), no norte do estado do Paraná e oeste de São Paulo. O primeiro caso é comum nessa lógica geométrica de demarcação. Diferente do ocorrido no vizinho estado paulista, onde o fracionamento territorial acompanhava, geralmente, os traçados do relevo, os interflúvios e os canais dos rios. Na porção oeste de São Paulo, apesar de também estar sob a mesma lógica de expansão agrícola que estava condicionada o estado paranaense, há implícito outros valores culturais de quem as colonizou e começou a organizar esse espaço que no início do século XX eram denominados de “*terrenos desconhecidos habitados por índios*” (FITTIPALDI, 2006). Enquanto em São Paulo, com certa evidência, a “*marcha pioneira*” era financiada pelo poder público e grandes fazendeiros, com as linhas de ferro acompanhando os espigões e as terras férteis para a cultura do café, nas terras do Paraná, além desses aspectos, há ações de companhias inglesas dentro de uma lógica próxima a colonização estadunidense como no exemplificado por Claval (2002).

Os exemplos paranaense e paulista são significativos do entrelaçamento entre os aspectos humanísticos com os culturais neste estudo, pois eles são desvelados nas narrativas migrantes que vamos ver à frente.

PARTE II
Territórios migratórios

3. Apontamentos sobre a *virada da urbanização brasileira*

É conhecida a intensidade da *migração interna* brasileira a partir de meados do século XX (COSTA, 1996; DURHAN, 1973; GUILLEN, 2001; SANTOS, 2005; SANTOS; SILVEIRA, 2001), mas pouco se sabe sobre as representações daqueles que a experienciaram. Assim, sugere Queiroz (1991, p. 18): “*saber como agiam os ‘silenciosos’, aqueles que pouco aparecem na documentação escrita, isto é, as camadas de baixa renda; saber como encaram sua existência diante das modificações velozes em curso*”. Ou como adverte Sérgio Buarque de Holanda: “*fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história*”¹².

Não se pode ignorar que o processo migratório ocorre durante toda história brasileira, acompanhando os “*ciclos*” econômicos e as mudanças dos espaços internos de atração. Mas há uma diferenciação nesse processo durante o século XX: o altíssimo grau de urbanização. Para Lefebvre (2001, p. 19) a urbanização, juntamente com a industrialização, faz parte de processos mundiais. O Brasil estando inserido nesse contexto reage às exigências dessa internacionalização, aspecto este verificado nos direcionamentos políticos em favor da

¹² Epígrafe em BITTENCOURT, 2007, p. 185.

modernização dos processos produtivos que são também refletidos na mobilização de mão-de-obra pelo território.

A urbanização brasileira que começou a se implementar nas décadas finais do século XIX atinge índices ainda não conhecidos pelo país até então¹³. A *virada da urbanização* ocorre entre as décadas de 1950 e 70 quando a população passa de maioria rural para maioria urbana nessa última década. Período denominado por Santos (2005) de “*revolução urbana brasileira*”, é marcado pelo esvaziamento das áreas rurais e o conseqüente inchaço das cidades médias e grandes:

Desde a revolução urbana brasileira, consecutiva à revolução demográfica dos anos 50, tivemos, primeiro, uma urbanização aglomerada, com o aumento do número – e da população respectiva – dos núcleos com mais de 20 mil habitantes e, em seguida, uma urbanização concentrada, com a multiplicação de cidades de tamanho intermediário, para alcançarmos, depois, o estágio da metropolização, com o aumento considerável do número de cidades milionárias e de grandes cidades médias (em torno do meio milhão de habitantes) (SANTOS, 2005, p. 77).

Como processo que ocorre concomitante a outras mudanças espaciais, a migração interna, conforme Durhan (1973, p. 16) vem “*se instaurando desde 1930 quando o migrante nacional passa a substituir o imigrante estrangeiro como mão-de-obra mobilizada para promover o desenvolvimento econômico*”. Esse processo começa a se intensificar após a Segunda Guerra Mundial, onde a economia capitalista mundial “*passou por um novo surto de internacionalização*” (PINTAUDI; CARLOS, 1995, p. 11) e, dentre outros motivos, com contribuição do Plano de Metas durante o governo de Juscelino Kubitschek e *implantação* da “*revolução verde*” para a modernização da agricultura:

O rápido processo de adoção de inovações tecnológicas na agricultura e a intensificação da concentração fundiária provocaram o êxodo de milhares de colonos, parceiros, arrendatários e pequenos proprietários, os quais se deslocaram seja em direção às novas regiões de fronteira agrícola do Centro-Oeste e Norte do Brasil, seja em direção aos centros urbanos mais industrializados, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro (HESPANHOL, 2004).

O que para Durhan (1973, p. 13) significou a “*destruição do modo de vida tradicional*”:

¹³ “*Pode-se dizer que uma sociedade está se urbanizando na medida em que o crescimento da população urbana é maior do que o da população rural*” (BRAGA & CARVALHO, 2004, p. 105).

Desapareceram as relações de trabalho como parceria e colonato, que davam certa autonomia ao produtor e nas quais o acesso à terra constituía parte da remuneração do trabalhador. Tanto na Zona da Mata, no Nordeste, como, de modo cada vez mais geral, no Estado de São Paulo, a aplicação de legislação trabalhista no campo vem resultando na expulsão do trabalhador da fazenda para a cidade, e na criação da categoria de ‘volante’, trabalhador rural que mora na cidade e constitui uma mão-de-obra mobilizada por empreiteiros para as diferentes tarefas agrícolas de diversas propriedades rurais.

É a partir da década de 1940 que começam a ser sistematizados estudos sobre a migração interna, com estudos geoestatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estudos econômicos e pesquisas desenvolvidas por cientistas sociais (AZEVEDO, 2002, p. 17-8). Santos (2005) destaca a “*inversão quanto ao lugar de residência da população*” no período de 1940 a 1980 apesar dos dados anteriores à primeira década não serem confiáveis quanto à metodologia empregada para verificação dos residentes nas cidades:

População total e urbana no Brasil

Censo	População Total	População Urbana	Índice de Urbanização	Índice de crescimento Populacional	Índice de crescimento Urbano
1900	17.438.434	-	-	-	-
1920	27.500.000	4.552.000	16,55 %	43,08 %	-
1940	41.326.000	10.891.000	26,35 %	33,46 %	37,19 %
1950	51.944.000	18.783.000	36,16 %	25,70 %	72,46 %
1960	70.191.000	31.956.000	45,52 %	35,13 %	70,13 %
1970	93.139.000	52.905.000	56,80 %	32,69 %	65,55 %
1980	119.099.000	82.013.000	68,86 %	27,87 %	55,02 %
1991	150.400.000	110.990.990	73,80 %	26,28 %	35,33 %
2000	169.799.170	145.800.000	85,87 %	12,90 %	31,36 %
2006	186.119.238	165.832.920	89,10 %	9,61 %	13,74 %

Fontes: ROCHA, 2006; SANTOS, 2005.

Os altos índices de crescimento populacional brasileiro no início do século XX se dão pela incrementação da migração estrangeira. Posteriormente, os índices vão decaindo até a década de 1960, onde há um ligeiro crescimento, para depois voltar a cair até chegar aos 9,6 % de 2006, índice baixo comparado aos períodos anteriores. Quanto ao direcionamento da população pelo território, a migração estrangeira e depois com a migração interna, para a região sudeste é favorecida não só pela acumulação propiciada pela monocultura cafeeira e a

nascente indústria na “*republica velha*” como pelas políticas modernizadoras do período após a Segunda Guerra Mundial e subseqüentes décadas, de 1950, 60 do governo JK e o “*milagre brasileiro*” de 1970 no período militar, criando infra-estruturas que favoreceram a circulação não somente de pessoas, como de mercadorias e de informações.

População urbana e rural no Brasil

Ano do Censo	População Total	População Urbana	%	População Rural	%
1940	41.236.315	12.880.182	31,24%	28.356.133	68,76%
1950	51.944.397	18.582.891	35,77%	33.361.506	64,23%
1960	70.070.457	31.303.034	44,67%	38.767.423	55,33%
1970	93.139.037	52.089.984	55,93%	41.049.053	44,07%
1980	119.002.706	82.436.409	69,27%	36.566.297	30,73%
1991	146.825.475	110.990.990	75,59%	35.834.485	24,41%
2000	169.799.170	145.800.000	85,87%	23.999.170	14,13%
2006	186.119.238	165.832.920	89,10%	20.286.318	10,90%

Fonte: ROCHA, 2006.

Tanto o crescimento quanto a concentração populacional nas áreas urbanas, como centros de atração de pessoas, acompanham dessa forma os direcionamentos políticos deliberados pelas políticas públicas durante a história recente do país que, por outro lado, refletiram as escolhas das pessoas nos rumos que escolheram para migrar.

Quanto ao ato de migrar, Damiani (1991, p. 63) lembra que “*para Max Sorre o impulso migratório raramente é um fato simples; resume-se num acúmulo de necessidades, desejos, sofrimentos e esperanças*”, sendo que para George (1978, p. 106) as locomoções “*são especialmente ingratas para as criaturas que delas participam e que são forçadas a viver durante anos de modo anormal, expostas a todas as tentações e degradações*”.

Nos espaços de atração, para os migrantes, geralmente, lhes sobram os empregos negados pelos trabalhadores locais, mal remunerados e de condições precárias. O que para uns podia ser sintoma da modernização da sociedade, para outros a migração era um problema:

A concepção de migração como problema é constituída pela classe dominante e na variante paternalista tutora das classes subalternas. Mas, o problema real, aquilo que a migração representa para o migrante, fica fora desta perspectiva. Às vezes se supõe que ouvindo e transcrevendo a fala do migrante está revelando a sua realidade profunda e sua interpretação do problema. Sabendo que a sociabilidade brasileira dominante é marcada e bloqueada por enormes

dificuldades no reconhecimento do outro, isto é, diferente, igual (SOUZA, 1993, p. 47).

Sabemos que a nossa análise do problema não revelará a “*realidade profunda e sua interpretação*”, mas buscamos a especificidade, outros olhares diferenciados sobre a questão como alertamos nas páginas anteriores.

Resende (1986) apesar de não ter trabalhado especificamente com a temática migração, discute narrativas que a locomoção pelo território permeia os relatos de alunos trabalhadores de Belo Horizonte (MG). Nos relatos são frequentes a percepção da *relação campo–cidade* ou *pequena cidade–grande cidade*, como sentido da movimentação dos depoentes pelo território nacional. A autora selecionou e analisou alguns relatos de história de vida encontrando evidências de saberes geográficos, onde é percebido que as experiências de migrantes contribuem com a construção de conhecimentos sistematizados pela geografia.

A análise das trajetórias de vida segundo Resende (1986, p. 133) possibilita a produção de um conhecimento original. O vivido seleciona e ordena. Vinculado ao trabalho, o “*espaço de origem*”, por exemplo, será sempre referência para comparação com outros espaços; “*o espaço de busca*”, geralmente, “*idealizado, glamourizado e depois assustadoramente sofrido, mas de qualquer modo um espaço de experiência direta*”. Esses espaços de experiência direta, de sonhos, conflitos e frustrações geram *ressignificação*, uma forma peculiar de concebê-los:

É, pois, a luta pela sobrevivência com a sua cota compulsória de medo, solidão, dor, morte, mas também de astúcia e arte em relação à natureza, bem como de tensão velada ou ostensiva face às normas da divisão social do trabalho, que forja essa visão particular, essa maneira própria de encarar a relação indivíduo/espaço que chamamos *espaço real* (RESENDE, 1986, p. 132).

O foco de nosso estudo são as representações de mulheres que experienciaram o processo migratório a partir do que chamamos de *virada da urbanização*, período que abrange as décadas de 1950 a 1970. Este período será destacado a partir da escolha pelas mulheres que experienciaram esse processo durante esse momento histórico, com os seus depoimentos sobre suas travessias e as mudanças na paisagem. A partir de construções de narrativas feitas em parcerias onde buscamos os significados justamente com aquelas que vivenciaram as transformações como ‘*atrizes*’ – como *agentes sociais*.

4. Os depoimentos: os *espaços* na experiência feminina migrante

Enfatizamos nosso objetivo principal, o de construir representações do espaço migratório a partir do registro de narrativas de memórias das mulheres que experienciaram a migração interna. As falas são apresentadas com poucas correções, apenas o que consideramos necessárias para facilitar a leitura. Como sugere Menezes (1992, p. 170), procuramos manter os estilos, as expressões características e os vícios da linguagem falada.

Aqui deixamos o alerta sobre o caráter delicado de se lidar com lembranças do período de itinerância, ainda mais, como já sinalizamos acima, de sua característica compulsória de se viver esse processo. Se há histórias que muitas vezes se pretende esquecer, também há as que provocam nostalgia. Vontades contraditórias que subsistiram nesse processo de construção.

Os depoimentos foram captados em dois momentos, ou fases. Primeiramente, fizemos entrevistas exploratórias individuais com um grupo de oito mulheres da Turma do Jardim Esmeralda. As entrevistas foram semiestruturadas a partir de três questões básicas: Qual cidade nasceu? Em quais cidades morou antes de se mudar para Rio Claro? Quais as razões (para a entrevistada) dessa movimentação, desde a cidade onde nasceu até a cidade atual (Rio Claro)? A esse momento chamamos de *Entrevistas 1*.

Para o **segundo momento**, foram selecionadas, das primeiras entrevistas, duas depoentes, Odete e Angelina, cuja vivência no processo migratório abrangia as décadas da *virada da urbanização* e seus depoimentos traziam grande riqueza de detalhes que poderiam ser explorados para o estudo das representações sobre o espaço e os *territórios migratórios*. A esse grupo foi acrescentada a narrativa de Zulmira que não havia participado daquelas entrevistas e que se dispôs a colaborar. No contexto, ela é uma espécie de líder comunitário do bairro que chegou a freqüentar as aulas, mas justamente, por causa de suas atividades na comunidade, não permitia a sua assiduidade. As **Entrevistas 2** foram realizadas durante o ano de 2007¹⁴ onde às depoentes era sugerido que falassem dos lugares onde viveram, de acontecimentos que lembrassem, as pessoas que acompanhavam, etc. As nossas interferências surgiam a partir do que era relatado, não tendo preocupações prévias de roteiros preestabelecidos, deixamos as colaboradoras relatassem as lembranças de suas travessias migrantes.

4.1. Entrevistas 1: “A gente sempre está atrás de uma melhorazinha, né?”

Sobre os trechos selecionados das *Entrevistas 1* apresentamos alguns apontamentos.

Além de serem exploratórias, nos trouxeram informações importantes, dentre as quais, os motivos que as levaram a migrarem, como apontam os trechos a seguir¹⁵:

“Eu precisava trabalhar, **né**? Eu vim trabalhar de empregada e estou aqui até hoje”.

Pedrinha Helena Simões Sopran (grifo nosso).

A expressão “né” é resultado de outras duas palavras: **não é**. Pode ser uma pergunta que, geralmente, aparece nas conversas informais, como pode ser um pedido de confirmação do que está sendo falado para quem ouve. Semelhante às terminações em diminutivo – em

¹⁴ Com exceção de Odete que falecera meses antes das *Entrevistas 2*. Utilizamos seu rico depoimento da primeira fase.

¹⁵ As *Entrevistas 1* por serem exploratórias e breves não achamos necessário o fichamento temático, apenas trazemos no corpo do texto os trechos selecionados. Já as *Entrevistas 2* por serem mais extensas trazemos dentro da narrativa de pesquisa o fichamento temático e os trechos analisados. Em Apêndice estão as entrevistas completas.

inho, por exemplo, (Ver trajetória de Angelina, no capítulo 5) – é uma forma de aproximação entre as pessoas que participam de uma comunicação oral.

“É por causa que meu irmão veio para cá, né? E minha mãe veio atrás dele. Ele veio primeiro para arrumar serviço. Veio morar na casa de meu tio Paulinho e logo atrás nós viemos”.

Francineide Pinheiro Lima Rosolem

“Eu acho que o motivo assim de trabalho, né? Que os pais da gente queriam procurar serviço em outro lugar. Porque tinha meu irmão solteiro, então, ele veio trabalhar em frigorífico. Foi por motivo de trabalho mesmo. Em José Bonifácio tem gado e frigorífico. Nós viemos do sítio, de Neves Paulista, para ele trabalhar aí no frigorífico de José Bonifácio”.

Maria Aparecida Moreira

“Porque depois por lá não deu certo. Depois mudamos de lá de Campinas. De lá de Jaguariúna mudamos para aqui perto de Cordeirópolis, numa chácara perto de Cordeirópolis. E depois nós trabalhávamos naquela chácara... tomava conta de seis chácaras”.

Izaura Lopes

“Acompanhando o marido, né?!”

Odete Procópio Morelli

Se os motivos para itinerância passavam pela questão da busca por emprego, as iniciativas não partiam delas, elas iam para onde decidiam ir *os homens* da família, acompanhando os familiares, pais, maridos, irmãos e tios.

“A gente sempre está atrás de uma melhorazinha, né? Porque a gente estava no estado de Minas, gosto muito de lá, porque lá é minha terra que eu nasci. Nunca mais. Amo minha terra, amo a minha família, amo meu povo todinho é de lá. Só que é muito difícil, a vida lá é muito difícil. Então falaram que o Paraná era muito bom, então a gente sempre procurando uma melhorazinha, né? As pessoas que as vezes viam pra cá e voltava lá e falava que aqui era

muito bom e o povo vinha vindo, foi vindo mesmo, foi vindo em peso, outros pra cá, outros pra outros estados e foi deixando Minas... procurar uma vida melhor, né? (grifo nosso)

Angelina Guedes Siqueira

“A família da minha mãe morava tudo aqui. Então eles vieram... só ela morava lá. [Por que eles vieram?] Porque é um lugar melhor, né? Era muito difícil as coisas. Eu lembro que a minha mãe trabalhava na roça com meu pai, que eu ficava em casa cuidando das crianças. Meu pai, ele trabalhava na cana”.

Antonia de Lima do Nascimento dos Santos

*“Por causa eu tinha muita vontade de vir embora para São Paulo, porque lá no Ceará era o seguinte, **a gente era que nem escravo lá**. Porque a gente não tinha nada, trabalhava com patrão. E a gente, a obrigação deles queria que a gente fizesse de tudo, né. Lavava roupa para... como é que fala? Como é meu Deus? Deixa pensar aqui como é que eu quero falar. Por causa que nós morávamos com ele e nós não tínhamos terra. E como nós não tinha terra, nós morávamos com eles. E ele queria que a gente fizesse as coisas de graça para eles, né. Lavava muita roupa para a minha patroa, sabe? Cada trouxona de roupa, sabe? E tinha vez que eu chegava em casa não tinha nada, só tinha água do pote. Tinha nada para colocar no fogo, né. E aí eu pegava as roupas dela. O que ela fazia, mandava lavar. Depois eu chegava lá com uma trouxona de roupa tudo limpa, né. Mandava entrar lá dentro, porque ela era rica, **né?** Ela era rica minha patroa. E ela mandava colocar lá dentro do quarto dela, em cima da cama, para as outras empregadas dela dobrar, para depois passar para ela as roupas. Mas sabe como é que era, tudo de graça. Lá não tinha pagamento de nada não, nem um pouquinho. Nós éramos assim que nem escravo lá no Ceará, **por isso que eu tinha vontade de vir embora** aqui para São Paulo. **Eu achava assim, que a gente viesse aqui para São Paulo a gente melhoraria mais de condições, não ficaria muito sofrendo**”.* (grifos nosso)

Nair Lima do Nascimento

Nessa primeira fase de entrevistas com pretensões que, a princípio, seriam meramente exploratórias, nos revelam retratos pungentes e densos de espaços sociais que deixam marcas

profundas nas memórias dessas mulheres. Verifica-se que eram estabelecidas verdadeiras *redes* entre pessoas e informações sobre os espaços de atração migratória. Parentes, familiares e conhecidos que comunicavam sobre os lugares que poderiam proporcionar melhores condições de vida.

Ao que poderia parecer que as mulheres estavam entregues às vontades de partir dos homens da família, por outro lado, havia também o desejo por parte delas de desbravarem novos caminhos. A busca por melhores condições de vida podia significar a fuga de uma condição muito precária. O que podia parecer um sofrimento passivo era preenchido pela busca interior por soluções para sair daquele sofrimento: *“por isso que tinha vontade de vir embora”*. Esperança não era uma espera, e sim visualizar possibilidades: *“que a gente viesse aqui... a gente melhoraria mais de condições, não ficaria muito sofrendo”*. A escolha pela migração era uma deliberação contra a exploração, nem se fosse apenas *“atrás de uma melhorazinha”*.

Essas primeiras entrevistas nos instigavam a detalhar um pouco mais as representações migrantes femininas. Dessa forma, nos encaminhamos para as Entrevista 2 em que tivemos a colaboração de três mulheres que nos conduziram em suas narrativas.

5. “Derrubando mato”:

Entrevistas 2: configurando espaços a partir das travessias de três mulheres

Para traçarmos os apontamentos para as configurações dos *territórios migratórios* a partir das narrativas as *Entrevistas 2* fornecem imagens mais detalhadas. Abaixo buscamos montar as trajetórias individualizadas dos três depoimentos da *segunda fase*, a partir dos textos resultantes das entrevistas gravadas e transcritas de Odete, Zulmira e Angelina. Esta ordem foi estabelecida a partir da cronologia das entrevistas, de Odete (em novembro de 2004), Zulmira e Angelina (as duas últimas foram entrevistadas em dezembro de 2007).

Sugerido por nós, Angelina e Zulmira escolheram, de seus acervos fotográficos pessoais, algumas imagens que remetem as lembranças de suas travessias. Dessas imagens selecionamos aquelas que traziam marcas de espaços experienciados. Como não tivemos contato com fotografias de Odete, incluímos, a partir das sugestões de seu depoimento, imagens que pudessem dialogar com as suas memórias.

Odete Procópio Morelli

Data da entrevista: 11 de novembro de 2004. Período da tarde.

Local: Salão do Centro Comunitário do Jd. Esmeralda, Rio Claro (SP).

Não temos a data exata de nascimento de Odete, pois após seu falecimento, em 2007, não tivemos acesso a seus dados. Em 2004, quando realizamos esta entrevista não a perguntamos, mas ela dizia na ocasião que tinha 72 anos, ao que deduzimos que tenha nascido por volta de 1932.

Inicia o relato a partir das cidades de nascimento: Ribeirão Preto e Nova Granada (?), “*duas cidades pertinho*” (essa última, na realidade, está perto de São José do Rio Preto e não Ribeirão Preto; a confusão pode ser justificada, talvez, pelo fato de ter se mudado aos dois anos de idade). Não sabemos ao certo em qual cidade ela nascera.

Lista os lugares onde morou ao partir, junto à família, para o estado do Paraná: Cambé, Rolândia, Maringá, Uniflor (cidade em que se casou) e Nova Esperança. Disse que viveu muito tempo em Formosa do Oeste (PR), onde comprou “*um mato*” junto com o marido. Com 29 anos, ajudou derrubar mato com facão. Descreve o cotidiano naquele lugar:

- Tinha onça, sim. Eu tinha uns 29 anos. Fomos derrubar mato no facão. Achamos umas minas d'águas muito bonitas. Lavava roupa, fiz tanque pros patos nadar e eu brincava com as crianças lá.

Nesse cenário, narra o encontro com uma onça. O marido lhe pergunta:

- Escuta, você sabe se tem um gatinho pintadinho, assim?

- Ah, tem bastante!

- Ah, olha lá em cima do pau!

E narra o que se sucedeu:

- Quando eu olhei! Meu Deus do céu!... (Foto 1)

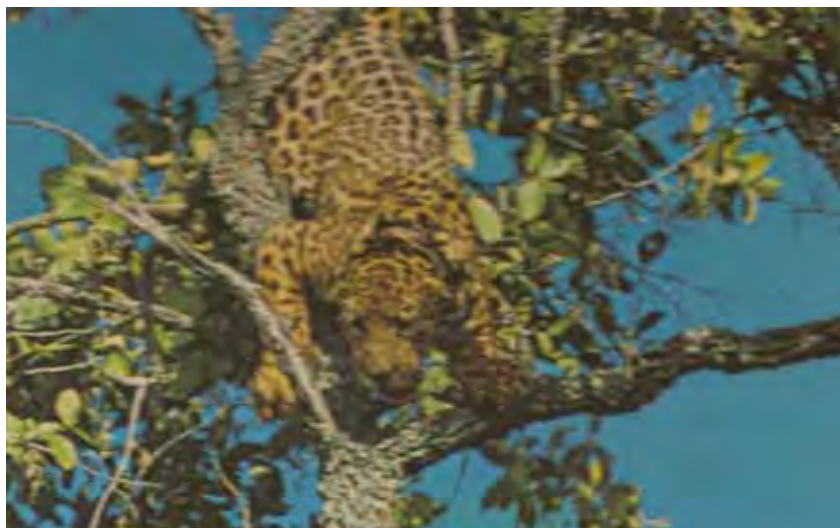


Foto 1: *Caça a onça 1.*
Fonte: Miranda (2003, capa).

Lembra dos fazendeiros que tinham *alugado gente para matar* a onça (Foto 2):

- Porque estava pegando muito bezerro no pasto. Para cá era mato, para lá era pasto, invernada.



Foto 2: *Caça a onça 2.*
Fonte: Miranda (2003, capa).

- Catei as crianças, pus dentro de um rancho de palmito, que se a onça desse um trapo o rancho caía... (Foto 3)



Foto 3: “Catei as crianças, pus dentro de um rancho de palmito, que se a onça desse um trapo o rancho caía”...

Fonte: Cândido (2001, p. 91).

Os homens armados (seriam jagunços?) atiraram na onça que conseguiu subir numa árvore, onde recebeu muitos tiros até morrer. Foram encontrados dois filhotes que viviam num oco da árvore. Com o marido criaram os filhotes até o momento em que ficou com medo deles comerem as mãozinhas de seus filhos. Então, resolveram vender para o homem do circo.

Foi em Uniflor que derrubaram mato e não Formosa do Oeste como deduzimos conforme a ordem do relato. De lá foram para Maringá (PR) colher café. Não diz os motivos da mudança – de deixarem as terras que tinham adquirido para derrubarem mato e desenvolverem lavoura, para irem trabalhar como volante na colheita de café.

De Maringá se mudaram para Guaíra onde seu avô tinha um sítio. Viajaram bastante como trabalhadores volantes na lavoura de café. Depois de Guaíra voltaram para uma fazenda perto de Maringá onde tinha “*minjolo*” para fazer farinha de mandioca e de milho, foi onde o marido aprendeu a fazer rapadura e açúcar batido.

Ela dá dois períodos de tempo em que morou nessa fazenda: primeiro fala em três anos, depois doze. De lá mudou para a fazenda “*Raminho*” perto de Foz do Iguaçu. Deduzimos que ela esteja falando de *Rami*, fazenda essa que deu origem ao município de Rami (PR) a caminho de Foz do Iguaçu; outras informações relatadas apontam para esse fato. O rami é “*uma planta têxtil, introduzida no Brasil em 1939, no sul do Estado de*

São Paulo, mas que foi descoberta como uma extraordinária forrageira, principalmente por sua riqueza em proteínas”¹⁶.

Descreve o processo de colheita do “raminho” que “ia para a fábrica de Maringá para fazer jeans”. Fala das mutilações que ocorriam por causa do tipo de trabalho nessa fazenda:

- A máquina comeu a mão de um rapaz e comeu a mão de uma moça. Eles indenizavam a pessoa, mas ficava aleijado!

Viveram cinco anos nessa fazenda plantando “café 40%”:

- Nós plantávamos, o mantimento era nosso, o café era do patrão.

Não deixava os filhos trabalharem diretamente com o rami:

- Os moços ficaram doidos para trabalhar – disse - De jeito nenhum, meus moços, minhas moças! Não vai! Eu estou vendo o que está acontecendo com os outros lá!

Conta do processo de divisão da fazenda entre os herdeiros que resultou na vinda para Rio Claro depois de desistirem de ir para “Martelândia” (acreditamos ser Matelândia, Paraná, cuja localização vem se somar ao que ela esteja falando realmente da fazenda Rami):

- Nós vimos um caso triste em ‘Martelândia’, então nós não compramos (a passagem). Aí compramos para Rio Claro. Não conhecia ninguém em Rio Claro, nós viemos estranhos.

Em Rio Claro, moraram primeiramente na Vila Asteca:

- Ali pertinho da rodoviária, umas casas feias para o lado de lá (da Via Washington Luís).

Nessa vila, que ainda há, morou por um ano, sendo trazida para onde hoje é o Jardim Esmeralda por um senhor chamado por ela de “seu Servino”, com quem moraram por quatro anos.

Perguntado sobre as razões de sua migração, responde que foi por estar acompanhando o marido que, segundo ela, nasceu em uma cidade *perto* da dela, Osvaldo Cruz [que na verdade estão, aproximadamente, a 239 Km de Nova Granada¹⁷, por exemplo, talvez um caso de “*distância estrutural e afetiva*” (Gallais, 2002)] e que após uma história pessoal de perdas e desencontros de familiares, quando casado com Odete, começou a busca por parentes vivos.

Ela mesma se inclui em busca dos seus. Em suas andanças perde contato com os pais e irmãos. Voltou para o estado de São Paulo para procurá-los. Revela outro caso de *distância*

¹⁶ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rami>, acessado em 07/05/08. Sobre a origem do município de Ramilândia (PR) ver o sítio: <http://www.prdagente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=788>, acessado em 07/05/08.

¹⁷ Os dados de distância “*objetiva*” (em quilômetros), que aparecem nas narrativas, foram conseguidos a partir do sítio da internet *Google Earth*.

afetiva: diz que Mirante do Paranapanema, última cidade em que teve contato com os pais, “*é bem pertinho*” de Rio Claro. O que estão, na realidade, 561 Km de distância uma da outra.

O marido foi para Mirante do Paranapanema procurar os pais dela, o que não encontrou, como havia ocorrido na busca de um tio que ele procurou em Capivari (SP).

Lembra que conheceu o marido em Uniflor:

- Uma cidade pequenininha, perto de Cruzeiro do Oeste (PR).

Esta que é a cidade natal de seu genro e onde pegava ônibus para seus passeios ao estado de São Paulo. Quando na primeira vinda as terras paulistas, os pais moravam em Santo Anastácio:

- Vim trazer a primeira menininha para o pai batizar.

Em outra vinda, os pais estavam morando em Cruzeiro do Sul (dessa vez parece que há uma confusão por parte de Odete, pois esta cidade está no estado do Paraná); em outra, Presidente Prudente; e, por último, Mirante do Paranapanema, quando veio sozinha, de mudança para a casa dos pais. O marido, depois de vir três vezes vê-la, na quarta, não agüentou de saudades:

- Quando eu assustei, o caminhão de mudança estava chegando: ele (o marido), o irmão dele e a cunhada.

Encerra dizendo sobre a cunhada que acabou ficando no Paraná após deixarem a fazenda Rami:

- Quando eu vim o meu cunhado já tinha falecido. Nós vendemos o sítio para tratar do meu cunhado, mas não adiantou nada. Ele tinha câncer no sangue, ele não agüentou. Nós íamos levar ele para Curitiba. Estava passagem, tudo, comprada para ir amanhã, hoje à tarde ele faleceu. Faleceu na roça trabalhando. Nós sofremos muito. Os irmãos não se largavam de jeito nenhum, desde pequenininho foi criado junto. Então sentimos muito. Minha cunhada ficou largada lá. Numa cidade pequenininha chamada Sabaudi (Sabáudia). Ficou com três criancinhas, eu queria trazer ela, mas ela não quis vir. Na fazenda Raminho. A gente veio direto para cá.

Zulmira Rosseto Borcato

Data da entrevista: 03/12/2007. Período da tarde.

Local da entrevista: garagem da residência de d. Zulmira, Jd. Esmeralda, Rio Claro (SP).

Zulmira nascera no ano de 1941. Deixa aos quatro anos de idade a cidade natal, Vera Cruz (SP), para ir com os pais para Osvaldo Cruz (SP):

- Vera Cruz é aqui perto [de Rio Claro], pra cá de Marília e Osvaldo Cruz é *bem* pra lá de Marília.

Sobre estes dados, nos perguntamos se não seria mais um caso de *distância afetiva*, pois a distância de Vera Cruz a Rio Claro é de, aproximadamente, 275 Km; e Marília para Osvaldo Cruz é de 120 Km, não sendo *bem* para lá como ela dissera.

Com treze ou quatorze anos se muda para Lucélia, onde com dezesseis se casou. Sobre o porquê a família ter deixado a cidade de nascimento, fala que em Osvaldo Cruz havia “*terra nova, terra melhor para a plantação*”. Seu pai chegou a derrubar mato para plantar. Até formar o café (Foto 4), colhia arroz, feijão e outros produtos. Trabalhavam como meeiros:

- Ficava metade para o patrão e metade para meu pai.



Foto 4: Zulmira menina (fundo, pés de café).

Fonte: Acervo pessoal de Zulmira.

Com sete ou oito anos trabalhava na roça, estudou até o segundo ano primário (hoje, ensino fundamental):

- Estudava meio período.

Em Lucélia também continuaram como meeiros:

- Também trabalhava no sítio dos outros.

Nesse tempo não havia energia elétrica onde moravam:

- Era tudo na lamparina!

Situação que continuou até o seu casamento. Moravam em casas de madeira (Foto 5).



Foto 5: Zulmira com marido e filhos (fundo, casa de madeira).

Fonte: Acervo pessoal de Zulmira.

Perguntada se tinha saudade daquela época, se era melhor ou pior que hoje:

- Era pior! Era melhor num ponto, a gente colhia, comia todas as coisas mais puras. Isso daí era. Tinha fartura das coisas, mas só que trabalhar num sol quente daquele, hoje? Se fosse a gente lembrar o que a gente passou não queria mais, não!

De Lucélia se mudou com o marido para Irapuru (SP), morando um ano, teve o primeiro filho aos dezoito anos. Voltaram para Lucélia, onde ficaram mais um ano. Partiram

para São Paulo, capital. Além do filho mais velho, nesse momento, a segunda filha estava com seis meses (Foto 6).



Foto 6: Em Aparecida (SP) (fundo, Basílica Velha).

Fonte: Acervo pessoal de Zulmira.

Em São Paulo ficaram vinte e dois anos, trabalhando em serviços urbanos. Ela trabalhou em indústria, comércio (como balconista) e de faxineira. Compraram um terreno e construíram uma casa.

Quando o marido se aposentou, mudaram para cidade de Mogi Mirim (SP). Deixaram São Paulo porque “*já estava meio violenta*” e que o marido queria vir para o interior novamente. Montaram uma lanchonete. Não conhecia essa cidade onde ficaram por doze anos para depois, trazidos pelos filhos, vir para Rio Claro:

- Nós vendemos a casa lá e compramos pra cá e estamos aqui até hoje. Se Deus quiser, agora não mudo, não!

Em São Paulo voltou aos estudos até a sétima série, no antigo MOBRAL. O **Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)** foi um projeto do governo brasileiro, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “*conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e*

cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”¹⁸.

Ao lhe perguntar sobre os lugares em que viveu se há algum especial, que gostou mais, ela responde:

- Lugar para ganhar dinheiro é São Paulo. Era, não sei agora. Foi lá que fizemos o ‘*pé-de-meia*’. Agora, de Rio Claro eu gosto. Eu acho uma cidade assim... sei lá, a gente daqui, o modo da vivência daqui eu gosto. Porque lá em São Paulo não tinha esse negócio de conhecer vizinho, nada! Era trabalhar e vir pra casa e não tinha esse negócio de amizade. Mogi Mirim também, todo lugar onde morei foi bom, não foi ruim.

Ela conclui este trecho com uma frase semelhante a que Angelina (que vamos ver a frente) utiliza para dizer sobre os *porquês* de sua migração:

- É que a gente sempre procurava melhora.

Atualmente ela trabalha na comunidade do bairro, na pastoral social ou da caridade, fato que interpretamos como forma de inserção nas cidades onde morou, pois diz que sempre esteve envolvida nessas atividades assistenciais. Diz que quando morava no “*interior*” aprendeu aplicar injeção, pois morava longe da cidade. Em São Paulo também trabalhou bastante. Disse que iniciou curso de enfermagem, mas abandonou:

- Eu ficava com muito dó das pessoas, não estava assim... e eu trabalho com as famílias carentes, se for preciso fazer, já lidei com bastante gente doente, tudo, mas no hospital eu não me dei bem, não.

Diz que, apesar de ter trabalhado em várias profissões não tinha uma definida:

- Sou só ‘*do lar*’.

O comércio que tinham em São Paulo estava em seu nome, por isso conseguiu também se aposentar.

Disse que era difícil a vida no sítio e que o pai, “*descendente de italiano*” a colocava junto com os irmãos para trabalharem desde muito novos, mas que, por outro lado, isso fora bom, pois o trabalho foi uma espécie de *disciplinador*, ao que compara:

- Que nem tem hoje, que a meninada fica toda pra rua aprendendo muitas vezes o que não presta.

Lembra que estudou numa escola “*normal*” que seus saberes de experiência de vida não eram utilizados:

- Tinha as aulas disso e daquilo, mas não era uma coisa assim.

¹⁸ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mobral>, acessado em 10/03/09.

Nesse momento do relato, duas mulheres chegam a sua casa para conversar com Zulmira. Na continuação explica o que é um *trançador*:

- É um serrote assim, que tem dois cabos, um puxa de um lado, outro do outro lado.

Essa ferramenta era utilizada pelo pai e por ela para cortar a árvores, quando tinha entre dez e doze anos:

- Tiramos toda a madeira para vender por metro.

Com a irmã mais velha ajudavam o pai na roça, cuidavam de 7000 pés de café que eles mesmos plantaram em Osvaldo Cruz. Enquanto o café formava, plantaram também arroz, feijão e milho. Lembra que tinha fartura nesse tempo, tinha frutas, criação de porco e galinha (Fotos 7 e 8). O que produziam era para eles e o excedente era vendido na cidade. Lembra de um ano que chegaram a colher 360 sacos de arroz. Metade da produção era para a família, a outra para o patrão, com exceção da criação de animais, os produtos da terra era dividido.



Foto 7: A criação de porcos.

Fonte: Acervo pessoal de Zulmira.



Foto 8: Ordenhando.

Fonte: Acervo pessoal de Zulmira.

Perguntado se tinham visto índios naquela época, lembra que tinha muitas cobras e macacos que roubavam os milhos da produção. Disse que não tinha fotografia da época no campo [em encontro posterior, Zulmira nos fornece algumas fotografias utilizadas aqui no decorrer da narrativa as quais acrescentamos outra, Foto 9, *das cobras* – Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (FITTIPALDI, 2006)]. Falando sobre as cobras “*de metro e meio*” que encontravam e matavam com a enxada diz que uma delas chegou a picar seu pai, que fora curado por um curandeiro:

- Não tomou nada, não fez nada. O homem benzeu e mandou passar um remédio, só e pronto!



Foto 9: Cobras abatidas no oeste do estado de São Paulo, início do século XX.

Fonte: Fittipaldi, 2006.

Seu pai chegou a falecer com quase setenta anos e faz questão de lembrar que não foi por causa da picada da cobra.

Disse que após deixar aquela área do interior paulista voltou apenas depois a passeio e constatou que não tinha mais matas e nem cafezais, que as frutas cítricas foram atacadas pelo *cancro cítrico* que é “*causado pela bactéria xanthomonas axonopodis pv. citri, o cancro cítrico ataca todas as variedades e espécies de citros e constitui-se numa das mais graves doenças da citricultura brasileira*”¹⁹. Hoje a paisagem está tomada pela cana-de-açúcar e pastos.

Lembra que a maioria das terras era boa para a agricultura:

- Era terra nova, porque a turma derrubava mato e plantava, era cafezal novo, era tudo terra boa.

No ano em que ela se casou, seu pai comprara quatro alqueires de terra onde plantaram café. Também tinha pomar grande e lago de peixe:

- Era um lugar bonito. Passava a linha do trem assim pertinho.

Apesar do trabalho difícil e o fato de sua irmã mais velha não ajudar muito, foi uma época boa:

- Era gostoso também! A gente via a natureza de um tempo e hoje a gente fica meio desanimada de ver os rios tudo poluído.

Atualmente, os rios dos lugares onde viveu, antes de se mudar para São Paulo, estão poluídos com “*veneno*” (agrotóxico) e esgotos domésticos.

Somos interrompidos novamente por um vizinho que deseja comprar a mesa em que estamos utilizando para a entrevista. Ao se despedir do vizinho, ela mostra sacolas de doações próximas de nós acumuladas em sua garagem. Disse que as senhoras que nos interromperam a pouco estavam atrás de cestas básicas que o grupo liderado por Zulmira distribui mensalmente. São cerca de duzentas famílias e que não dava tempo de visitar a todos como gostaria. Ela ajuda recolher doativos doados, coordena o trabalho de coleta, organização das cestas e a doações. Faz doze anos que está à frente desse trabalho na cidade de Rio Claro. Diz que tem aumentado o número de pessoas carentes:

- Porque vem muita gente de lá do ‘norte’, do Ceará.

Estão chegando sem muitos recursos:

- Não tem isso, não tem aquilo. Hoje mesmo, já veio um homem oferecer que tem uma cama, então, eu já falo para a pessoa (que está precisando) e a pessoa vai buscar.

¹⁹ Conforme www.fundecitrus.com.br/doencas/cancro.html acessado em 27/02/08.

Diz que a cidade precisa de mais “*firmas*” para dar emprego para toda essa gente que continua chegando. Fala da condição difícil dos bairros novos que estão surgindo ali próximo. Encerra dizendo: “*O trabalho tem e a gente tem que continuar*”!

Angelina Guedes Siqueira

Data da entrevista: 06/12/2008. Período da tarde.

Local da entrevista: casa de dona Angelina, na sala. Jd. Nova Rio Claro, Rio Claro (SP).

Uma observação: na entrevista participou também a filha da depoente, Geralda.

Angelina nasceu em 16 de fevereiro de 1932, em Poté, Minas Gerais, de onde saiu “*muito criança*” e que não lembra de muita coisa, sabe que há um rio, mas não lembra o nome.

Aos sete anos se mudou com os pais e dois irmãos para Pratinha que, “*naquele tempo*”, era longe de Poté, mas “*hoje*” deve ser perto, pois os caminhos eram percorridos “*a pé ou a cavalo, então parecia longe*”. Nunca mais voltou lá. Seu pai mudou de Poté para “*procurar melhora*” num “*um lugar novo, lugar de mata*” (frases semelhantes às utilizadas por Zulmira e Odete):

- Como ele interessou para vir derrubar mata para fazer lavoura, então foi aonde nós viemos.

Lembra que em Poté trabalhavam na roça e que tinha também mata:

- Mas não era tanto como onde nós entramos.

Em Pratinha viveu dos sete aos trinta e nove anos, onde se casou pela primeira vez e nasceram todos os filhos. A filha Geralda que nos acompanha diz que está registrada em Ataléia (MG) (depois da entrevista, ao procurar em mapas, não foi encontrado nenhum registro, na área relatada, de um lugar chamado Pratinha).

Angelina não sabe se Pratinha é fazenda ou vilarejo, diz que:

- Cada lugar tem aquele nome, por causa do rio, que é Prata, onde nós moramos que é Pratinha, que o povo falava que tem a Prata ‘grande’ que é lá no Espírito Santo.

Outras cidades que havia próximas a Pratinha: Ouro Verde, Filadélfia (essa é a atual Teófilo Otoni), Frei Gaspar e Ataléia. Sobre essa última, estranhamente, Angelina diz que não conhecia apesar de ser a cidade em que Geralda fora registrada conforme mencionara acima.

Nas cidades conhecidas ela ia fazer compras:

- Ia a pé, saía de casa de madrugada, cinco horas da manhã, nove horas chegava na cidade.

Moraram sempre na terra dos outros. Quando tinha dezessete anos, seu pai comprou um sitinho “*de a meia*” com três cunhados. Na terra “*dos outros*”, derrubou mata, plantou café, cana, mandioca:

- Tudo, tudo que falasse, o pai plantou.

Disse que, tirando o feijão, arroz e milho, a primeira lavoura que plantou foi café. A divisão da produção era da seguinte forma:

- Até formar o café, três anos, até a primeira colheita é da pessoa que plantava.

Depois a segunda colheita é dividida com o patrão (a tal de “*a meia*”). Enquanto morava na terra dos outros, feijão, milho e mandioca não eram plantados somente nos intervalos de espaço entre as fileiras de café, também em outros locais vagos da propriedade. Ela diz que no Estado de Minas Gerais era muito comum também plantarem mandioca.

Lembra que nesse tempo, da lavoura de café, era tempo de riqueza, sua família tinha de tudo, morava nas terras boas, tudo que se plantava colhia bastante, criavam porcos, galinhas, só que os produtos não tinham valor, chegando ao ponto de se jogar fora estoque de feijão para colocar no lugar nova colheita. Nesse momento lembra que os ricos foram comprando as terras e os pobres “*se retirando*”, quando seu pai comprou o **sitinho** (Angelina, especificamente, faz uso em algumas palavras da terminação ‘inho’ o que remete ao que Sérgio Buarque de Holanda (1991, p. 108) diz sobre a inclinação do brasileiro para os diminutivos, “*para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração*”):

- Mas comprou o sítio de terra ruim, que as terras boas, se em vez do gado ficar com a terra ruim, pobre é quem fica!

E continua:

- Nós mudamos por causa desse sentido. Mas estava bom que era da gente, o pouco que dava. Mas já foi fracassando. Às vezes, planta, uma hora não dá; outra hora planta, formiga comia tudo.

Lembra o exemplo da cultura da mandioca:

- É para plantar assim, todo mundo já era combinado: *“Olha, tal mês, todos vão plantar que é para a formiga não vencer! Que, se um só plantar, ela come tudo”*. Então era combinado, quando era tempo de plantar lavoura de mandioca, então todo mundo plantava.

Disse que os ricos compravam as terras *“a troco de banana”* porque naquele tempo *“nada tinha valor”*. Não lembrou de nenhum caso desse tipo de negociação de terras, mas disse o que aconteceu com a fazenda de sua patroa, *“um mundo de uma fazenda”*, cujos filhos, muitos filhos, repartiram a propriedade e venderam tudo.

As coisas em Minas não estavam boas, parentes e conhecidos de Angelina que tinham ido para o Estado do Paraná voltavam e contavam as novidades. Lembrou que foi do período em que ela morou no Paraná que conseguiu recursos para construir sua casa atual:

- Não posso falar do Paraná, que para mim nunca passei falta lá. Foi muito bom. Em Minas eu passei falta.

Viveu vinte e cinco anos no Paraná. Mudou em 1970 para a cidade de Bandeirantes (PR), morou no sítio chamado *“Tabuleta”*, um lugar gostoso, conforme os dizeres da filha Geralda, pois remetia a saudade do tempo de criança.

Angelina disse que depois que o marido morreu em Minas, foi para o Paraná, onde casou novamente. Não veio imediatamente, mas acompanhou o irmão quando este se mudou. Além de Bandeirantes, morou em Andirá, cidade próxima daquela separado por um rio, chamado Cinza. Morou em Cambará:

- Tudo cidadinha, uma pegadinha com a outra.

Em Andirá e Cambará morou em área urbana, mas empregada em serviços agrícolas, lavouras de algodão, café, cana, milho, soja, *“tudo”*. Diz que com trigo nunca trabalhou. Conheceu plantação de trigo e soja no Paraná. Nesse estado morou nas *“terras dos outros”*.

Em 1980 ou 82 comprou a casa em Andirá de onde vendeu para comprar o terreno para construir a casa que mora atualmente em Rio Claro (SP). Mudou-se para essa cidade acompanhando um filho logo após a morte do segundo marido:

- Meu filho não queria deixar eu lá. Eu, bem, não queria vir. Aí, eu vim. Foi bom, graças a Deus.

Antes de comprar o imóvel atual, morou por cinco anos no bairro Palmeiras na *“casinha”* do filho. Faz oito anos que mora no endereço atual:

- Entrei aqui nos tijolos só, completo, e a laje, nem laje era rebocada. Agora, todo ano eu faço um pedacinho, agora mesmo estou pondo azulejo na cozinha. Está uma bagunça danada.

Angelina mostra as fotos que separou, mas adverte:

- Que de Minas nem tem.

Geralda diz que em seu registro de nascimento há um erro, nascera em 1960, mas está registrada 1958, ao que Angelina reflete:

- Não sei onde está esse erro, se está em mim ou onde é que está, que o registro dela está com a data errada, mas aquele dito: *“o que manda é o que está no registro”*, fazer o quê?

Mostrando fotos de quando morava no Paraná e de familiares. Disse que algumas fotografias estavam em um *“oratoriozinho”* que desfez.

Mostra fotos de Bom Jesus da Lapa (lugar de romaria no Estado da Bahia) do tempo em que morou em Minas, contrário de sua advertência inicial (Fotos 10 e 11).



Foto 10: Parentes. Lembrança de Bom Jesus da Lapa (BA).

Fonte: Acervo pessoal de Angelina.



Foto 11: Parentes. Lembrança de Bom Jesus da Lapa (BA) nº 2.

Fonte: Acervo pessoal de Angelina.

Fala de como era sua casa nesse último estado:

- Madeira, pau-a-pique, casa de barro.

Explica como se faz uma casa de barro, *fazendo os movimentos com as mãos* [“Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito” (BENJAMIN, 1994, p. 221)]:

- Põe o pau assim, depois passa umas varas assim, de um lado e de outro, bate barro daqui, bate de cá, depois reboca, fica igual essa daqui, casa de barro em Minas.

No Paraná as casas eram de madeira, “*tão bonitinhas, bem pintadinhas*”, como a casa que vendera para comprar seu imóvel em Rio Claro (Foto 12).



Foto 12: Crianças, fundo, casa de madeira, no estado do Paraná.

Fonte: Acervo pessoal de Angelina.

O pesquisador comenta que ela ainda não aparecera em nenhuma fotografia. Desconversa mostrando outras em que estão parentes, como a foto 13:



Foto 13: Parentes, ao fundo cana-de-açúcar.

Fonte: Acervo pessoal de Angelina.

Confunde Bom Jesus da Lapa (BA) com Bom Jesus do Pirapora (SP). Uma foto de um caminhão com várias pessoas na carroceria.

Outras: no Paraná, sítio “*Tabuleta*”, em Bandeirantes; várias crianças e Geralda, que está escondida atrás de um grupo, como plano de fundo se pode ver uma escola feita de madeira com os vidros das janelas quebrados (Foto 14).



Foto 14: A escola de madeira no Paraná.

Fonte: Acervo pessoal de Angelina.

Em outra, o marido com dois amigos no Estado de São Paulo, não sabe dizer se é em Catanduva ou Osasco:

- Sei que é de algum lugar aqui.

É curioso à associação que Angelina faz, pois essas cidades estão 380 km uma da outra, talvez mais um caso de “*distância afetiva*”. Diz que passeava com frequência ao estado paulista quando morava no Paraná.

Outras fotos de Bandeirantes: uma que pertencia ao seu segundo marido que acredita ser em Bom Jesus do Pirapora; uma noiva que não conhece, mas que acha engraçado seu vestido, rindo diz:

- Como é triste, é triste, mas divertido.

Vemos a fotografia do neto mais velho, quando criança, que atualmente está com vinte e oito anos.

Quando mostra a primeira fotografia em que está, parece que mergulha em devaneios levados pela memória despertada:

- Esse aí era um dia de natal, estava a turma meio reunida e aí: “*vamos tirar foto*” (Foto 15).



Foto 15: A turma reunida. Plantação (fundo, talvez feijão e outras culturas) e remanescente de mata, Paraná, 1991 (data conforme referência da foto).

Fonte: Acervo pessoal de Angelina.

Mostrando outras de parentes, diz que sentia vergonha por essas fotos:

- Por que são antigas.

Sobre outra:

- Esse aí é eu e meu irmão, caipira mesmo! Bem caipira! – diz rindo.

Outra, o batizado de um neto. Há uma que não quer mostrar:

- O Lucas morre de dar risada com essa foto aqui.

Por quê?

- A minha nora foi tirar foto e ela fazia muita micagem, eu passei a dar risada e meus dentes ficaram tão grandes, o Lucas tira sarro. Deus me livre! (Foto 16)



Foto 16: Com o marido e crianças no interior da casa no Paraná.

Fonte: Acervo pessoal de Angelina.

Se havia mostrado todas as fotos, diz que há algumas “*novas*”, mas que ainda não eram de Rio Claro e sim do tempo de Curitiba. Há outras, mas não sabe onde estão. Mostra uma no bairro Guanabara, em Rio Claro, quando estudava em projeto de educação de adultos. Recorda que nunca havia estudado, com exceção, lembrou da experiência informal de quando uma criança, um menino, que estava iniciando a primeira série, em Minas, começou a lhe ensinar o que estava aprendendo. Ela tinha dezessete ou dezoito anos. O menino:

- Uma porqueirinha, desse tamanho.

Ela, muito feliz, aprendia aos domingos as lições do pequeno professor; mas as aulas duraram pouco, seu professor precisou se mudar. Aprendeu um *pouquinho*:

- Mixaria!

Em seguida, mostra foto da neta:

- Odete disse que eu sou a cara dela.

Voltando a sua experiência de aprendizagem, lembrou de outra:

- Quando chegavam pessoas em casa e que sabia um pouquinho, eu pedia para fazer meu nome, o nome do pai, da minha mãe, por aí eu ia se matando para ver se eu aprendia. Quando era no outro dia que a pessoa vinha, eu mostrava para ver se estava certo. Nossa! “*Você pôs letras demais*”. Outra hora: “*Está faltando*”.

Quando foi?

- Eu era solteira ainda, menina nova.

Queria aprender para ler carta e a bíblia. E lembra de mais uma experiência:

- Olha que eu fazia, no tempo que eu era mocinha, meu pai sempre tirava palmito para comer e eles têm uma capa branca, eu pegava palitinho de ripa de coqueiro e eu escrevia, escrevia, escrevia, escrevia... Eu, falando que eu queria, aí eu mostrava para meu pai: “Ó, papai, está certo?” – “Coitadinha! O dó da minha filha!”. Eu achando que tivesse falando que saía é que nem gravar. Eu achava que era assim.

Seus irmãos estudaram na escola formal, mas quando ela iria se matricular, existia um professor:

- Solteiro, um rapaz. E mocinha e moça não podiam estudar com o rapaz.

Não estudou, foi trabalhar na roça. Não estudou no Paraná, também. Pedia ajuda para os outros. Somente em Rio Claro “*teve aula a rolê*”.

Iniciou suas aulas no bairro Palmeiras, com uma “*menina*” chamada Tereza, no salão da “*dona Inês*”. Depois, estudou com Andréia, no Jardim Guanabara. Logo, foram estudar no salão Comunitário do Jardim Esmeralda. Enumera uma série de professores do projeto de educação de jovens e adultos (PEJA). Aprendeu muito, mas questiona de como vivia “*sem leitura nenhuma*”:

- Dá para viver, mas só que é ruim. Você quer saber, você tem que ficar perguntando, você quer tomar ônibus, você tem que ficar perguntando para os outros, você não sabe que ônibus é aquele.

O pesquisador pede para Angelina separar dez fotos de sua preferência (com intuito de compor a narrativa de *memória* de sua travessia). Sondando as fotos, ela lembra do afilhado e do irmão falecido recentemente.

Ela acha que “*ver foto é bom, recordar, a saudade da família*” e lamenta que não tenha fotos mais antigas onde esteja ela retratada.

Passa por algumas que pertenceram ao segundo marido. Há uma em que está escrito algo que tenta identificar, pois está apagado, parece que está escrito: “*3000 pessoas*”. Ela diz que, provavelmente, essas pessoas estariam na festa da igreja que aparece ao fundo da foto (parece local de romaria, talvez Bom Jesus da Lapa).

Esclarece que quando fala em “*meu velho*” está falando do segundo marido que está retratado numa foto-montagem que está em sua estante – feita a partir de duas fotos diferentes, uma foto dele e outra dela, ambos estão vestidos para casamento, fato não ocorrido na realidade.

Angelina se preocupa em não escolher fotos que não lhe pertenciam, como aquelas que eram de seu marido, pois não sabia dizer sobre elas. Motivada pelo pesquisador, escolhe vinte fotografias em vez de apenas dez.

Em uma delas lembra que todos estavam falecidos e que na fotografia havia o nome do lugar onde foram retratados:

- Bom Jesus da Lapa (BA). Esse tio meu aqui todo ano ele ia à Bom Jesus.

Faz confusão, se os retratados são de Minas ou Paraná, ao final lembra que eram do primeiro estado:

- Faz muitos anos.

Passa uma galeria de pessoas e lugares. Geralda não lembra o nome da escola, nem Angelina.

O pesquisador pede emprestadas as vinte fotos escolhidas. Primeiramente ela pede para não deixar ninguém vê-las, tem vergonha, acha são feias. Depois aceita fazer o empréstimo.

Diz que seus pais nasceram em Minas, assim como seus avós:

- Tudo ali, nasceu, criaram, casaram tudo ali.

Conta a história do homem que buscava pedras preciosas nas terras dos outros, mas que desconhecia as riquezas existentes nas próprias terras, fato esse verificado após a morte deste:

- Em cima da riqueza e caçando na terra dos outros, morreu sem.

O local virou garimpo onde seu cunhado trabalhou.

Angelina depois de anunciar o fim da entrevista ao oferecer “*um cafezinho*”, encerra fazendo um comentário que aproxima a referência de Bosi (2003, p. 177 – que aparece neste estudo na p. 35) sobre a horta em seu quintal:

- Aqui tem tanta coisa, eu planto fruta, planto remédio, plantava horta, agora não está saindo mais nada, não, mas planto assim mesmo. Nem que não saia estou plantando, mesmo um pouquinho sai. Porque de uns tempos para cá não está dando muita coisa mais, porque tem que por esterco e tem que comprar pelo menos pôr terra de fora.

6. Configurando travessias: *lugares, paisagens e territórios em transformação*

Configurar travessias pode ser entendido aqui como construir narrativas a partir de discursos diferentes. Mori (1992) sugere a idéia de *montagem* a partir das diferentes narrativas disponíveis para a pesquisa. As narrativas como *matéria-prima* possibilitando outros caminhos a serem desenvolvidos. Nesse momento, gostaríamos de deixar assinalado, esta narrativa de pesquisa é uma das sendas possíveis.

Os lugares, como espaços da experiência, como já afirmamos, abrem perspectivas para as especificidades das representações. Como espaços que se tornaram experiência, estão marcados *nas* depoentes – “*sujeitos da experiência*” (BONDÍA, 2002) –, fornecem um movimento dialético entre as memórias pessoais entrelaçadas às memória sobre a urbanização dos territórios de parte do Sudeste e Sul brasileiros. Essas experiências espaciais produzem interpretações do processo histórico e geográfico.

Os lugares nas memórias de Odete, Zulmira e Angelina²⁰ foram despertados a partir de fatos familiares lembrados por elas. *Listar* os lugares de moradia, por exemplo, não era fazer

²⁰ Cada trecho está acompanhado das iniciais de cada depoente; assim, Angelina (A), Odete (O) e Zulmira (Z).

uma lista qualquer, foi uma forma de organizar a memória e, ao mesmo tempo, despertar os acontecimentos e seus personagens:

“Cambé, Rolândia, Maringá, Uniflor (a cidade em que me casei), Nova Esperança, depois fui viver em Formosa do Oeste” (O)

“A cidade nossa mais perto lá, mais perto de onde nós morávamos, Pratinha, era Ouro Verde, Filadélfia [Antigo nome da atual Teófilo Ontoni] e Frei Gaspar. E tem Ataléia que essa eu não conheço” (A)

“eu fui para Lucélia, lá que eu casei (...). Porque naquele tempo, lá em Osvaldo Cruz, era terra nova, terra melhor para plantação” (Z)

Seguem-se lembranças da vida pessoal entrelaçando-se às lembranças dos lugares:

“nós fomos para Irapuru, eu com meu marido, lá eu tive meu primeiro filho (...). Já tinha o mais velho e uma filha com seis meses, nós fomos pra São Paulo. Aí, ficamos em São Paulo 22 anos (...). Depois meu marido aposentou, nós viemos pra Mogi Mirim. Olha quanta mudança (...). Depois viemos pra Rio Claro... Por que já tinha os filhos que estudaram, eles se formaram para técnico. Daí, eles quiseram que nós viéssemos para cá também com eles” (Z)

Em relação aos *espaços da experiência*, as *distâncias* entre os lugares nas narrativas, geralmente, não condiziam com as distâncias *reais, objetivas*. Gallais (2002) esclarece o que chamou de *“distância estrutural”*, pois esta não tem relação com as distâncias objetivas: a *“distância estrutural pode aumentar bruscamente a grande diferença que, por meio da distância objetiva, parece insignificante”*; por outro lado, também é possível o contrário, as distâncias podem ser reduzidas, mesmo a grandes distâncias, pela densidade das trocas e pela solidariedade efetiva e *afetiva*.

Como nos espaços e tempos da memória não necessariamente são *contínuos* e *lineares*. No caso das *distâncias*, podem ser absolutas, mensuradas pelas unidades de medidas usuais, metros e quilômetros, ou *“relativas”*. Dessa forma, alguns lugares longínquos podem estar próximos, assim como espaços próximos estarem distantes conforme a relação com aspectos afetivos presentes nas lembranças:

“Ribeirão Preto, estado de São Paulo. Ribeirão e Nova Granada, duas cidades pertinho” (O)

O mesmo acontece ao dizer da cidade natal do marido:

“Porque ele foi criado em São Paulo. Nós nascemos em duas cidades perto. Ele nasceu em Osvaldo Cruz fica bem pertinho” (O)

Ribeirão Preto e Nova Granada (cidades em Odete atribui seu nascimento) estão distantes uma da outra mais de 200 km; enquanto, se utilizarmos como referência a primeira cidade em que Odete se refere ao seu nascimento, dista mais de 370 km de Osvaldo Cruz, da cidade do marido²¹. Acontecendo algo parecido sobre a última cidade onde teve contato com os pais:

“Porque Mirante [do Paranapanema] é bem pertinho”

Sobre o “*pertinho*” em que ela diz – a distância de Mirante do Paranapanema à Rio Claro – significa aproximadamente 560 km de distância.

“Eu conheci meu marido em Uniflor, uma cidade bem pequenininha, perto de Cruzeiro do Oeste”

Aqui também, Uniflor dista de Cruzeiro do Oeste, cerca de 173 km.

“Vera Cruz é ‘aqui’ perto, para cá de Marília. E Osvaldo Cruz é bem para lá de Marília”. (Z)

Em relação à cidade atual de fixação de Zulmira, Rio Claro, o município de Vera Cruz, que é “*aqui perto*”, está, em distância absoluta, a pelo menos, a 250 km; e Osvaldo Cruz que está “*bem para lá de Marília*”, não chega a 100 km depois desta.

²¹ Os dados de distância “*objetiva*” foram fornecidos pelo sítio da internet *Google Earth*.

A relatividade das distâncias também poderia ser percebida em relação aos *meios* para percorrer os espaços, como neste trecho de Angelina:

“Nós íamos fazer compras nas costas. Você vê? Ia a pé. Ah! Saía de casa de madrugada, cinco horas da manhã, nove horas da manhã chegava na cidade . (...) Naquele tempo era longe, porque era de a pé ou a cavalo, então, parecia longe, mas é bem perto” (A)

Acontecimentos de relevância pessoal fazem surgir outros fatos marcantes que envolvem a memória familiar com o contexto de povoamento dos estados do Paraná e São Paulo (de uma memória “*individual*”, ou particular, para uma *memória coletiva*).

Neste contexto, a frase “*derrubar mato*” foi comum nos três depoimentos. Esta frase aparece com o significado de *pôr a baixo* a floresta para abrir caminho para a lavoura, do patrão ou da própria família. Odete, Zulmira e Angelina são de famílias de origem rural que com o passar dos anos vão se estabelecendo em meios urbanos. Elas viveram inicialmente em áreas de consolidação das chamadas “*frentes pioneiras*”, (MONBEIG, 1984), de fronteiras de expansão da agricultura sobre áreas naturais de formação florestal e campos abertos. De certa forma, os depoimentos revelam o isolamento experienciado nesses espaços. A ação de derrubar mato, quando não foi no período de infância foi na maturidade:

*“Nós compramos um mato e entramos no meio das onças e fomos **derrubar mato**”*. (O)

*“Era como um lugar novo, lugar de mata, como ele interessou vir **derrubar mata** para fazer lavoura, então foi onde nós viemos... De primeiro, meu pai **derrubou mata**, quando, na terra dos outros, derrubou mata...”*. (A)

*“era terra nova, terra melhor para plantação. Meu pai chegou a **derrubar mato** para plantar lá”*. (Z) (grifo nosso)

A depoente explica o que é “*terra nova*”:

“Tinha lugar de terra ruim, mas a maioria era terra boa, porque era terra nova, porque a turma derrubava mato e plantava”. (Z)

A floresta era um indicativo de terras férteis, cultiváveis, mas também era onde escondiam surpresas. Em um desses momentos Odete fala do “*encontro*” com a onça, mas antes rememora o cotidiano do lugar. Há de se notar a presença do elemento “*água*” no trecho, como um dos aspectos da *poética do espaço* segundo Bachelard (1993; 1997):

:

“Tinha onça, sim. Eu tinha uns 29 anos. Fomos derrubar mato no facão. Achamos umas minas d’água muito bonita. Lavava roupa, fiz tanque para os patos nadar e eu brincava com as crianças lá”. (O)

Antes de narrar o “*encontro*”, reconstitui o diálogo com o marido:

“E aí um dia, meu marido perguntou: ‘Escuta, você sabe se tem um gatinho pintadinho, assim?’ – ‘Ah! Tem bastante!’ – ‘Ah, olha lá em cima do pau!...’ Quando eu olhei! Meu Deus do céu! Catei as crianças, coloquei dentro de um rancho de palmito que se a onça desse um ‘trapo’ o rancho caía”. (O)

Logo a seguir deixa entender a **presença armada** naquela região de “*fronteira agrícola*” que vai se consolidando com as “*derrubadas*” das manchas florestais.

“Aí vieram os fazendeiros lá que tinham alugado gente para matar a onça, porque estava pegando muito bezerro no pasto. Para cá era mato, para lá era pasto, invernada”. (O) (grifo nosso)

Conforme Souza (1981), essa presença armada é algo comum principalmente no que se convencionou chamar “*fronteiras agrícolas*”. Assim como o norte do Paraná, o Vale do Mucuri no nordeste do estado de Minas Gerais – região de nascimento de Angelina que mais tarde se muda para o norte paranaense – foram palcos de conflitos envolvendo disputas de terras que serviram para aceleração da expulsão de inúmeras pessoas do campo. Souza (1981) mostra que a presença de jagunços, ligados a fazendeiros ou mesmo do próprio exército, a mando do governo para “*expulsar os posseiros da área e a vender terras para outros proprietários*” era algo comum da realidade do campo, como no norte do Paraná, como no Vale do Mucuri (MG). Ver o “*Demônio no Catulé, 1955*” (SOUZA, 1981).

Quanto ao episódio da onça, é curioso como a narradora se inclui no espaço narrado: “para *cá* era mato, para *lá* pasto”, o que pode mostrar uma condição dela e sua família naquela porção pioneira que quase era uma determinação: seu território era “o mato” e não o pasto da pecuária ou da terra cultivada. Sua família tinha uma função determinada, estava ali para “derrubar mato”, abrir caminho para outros se aproveitarem do campo limpo. Que mostra de certa forma a não fixação naquele torrão. Logo depois de derrubarem mato Odete revela:

*“Aí nós fomos para Maringá colher café... Nós viajamos bastante, porque nós colhíamos café **volante**”.* (O)

Por alguma razão não deu certo como proprietários de terras ao que poderíamos conjecturar indagações associadas à realidade do pequeno produtor no campo. Esse assunto já foi bem explorado por alguns pesquisadores Nos quais destacamos os trabalhos de José de Souza Martins (1981; 1993) e Maria Aparecida de Moraes Silva (1999; 2001; 2007).

Nas áreas de “*franja agrícola*” o ser humano, de intruso, passa a ser o senhor do novo território, eliminando os vestígios de *natureza* de outrora, e esse foi o final dramático da onça:

“eles atiraram na onça e mesmo ‘atirada’ ela subiu num pau. E eles foram atirando, atirando, até que mataram ela”. (O)

Mesmo em meio a violência, há a presença de beleza em uma realidade hostil:

“os homens subiram no pau, tinha dois filhotinhos. Mas que bonitinho! Ela levava comida para eles. Eles estavam num oco, assim... Nós tiramos os filhotinhos e fomos criar. Mas eles mordiam tanto a mão e meu marido ficou com medo deles comer as mãozinhas das crianças. Daí, nós pusemos eles numa gaiola. Daí veio o homem do circo e meu marido vendeu”. (O)

A “*natureza*” era uma ameaça. O processo de derrubada da mata era acompanhado por outros “*perigos*” naturais. Após ser perguntada se não havia encontrado índios no oeste

do estado de São Paulo²², curiosamente, Zulmira lembra dos problemas com os animais selvagens e, principalmente, com as cobras:

“naquele lado tinha muita cobra, de metro e meio... Quanta cobra que nós matávamos. Só que nós não tinha muito medo, era acostumado no sítio. Então, nós mesmos matávamos... Meu pai foi picado de cobra. Não tomou nada, não fez nada. Foi o curador que curou ele”. (Z)

Estar nas “*fronteiras*” agrícolas podia significar o isolamento dos bens e serviços sociais, como a ausência de médicos não somente para o tratamento da picada de cobra como para outras condições elementares:

“Lá no interior, quando eu morava lá, fui aprender a aplicar injeção, então, já lidava com pessoas assim, morava no sítio, longe da cidade, fazia já isso” (Z)

Por outro lado, as carências de serviços e bens sociais continuavam no meio urbano, o trabalho assistencial nas periferias, o que revela a presença marcante da mulher em espaços sociais que não é o *lar*:

“em São Paulo também trabalhei bastante, lá nas favelas, nesses lugares e aqui eu continuo” (Z)

Essas ausências eram contrastadas com a presença dos grandes fazendeiros que ficavam à espreita, estavam próximos para incorporar as *novas áreas* para as culturas comerciais. Os pequenos proprietários derrubavam a mata e os grandes vinham logo atrás “*comprando*” as terras, como assim foi narrado:

“Depois que os ricos foram tomando conta, os ricos vão chegando, vão comprando as fazendas, os pobres vão se retirando, foi onde meu pai comprou o sitinho. Mas já comprou de terra ruim, que as terras boas, se em vez do gado ficar com a terra ruim, pobre é quem fica, né?” (A) (grifo nosso)

²² Fittipaldi (2006) faz referência ao espaço “*desconhecido*” que era a porção oeste do estado de São Paulo, durante o final do século XIX e início do XX, o que levou a formação de *Comissões* para fazer levantamentos visando o uso e a ocupação, que se efetivou durante o último século.

Ela diz por quanto os ‘ricos’ compravam as terras:

“Viche!... Acho que era ‘a troco de banana’, que nem se diz. Aquele tempo não tinha valor, nada tinha valor”. (A)

As lavouras de subsistência pertencente a família pareciam não contar como sendo a *primeira lavoura* plantada pelo pai de Angelina, pois a lavoura “*importante*” era a de café, a grande lavoura comercial pertencente ao patrão:

“plantou cana, mandioca, tudo, tudo que falasse, que ele conhecia ele plantou.... Café foi a primeira lavoura. Tirando feijão, arroz e milho, foi a lavoura que ele plantou foi café” (A)

E quando moravam “*nas terras boas*”, essas não eram de sua família:

“nesse tempo da lavoura de café, esse tempo era de riqueza, nesse tempo a gente tinha tudo, morava nas terras boas... Ali, tudo que você plantava você tinha, colhia bastante, criava porco, criava galinha de bastante, tinha as coisas para vender embora não tinha valor. Tinha hora que a gente colhia o feijão, era obrigado, no outro ano, jogar esse feijão fora” (...)

A terra própria que seria uma solução para a *melhora na vida*, passa a ser o *acelerador* para a *retirância*:

“Então, nós mudamos por causa desse sentido. Mas estava bom que era da gente o pouco que dava. Mas já foi fracassando. Às vezes planta, uma hora não dá, outra hora planta, formiga comia tudo”. (A)

Os espaços de atração migratória foram sendo conhecidos, primeiramente, através de *redes de informações e solidariedades* formadas entre familiares, parentes e conhecidos que haviam se antecipado na migração:

“É, já não estava bom. E dizem – os que vinham, parente, conhecido, e voltavam para lá – que o Paraná era... Eh! Que o Paraná era rico, era isso, era aquilo (...) E era bom. Não era para dizer que o Paraná é ruim, o Paraná é muito bom! É muito bom. mas para dizer que vem dinheiro de ‘arrastar de rastelo’ como eles falavam, não! É arrastar com suor! (risos). Mas graças a Deus, o Paraná é muito bom. Do Paraná que tenho isso daqui [sua casa], graças a Deus! Não posso falar do Paraná que para mim nunca passei falta lá. Foi muito bom. Em Minas eu passei falta” (A)

Em relação às condições de vida se confundia com as relações de trabalho:

“Nós viajamos bastante, porque nós colhíamos café volante. E assim, igual colheita de cana: acabou a colheita aqui, nós vamos para outra fazenda; acabou a colheita lá nós vamos lá na outra fazenda”. (O)

“Paisagens do medo” (TUAN, 2006) acompanham de certa forma os percursos da itinerância. Testemunhavam ocorrências muito tristes, como os relatados a seguir:

“Só que lá aconteceu muito desastre. A máquina comia. A gente usava camisa de manga cumprida que dava coceira. Então, a máquina comeu a mão de um rapaz, comeu a mão de uma moça. Eles indenizavam a pessoa, mas ficava aleijado. Outros, comeu a perna. Ficamos cinco anos nessa fazenda (...) No raminho os outros trabalhavam, eu não deixei minha família não. Os moços ficaram doidos para trabalhar, e eu: ‘De jeito nenhum!’. Meus moços, minhas moças: ‘Não vai. Eu estou vendo o que está acontecendo com os outros lá!’”.
(O)

Lembranças tristes, algumas não reveladas explicitamente no momento do depoimento, foram percebidas durante as análises dos materiais transcritos. Percebem-se lacunas, interrupções e silêncios que parecem ‘quase trazer’ à tona episódios escondidos do enredo. Seriam experiências em *lugares de morte e vida* (MELO NETO, 1994)?

*“Quando nós fomos em Martelândia [Matelândia] para comprar passagem, nós vimos **um caso muito triste** em Martelândia, então, nós não compramos. Aí*

*compramos para Rio Claro [SP]. Não conhecia ninguém em Rio Claro, nós viemos estranhos. (...) Moramos um ano ali onde está aquele ranchinho [aponta para um local próximo onde estávamos fazendo a entrevista], tinha uma colônia de casa que vinha até ali perto das mangueiras que cortaram, ali perto da mangueira onde tem um troncão tinha um bar... **Mas esqueci... eu vim passear em Ribeirão Preto**” (O)*

“Porque lá... depois que... que meu marido morreu em Minas, depois que eu fui para o Paraná, casei de novo” (A) (grifo nosso)

Os cortes *bruscos* na narrativa e alguns silêncios reticentes poderiam dizer que nem só de nostalgia se compõem os lugares da memória. As experiências delicadas da vida parecem submergir de águas profundas. Com olhar perdido na fotografia, Angelina parece mergulhar em devaneios. Seu corpo *dizia* o que a boca demorou alguns segundos para dizer:

“Esse aí é um dia de natal, estava a turma meio reunida e aí: ‘vamos tirar foto’”

Significativas são as experiências escolares dessa depoente. Ela *percorreu* um longo trajeto para conquistar sua alfabetização:

“Quem começou a ensinar para mim foi uma criança de primeiro ano, em Minas. Ele entrou na escola e ele falou assim para mim, eu não sabia nada, nada, nada, nada, nada, e ele falou para mim assim: ‘Angelina, vou entrar na escola’! Uma porqueirinha desse tamanho [mostra com uma das mãos espalmadas sobre o solo o tamanho do menino]: ‘vou entrar na escola e o que eu aprender eu ensino para você’. Fiquei toda feliz, nossa, agora sim, agora eu vou aprender. Todo dia de domingo ele ia ensinar para mim, eu estava aprendendo, eu já estava na... como é que é? A, É, I, Ó... por aí. O coitadinho mudou, fiquei sem meu professor” (A)

Mas ela, obstinada, buscou outras formas para aprender:

“chegavam pessoas em casa e que sabia um pouquinho eu pedia para fazer meu nome, o nome do pai, nome da minha mãe, por aí eu ia se matando para ver se eu aprendia. Quando era no outro dia que a pessoa vinha eu mostrava para ver se estava certo. Nossa! ‘Você pôs letras demais’. Outra hora, ‘Está faltando’... Eu era solteira ainda, menina nova... A coisa mais que eu tinha vontade na minha vida era de pegar uma carta ou a Bíblia e ler. Eu não sabia nada, gente! Olha que eu fazia, no tempo que eu era mocinha, meu pai sempre tirava palmito para comer e eles têm uma capa branca, eu pegava palitinho de ripa de coqueiro e eu escrevia, escrevia, escrevia, escrevia... Eu falando que eu queria, aí eu mostrava para meu pai: ‘Ó papai, está certo’? - ‘Coitadinha! O dó da minha filha. Isso daí é cobrinha, minha filha’. Eu achando que tivesse falando que saía é que nem gravar, né? Eu achava que era assim” (A)

Sua narrativa revela os espaços sociais e geográficos que lhe cabia como mulher dentro do quadro familiar e social. Enquanto seus irmãos homens frequentaram a escola formal, Angelina encontrou alguns empecilhos:

*“Meus irmãos começaram a ir, mas eu não fui porque não tinha professor. Quando apareceu professor, era solteiro, um rapaz e eu já estava mocinha e **moça não podia estudar com o rapaz. Os outros entraram e ainda aprendeu um pouquinho e eu fiquei sem nada. E eu fui para roça trabalhar.** Depois que cheguei... nem no Paraná eu não estudei. Estudava com os outros, pedindo auxílio para um e outro. Depois eu vim aqui para Rio Claro, aí sim, teve aula a rolê para mim” (A) (grifo nosso).*

Odete, em uma conversa não gravada, nos revelou algo semelhante. Seu pai não havia deixado frequentar a escola *para não escrever bilhetes para o namorado*. Zulmira, por sua vez, abandonou o segundo ano primário para trabalhar na roça:

“a gente tinha 7 ou 8 anos, já ia pro sítio trabalhar na roça mesmo, trabalhar. Ia na escola meio período, estudava meio período... e só fiz o segundo ano porque tinha que trabalhar”

Os *acontecimentos pessoais* trazidos pelo processo da memória são acontecimentos especiais, não são fatos qualquer, por isso *são lembrados*, se tornaram *experiências*. Dentro dos pontos de vistas específicos – das mulheres – acompanhamos algumas *transformações dos espaços* de parte da região sul e sudeste brasileiro: a derrubada de mata; a experiência e o abandono que se encontravam as famílias nas áreas de fronteiras agrícolas; a participação em trabalho volante nas grandes culturas agrícolas comerciais; as redes de informações e solidariedades entre as pessoas migrantes; as *etnias* no povoamento e seus papéis nesse processo (como no caso dos *italianos* donos da fazenda; lembrando que os migrantes estrangeiros foram mobilizados de suas terras de origem para serem *mão-de-obra* nas grandes culturas agrícolas brasileiras; no trecho acima, de certa forma, mostra a existência de outras realidades ou da ascensão de alguns migrantes a outros *status* no contexto social.); as violências testemunhadas; o trabalho assistencial nas áreas rurais e nas periferias dos centros urbanos; *são alguns exemplos*.

7. Considerações finais:

Entrelaçando os *territórios* das experiências

Como apontam as narrativas produzidas e as bibliografias que nos deram suporte, as *representações*, nas quais construímos junto às *mulheres colaboradoras*, estão carregadas pelos contextos nos quais estão inseridas. Como agentes sociais que são, podem significar que não somente as suas interpretações, mas também as suas experiências contribuem com a constituição destes contextos. Em outras palavras, suas ações, junto com as de outros agentes, contribuíram com a constituição da sociedade em que vivem. Próximo ao que Claval (2002, p. 135) escreveu sobre a geografia cultural, cujo estudo abrange “*o papel das representações, crenças e sistemas de idéias na formação das paisagens e na organização do espaço*”.

Durante as travessias narradas percebe-se a *permanência do provisório* que iam experienciando, dos lugares de origem, nas áreas rurais de expansão de fronteira agrícola, até a chegada ao meio urbano – espaços provisórios em transformação.

Ao *derrubarem mato* com as próprias mãos talvez não percebessem que também estavam abrindo caminho não somente para as grandes lavouras dos “*ricos*”, como para a “*urbanização do território*” (SANTOS, 2005) que se efetiva. Trabalhar nas grandes lavouras comerciais, após abandonarem as terras próprias, vivendo na itinerância, de lavoura em

lavoura, colheita em colheita, como mão-de-obra “*volante*”, morando em cidades, mas trabalhando como bóias-frias nesse *sistema volante*, mostram a *permanência* do *temporário*. Experiências construídas sob signo do “*provisório*”!

Na vida itinerante, mesmo as atividades que pareciam conduzir a um modo de vida relativamente permanente, como a compra de umas terras ou de um “*sitinho*”, as narrativas constroem realidades distantes da estabilidade buscada quando se migra. Logo se *deduz* que as aquisições para a subsistência não eram suficientes para a sobrevivência. Era necessário vender a força de trabalho nas terras dos “*outros*”.

Além disso, se a terra adquirida era “*terra nova*”, de mata recém derrubada, terra boa para a lavoura, logo seria comprada por um fazendeiro para fazer uma “*lavoura mais importante*”, café, soja, trigo ou laranja. Quando a terra era “*ruim*”, esgotada, quando a grande lavoura descartava, pois havia esgotado a sua fertilidade, tirando o máximo de lucro, era terra excluída do grande circuito de produção e consumo. Como Angelina resumiu: “*em vez do gado ficar com a terra ruim, pobre é quem fica, né?*”.

O *provisório* aparece no “*rancho de palmito*” de Dona Odete, aquele que se a onça “*desse um ‘trapo’ derrubaria*” facilmente; nas casas de madeiras ou de “*tábua*”, ou mesmo de pau-a-pique das famílias das depoentes; no “*sitinho*” de terra ruim; nas crises de produção onde não havia para quem vender por causa do “*preço de banana*”. Mesmo sendo em um tempo de “*fartura*”, não era um tempo de boas lembranças, era de trabalho duro debaixo do sol, de decisão de ir para a cidade grande trabalhar num trabalho urbano. Deixando *marcas*, transformando em experiência.

Dessa forma, os *lugares* nas narrativas representam fatos que marcam a vida de quem narra, por isso são *lugares* da memória. São acontecimentos que tocaram *profundamente*, tornaram *experiências* (BONDÍÁ, 2002). Os lugares nas memórias surgem a partir dos acontecimentos pessoais compondo representações aos processos da sociedade como um todo.

Experiências em *fronteiras agrícolas* em expansão, em constantes transformações, contendo tensões sociais que podiam eclodir (e algumas eclodiram) em fatos violentos. Memórias e lugares que construíram sentidos. Geografias!

Reconhecendo que o processo migratório é marcante para os sujeitos envolvidos, atribuímos que essa forma de experienciar a geografia e a história atual e recente brasileira, vivida de forma única e significativa, poderão ajudar a compreender, não só como agiam essas pessoas, “*que pouco aparecem na documentação escrita*”, mas como constroem as modificações espaciais nas quais experienciaram. Os “*espaços*” nas narrativas estabelecem, no tempo e no espaço da experiência, uma rede de relações e significados que poderíamos

chamá-los de “*territórios*”, pois demarcam áreas, estabelecem fronteiras e condicionam ações. O enraizamento das mulheres com experiência migrante se dá através da identidade que, de certa forma, se constitui múltipla, pois tiveram que se constituírem como sujeitos a duras penas durante suas vidas em diferentes espaços geográficos e sociais.

Se levarmos em consideração o foco deste estudo, *as representações migrantes femininas sobre as transformações espaciais experienciadas*, o ser migrante é um sujeito privilegiado na interpretação do processo da formação dos *novos* espaços. Sem deixar de fazer menção sobre a parcialidade de nossas intenções – mas o objetivo foi tratar justamente das especificidades –, as mulheres com experiência migrante, fornecem a partir de suas narrativas uma perspectiva *de dentro* do processo. Visamos – e talvez tenhamos conseguido – o *processo* de construção da pesquisa, e não um produto final acabado, pois a idéia de narrativa a qual perseguimos denota uma obra de certa forma *em aberto* à disposição de que outras experiências possam também contribuir com o diálogo, portanto, com a sua continuação. Ao construir este estudo, poderíamos dizer, então, que nós como sujeitos também estávamos buscando a *experiência* de produzir pesquisa.

Bem, dentro da montagem das narrativas – das mulheres, do pesquisador, das referências bibliográficas, textuais e imagéticas – os territórios se entrecruzam: territórios *das experiências* (dos sujeitos que, de alguma forma, compõem esta narrativa) e a *experiência coletiva* de urbanização do território brasileiro que se constitui durante o século XX e continua até os dias atuais. Arriscamos dizer que as transformações do espaço *exterior* aos sujeitos produzem tanto marcas nas paisagens como neles próprios.

As mulheres que se dispuseram a colaborar com as suas narrativas de memória trazem consigo todas essas transformações do espaço objetivo, contribuindo com a especificidade de suas representações sobre esse processo espacial com impactos na sociedade maior. Mulheres que empreenderam *travessias* migrantes por espaços de expansão de fronteiras agrícolas e que na velhice se fixam em cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. Uma urbanização experienciada e uma “*urbanização do território*” que se efetiva. É o entrelaçar entre experiências individuais e coletivas, pois assim são constituídas as narrativas.

Nessa construção compartilhada que é a narrativa, quem a constrói reinventa o mundo e reinventa si mesmo, como já escreveu Amado (1995) sobre as “*invenções*” nas narrativas de memória e as suas potencialidades. Essas invenções permitem: “*compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm*” (AMADO, 1995, p. 135). A experiência é aspecto fundamental do narrado, negligenciá-la é revelar-se ingênuo:

Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas (AMADO, 1995, p. 135).

Os alinhavados produzidos pela narrativa, tecidos em conversas que remetem aos espaços da itinerância, disparam memórias da experiência individual que entrelaçam com experiências da memória coletiva. Não é a *memória coletiva* em si, mesmo porque esta é composta por várias memórias, como afirmou Halbwachs (1990). Falas entrelaçadas compõem outras falas, outras representações, outras narrativas sobre um período histórico específico. “*Pequenas misérias*” em relação às grandes misérias do mundo (BOURDIEU, 2003, p. 13).

Espaços da experiência por excelência, os “*lugares*” trazem consigo o potencial do enraizamento entre pessoas e espaço geográfico e a criação de identidades (cf. WEIL, 1979, p. 347). No caso da experiência migrante, os lugares podem ter significados múltiplos e contraditórios. São espaços que vão se estabelecendo com o desenrolar biográfico narrativo. Há “*lugares/pausa*” e “*lugares/movimento*” (LIMA, 1996), onde os primeiros se estabelecem como pontos referenciais para o sujeito com experiência migrante. Geralmente, esses espaços estão associados ao seio familiar e/ou grupo social no qual se faça parte; já a segunda categoria, é a própria travessia migrante, com todas as suas cargas de incertezas, um “*espaço de busca*”, primeiramente, “*idealizado, glamourizado e depois assustadoramente sofrido, mas de qualquer modo um espaço de experiência direta*” (RESENDE, 1986, p. 133).

Dardel (1952, p. 56) antecipara nos debates sobre o conceito de lugar, atribuindo a este como ponto de partida da experiência geográfica, servindo como referencial em relação às outras categorias. Seemann (2002/2003, p. 45) escreve que o lugar faz parte do grupo das categorias “*sensíveis*” (assim como *paisagem* e *território*) que estão ligadas à memória e identidade.

No outro pólo das escalas espaciais tem o “*mundo*” como a *casa* (do latim, *oikos*) da humanidade. De certa forma, a categoria lugar só existe em relação às outras escalas espaciais no qual se permite a comparação. Nesse entender, a partir da relação com o lugar que os sujeitos podem estabelecer relações (e, quem sabe, chegar ao sentimento) de pertencimento espacial e social dentro de uma escala maior – da escala local para a global-mundo. De estar **no** e **com** mundo e com os outros, como escreveu Paulo Freire (1997, p. 64). Fazendo assim do mundo também lugar, o lugar de toda a humanidade.

Nossa análise aponta que, nos territórios experienciados pelas mulheres, elas aparecem predominantemente como coadjuvantes do processo, acompanhando irmãos, esposos, ou agregados familiares. Suas trajetórias revelam certos nexos de *redes*, não somente entre pessoas, mas também entre paisagens e lugares experienciados. Mulheres que de coadjuvantes, num primeiro momento, se mostram protagonistas quando desveladas em suas perspectivas, a travessia migrante empreendida por elas e seus grupos. Tempos e espaços de mulheres construtoras de espaços e agentes da geografia e da história recente. A partir de uma perspectiva qualitativa, que teve a pretensão de buscar especificidades de panoramas, de representações singulares.

Para encerrar, gostaríamos de deixar registrado um aspecto sobre a idéia de *experiência* que permeia este trabalho: para que ela possa ocorrer é necessário a *predisposição para*, e, no caso deste estudo, a disposição das mulheres em colaborar com as suas narrativas, de estarem *disponíveis* para se desvelarem em suas marcas *profundas*. Mas essa disposição foi construída através do tempo e do espaço comum, criando laços de confiança e amizade, o que se chama nas pesquisas sociais de *comunidade de destino*. Talvez seja essa a importância dessas reflexões para a educação e especificamente para a educação com adultos, no qual iniciou nosso percurso de pesquisa.

O compromisso com a educação com adultos pode passar pela abertura para a experiência, as *leituras de mundo* que perpassam um espaço específico, o espaço educativo.

Se retornarmos ao fato da busca tardia por escolarização, aspecto este que ao nosso entender permeia de certo modo os percursos subjetivos e objetivos das depoentes – a perseverança de Angelina em se alfabetizar, a lembrança de Odete das razões que seu pai lhe impôs para não frequentar a escola quando moça, o abandono da escola por Zulmira quando tinha apenas 8 anos de idade, sem falar do encontro do pesquisador com essas mulheres no Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) – ampliam-se às possibilidades dessas reflexões. Paulo Freire (1990) sugeriu que a “*leitura de mundo*” se antecipa e se estende na leitura das palavras, ao que Bacocina (2005) denomina de “*movimento entre a leitura de mundo e a leitura da palavra*”. Duarte Júnior (1986 *apud* BACOCINA, 2005, p. 12) enfático, escreve que: “*somente se aprende quando se parte das experiências vividas e sobre elas se desenvolve a aplicação de símbolos e conceitos que as clarifiquem*”.

As mulheres não seguiam *os homens* da família de forma apática e sem desejos, pelo contrário. A educação “*tardia*” fazia parte de suas conquistas almejadas. Construindo suas trajetórias não se esqueceram de si mesmas. Um processo de *empoderamento*:

as reconstruções compartilhadas de processos histórico-sociais, via memória oral, podem redundar em argumentos políticos capazes de fornecer um certo poder aos grupos sociais estudados, permitindo a eles ganhos em suas lutas, sejam elas de caráter político, social ou cultural o assim denominado processo de empoderamento (SIMSON, s/d).

Referências bibliográficas:

AB´SABER, Aziz Nacib. **Domínios de natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, 14, 1995, p. 125-136.

AMORIM FILHO, Oswaldo. B. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. In: DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Percepção Ambiental:** a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.

ANDRÉ, Marli. Estudo de caso: seu potencial em educação **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 49, maio de 1984, p. 51-54.

ARAÚJO, Renata Rodrigues de. **Sobre noções de constituição do sujeito:** mulheres alfabetizadas têm a palavra. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

AZEVEDO, Mirandulina Maria Moreira. **Migração e memória:** a experiência dos nordestinos. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos:** ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BACOCINA, Eliane. A. **A importância do ato de ler na alfabetização de jovens e adultos:** o movimento entre a “leitura de mundo” e a leitura da palavra mediado pelas linguagens visual, poética e musical. Dissertação (Especialização). Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

BEIRO, Douglas. O espaço geográfico e alunos migrantes. In: ANAIS DO CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE), 15º; ENCONTRO PRÁTICA DE LEITURA, GÊNERO E EXCLUSÃO, 3º, 2005. Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil (ALB), Faculdade de Educação – UNICAMP, 2005.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZZI, Meri Lourdes. **Região:** uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. USP, 1987.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAGA, Roberto & CARVALHO, Pompeu F. Cidade: espaço da cidadania. In: GIOMETTI, A. B. dos R. & BRAGA, R. (org.). **Pedagogia cidadã:** Cadernos de Formação: Ensino de Geografia. São Paulo: UNESP, Pró-reitoria de Graduação, 2004.

BRUNO, Fabiana. **Retratos da velhice – um duplo percurso**: metodológico e cognitivo. Dissertação (de Mestrado em Multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no / do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CLAVAL, Paul. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CLAVAL, Paul. Campo e perspectiva da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CONNELLY, F. Michael & CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge (et al.). **Déjame que te cuento**: Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Alertes, 1995.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSTA, Regina Helena M. R. **Os migrantes nacionais em Rio Claro e sua inserção no espaço urbano**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas (SP): Papirus, 1995.

DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 1991.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre**: Nature de la Réalité Géographique. Paris: PUF, 1952.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ERICKSON, Frederick. Método qualitativos de investigação sobre la enseñanza. In: WITTROCK, M. C. (Org.). **La investigación de la enseñanza, II**. Métodos cualitativos y de observación. Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FITTIPALDI, Fernando A. (Coord.). **Os 120 anos de criação da Comissão Geográfica e Geológica 1886 – 2006**. São Paulo: Instituto Geológico, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **Caminhando sobre fronteiras**: O papel da educação na vida de adultos migrantes. São Paulo: Summus, 2009.

GALLAIS, Jean. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **Migrantes mineiros em Franca**: memória e trabalho na cidade industrial (1960-1980). Franca (SP): UNESP/FHDSS; Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

GEORGE, Pierre. **Geografia da população**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra. Introdução. In: GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, vol. 14, nº 28, 1994, p. 180-193.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Seca e migração no nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. **Textos para Discussão**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, nº 111, agosto de 2001. Disponível em: www.fundaj.gov.br/tpd/111.html acessado em: 23/10/08.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HESPANHOL, R. A. & HESPANHOL, A. N. Paisagem construída: o rural. In: GIOMETTI, A. B. dos R. & BRAGA, R. (org.). **Pedagogia Cidadã**: Cadernos de Formação: Ensino de Geografia. São Paulo: UNESP, Pró-reitoria de Graduação, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1991.

HOLTZER, Werther. A Geografia Humanista Anglo – Saxônica – de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 55 (1/4), jan./dez., 1993, p. 109-146.

KENSKI, Vani M. Práticas interdisciplinares de pesquisa. In: **Congresso Estadual Paulista Sobre a Formação de Educadores**. São Paulo: UNESP, 1996.

LEFEBVRE, Henri. O materialismo histórico. In: **Para compreender o pensamento de Karl Marx**. Lisboa: Edições 70, 1966. p. 135-157.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 2ª edição.

LIMA, Solange T. de. **Paisagens & ciganos**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

LOWENTHAL, David (Ed.). **Environmental perception and behavior**. Chicago: University of Chicago, 1967.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina (Auto de Natal Pernambucano). In: **João Cabral de Melo Neto - Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1994.

MENEZES, Marilda Aparecida (Org.). **Histórias de migrantes**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MIRANDA, E. E. **Natureza, Conservação e Cultura**: ensaio sobre a relação do homem com a natureza no Brasil. São Paulo: Metalivros, 2003.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1984.

MONTE, Marisa; BABY, Pedro; BROWN, Carlinhos; ANTUNES, Arnaldo. Vilarejo. In: MONTE, Marisa. **Infinito Particular**. EMI, 2006. Faixa 2.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Memória e identidade**: travessias de velhos professores. Maringá (PR): EDUEM, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, Denise Ap. Soares de. Andantes de Novos Rumos: A Vinda de Migrantes Cearenses para Fazendas de Café Paulistas em 1878. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, nº 34, 1997.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Geografia e ensino: os parâmetros curriculares nacionais em discussão. In: CARLOS, A. F. A. & OLIVEIRA, A. U. de. **Reforma no mundo da educação**: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 19, nº 55, 2004, p. 180-186. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a14v1955.pdf acessado em: 20/03/07.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Revista Brasileira de Educação**, nº 12, Set/Out/Nov/Dez, 1999.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. *O que seriam as geografias de cinema?* **Revista eletrônica txt A tela e o texto**, nº 2. Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. <<http://www.letas.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm>> acessado em: 25/03/07.

PESSOA, Fernando. **O Eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PINTAUDI, Silvana M & CARLOS, Ana Fani A. Espaço e indústria no estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 57 (1), p. 5-23, jan./mar., 1995.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, (14), fev. 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro (SP), 4 (7), abr. 1979, p. 1-25.

RESENDE, Márcia S. **A geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

ROCHA, Renato de Melo. **A ocupação e o processo de urbanização sem planejamento no eixo rodoviário do complexo territorial Brasília–Goiânia**. Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1151549134_45.doc Acessado em: 01/07/08.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2005.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARTORI, M. da G. B. **Clima e percepção**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2000.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SERPA, Ângelo. Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. **Olam – Ciênc. & Tec.**, Rio Claro, vol. 1, nº 2, Nov./2001.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral (CE), vol. 4/5, 2002/2003.

SILVA, Joseli Maria. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

SILVA, Maria Ap. de Moraes. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

SILVA, Maria Ap. de Moraes. A cultura na esteira do tempo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, nº 3, jul./set. de 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300013&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 04/03/08.

SILVA, Maria Ap. de Moraes. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses do nordeste do Brasil nos canaviais paulistas. In: **SEMINÁRIO MEMÓRIA, CIÊNCIA E ARTE, 5º**, Campinas (SP): Centro de Memória – UNICAMP (CMU), 2007. Disponível em: <http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Maria%20Aparecida%20de%20Moraes%20Silva%20-%20completo.pdf>. Acessado em: 02/04/08.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: HUCITEC/CNPQ, 1998.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Memória e Identidade Sociocultural: reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso. In: PARK, Margareth (org.). **Formação de Educadores**: memória, patrimônio e meio ambiente. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2003, pp. 85-105.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Mulheres na intersecção de culturas. In: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CARRERA, Olga; VON SIMSON, Olga R. de M.; MENEZES, Marilda Aparecida. Uma entrevista em análise: olhares diversos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, ano 2, nº 1, jan./jun., 2006, p. 55-98.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. História Oral, memórias compartilhadas e empoderamento: um balanço de experiências de pesquisa. UNICAMP, Faculdade de Educação, Mimeo., s/d.

THOMAS, Keith. O predomínio humano. In: **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. Attitudes toward environment: themes and approaches. In: LOWENTHAL, D. (Ed.). **Environmental perception and behavior**. Chicago: University of Chicago, 1967.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2006.

WEIL, Simone. **A condição operária** e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ZAGONEL, Bernadete. **O que é Gesto Musical**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

APÊNDICE

Nota:

Nas entrevistas as frases que estiverem entre *colchetes* – [] – são perguntas e reflexões não verbalizadas pelo pesquisador durante as entrevistas, ou incluídas durante as transcrições e as análises. Entre *parênteses* – () – estão algumas reações gestuais e verbais das entrevistadas.

Entrevistas 1

Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) – UNESP – Campus de Rio Claro.

Local: Jd. Esmeralda, Rio Claro (SP).

Data: 09/11/2004

Perguntas dirigidas as educandas:

1. Qual cidade você nasceu?
2. Em quais cidades morou, antes de se mudar para Rio Claro?
3. Quais as razões, em sua opinião, dessa movimentação, desde a cidade onde nasceu até a cidade atual (Rio Claro)?

Obs.: Foram feitas entrevistas individuais com oito educandas da turma do Jardim Esmeralda.

1ª Entrevistada: Pedrinha Helena Simões Sopran

Eu nasci em Corumbataí.

[Apenas morou em] Corumbataí.

[Razões] Eu precisava trabalhar, né? Eu vim trabalhar de empregada e estou aqui até hoje.

2ª Francineide Pinheiro Lima Rosolem

Eu nasci no Ceará, Mombaça.

Eu já vim direto para Rio Claro.

[Razão da migração] É por causa que meu irmão veio para cá, né? E minha mãe veio atrás dele. Ele veio primeiro para arrumar serviço. Veio morar na casa de meu tio Paulinho e logo atrás nós viemos.

3ª Maria Aparecida Moreira

Neves Paulista, estado de São Paulo [região de São José do Rio Preto].

Eu passei em José Bonifácio e depois eu vim para Rio Claro.

Eu acho que o motivo assim de trabalho, né? Que os pais da gente queriam procurar serviço em outro lugar. Porque tinha meu irmão solteiro, então, ele veio trabalhar em frigorífico. Foi por motivo de trabalho mesmo. Em José Bonifácio tem gado e frigorífico. Nós viemos do sítio, de Neves Paulista, para ele trabalhar aí no frigorífico de José Bonifácio.

4ª Izaura Lopes

Eu nasci em Rio Claro.

Campinas, né, Nova Odessa, depois fui para Sumaré. Depois fui para Campinas. Em Campinas eu trabalhava de empregada. Depois nós mudamos para uma chácara em Jaguariúna. E daí, trabalhava na chácara, cuidava da chácara. Em Nova Odessa, trabalhava de 'turma'... caminhão. Meu marido trabalhava com turma, levava no canavial, cortar cana, apanhar algodão. *A turma é um caminhão de gente.*

Porque depois por lá não deu certo. Depois mudamos de lá de Campinas. De lá de Jaguariúna mudamos para aqui perto de Cordeirópolis, numa chácara perto de Cordeirópolis. E depois nós trabalhávamos naquela chácara... tomava conta de seis chácaras.

5ª Odete Procópio Morelli

Ver em *ENTREVISTAS 2*.

6ª Angelina Guedes Siqueira

Nasci num patrimônio, Poté, Minas Gerais, município de Pote. A cidade mais perto que eu conheço é Itambacuri. [Saiu de lá] com sete anos de idade.

[De Poté até Rio Claro] eu passei bastante cidade. De Poté nós mudamos pra Pratinha, Minas Gerais também. Mas a cidade mais perto é Ouro Verde. De Pratinha nós viemos para o Paraná, Bandeirantes. Nós fomos trabalhar na lavoura: de café, de milho, de arroz, de tudo. [Em Bandeirantes morou] 25 anos. De Bandeirantes eu mudei para a cidade de Andirá, mas Paraná também. [De Andirá] eu vim para Rio Claro.

[Das razões dessa “*peregrinação*”] A gente sempre está atrás de uma melhorazinha, né? Porque a gente estava no estado de Minas, gosto muito de lá, porque lá é minha terra que eu nasci. Nunca mais [Voltou lá]. Amo minha terra, amo a minha família, amo meu povo todinho é de lá... Só que é muito difícil, a vida lá é muito difícil. Então falaram que o Paraná era muito bom, então a gente sempre procurando uma melhorazinha, né? As pessoas que as vezes viam pra cá e voltava lá e falava que aqui era muito bom e o povo vinha vindo, foi vindo mesmo, foi vindo em peso, outros pra cá, outros pra outros estados e foi deixando Minas.

[O motivo] Procurar uma vida melhor, né?

7ª Antonia de Lima do Nascimento dos Santos

Nasci no Ceará, chamava Mombaça. Eu vim direto para cá [Rio Claro]. Eu tinha 12 anos.

[Razão] A família da minha mãe morava tudo aqui. Então eles vieram... só ela morava lá.

[Por que eles vieram?] Porque é um lugar melhor, né. [Lá] Era muito difícil as coisas. Eu lembro que a minha mãe trabalhava na roça com meu pai que eu ficava em casa cuidando das crianças. Meu pai ele trabalhava na cana.

8ª Nair Lima do Nascimento

Eu nasci no Ceará, Mombaça.

Eu morei no Paraná, Rio Claro também. Eu era mocinha nova, não trabalhava. Eu acompanhava meu pai mais minha mãe, né? Eu fui moça pra lá. Quem trabalhava era só meu pai. Minha mãe não. Trabalhava fazendo as coisas em casa, que nem eu faço, né? Meu pai é pedreiro. Era pedreiro, morreu, né! A cidade era [do tamanho] que nem Rio Claro. Tinha energia lá também [em Rio Claro-PR], só que a casa que nós morávamos não era dentro da cidade, nós morávamos no sítio. [era de vocês mesmo o sítio?] Não, nós morávamos assim... Como é que fala? Nós morávamos assim... tinha patrão, sabe? Porque nós não tínhamos casa. Aí, nós morávamos... como é meu Deus? ... Nós morávamos assim... era muito rico e ele tinha fazenda e nós morávamos na terra dele. [morou] no Paraná e aqui São Paulo. Nós viemos do Paraná reto pra Rio Claro [SP].

[Razão] Por causa eu tinha muita vontade de vir embora para São Paulo, porque lá no Ceará era o seguinte, a gente era que nem escravo lá. Porque a gente não tinha nada, trabalhava com patrão. E a gente, a obrigação deles queria que a gente fizesse de tudo, né.

Lavava roupa para... como é que fala? Como é meu Deus? Deixa pensar aqui como é que eu quero falar. Por causa que nós morávamos com ele e nós não tínhamos terra. E como nós não tinha terra, nós morávamos com eles. E ele queria que a gente fizesse as coisas de graça para eles, né. Lavava muita roupa para a minha patroa, sabe? Cada trouxona de roupa, sabe? E tinha vez que eu chegava em casa não tinha nada, só tinha água do pote. Tinha nada para colocar no fogo, né. E aí eu pegava as roupas dela. O que ela fazia, mandava lavar. Depois eu chegava lá com uma trouxona de roupa tudo limpa, né. Mandava entrar lá dentro, porque ela era rica, né. Ela era rica minha patroa. E ela mandava colocar lá dentro do quarto dela, em cima da cama, para as outras empregadas dela dobrar, para depois passar para ela as roupas. Mas sabe como é que era, tudo de graça. Lá não tinha pagamento de nada não, nem um pouquinho. Nós éramos assim que nem escravo lá no Ceará, por isso que eu tinha vontade de vir embora aqui para São Paulo. Eu achava assim que a gente viesse aqui para São Paulo a gente melhoraria mais de condições, não ficaria muito sofrendo.

Quando eu cheguei, eu cheguei trabalhar, eu trabalhava só que quando eu... que era mesmo assim mesmo São Paulo mesmo[?] Eu morava ali no... Como é que fala? Para baixo do [bairro] São Miguel, como é que chama meu Deus? Lá eu trabalhava. E eu estava gostando do meu trabalho e a patroa estava gostando de mim, né. E eu fui obrigado a vir embora para cá, né. E ficava muito longe para ir para lá. Aí eu peguei e deixei meu emprego lá, mas eu tava gostando. Tanto eu estava gostando que a minha patroa também estava gostando de mim. Até chorou quando eu saí de lá: *“Ai Nair, não acredito que você vai embora”*. *“Eu vou sim”*. *“Será que vou encontrar uma pessoa que nem você? Você é tão boazinha, tem cara pra nada”*. Era perto do São Miguel. Na vila Industrial. E eu trabalhava aqui, perto do... na vila Cristina. Eu trabalhava de empregada, eu estava gostando...

Entrevistas 2

- 1. Odete**
- 2. Zulmira**
- 3. Angelina**

1. Odete Procópio Morelli

Rio Claro, 11 de novembro de 2004.

Local: Centro Comunitário do Jd. Esmeralda.

Ribeirão Preto, estado de São Paulo. Ribeirão e Nova Granada, duas cidades pertinho. Fui embora para o Paraná com idade de 2 anos. Cambé, Rolândia, Maringá, Uniflor (a cidade em que me casei), Nova Esperança, depois fui viver em Formosa do Oeste, lá eu vivi muito tempo.

Nós compramos um mato e entramos no meio das onças e fomos derrubar mato. Tinha onça. Cheguei a ver onça, sim. Eu tinha uns 29 anos. Fomos derrubar mato no facão. Achamos umas minas d'água muito bonita. Lavava roupa, fiz tanque pros patos nadar e eu brincava com as crianças lá. E aí um dia, meu marido perguntou: Escuta, você sabe se tem um gatinho pintadinho, assim? – Ah, tem bastante! – Ah, olha lá em cima do pau... Quando eu olhei! Meu Deus do céu! Catei as crianças, pus dentro de um rancho de palmito, que se a onça desse um *trapo* o rancho caía... Aí veio os fazendeiros lá que tinha alugado gente para matar a onça, porque estava pegando muito bezerro no pasto. Para cá era mato, para lá era pasto, invernada. E ela estava matando bezerrinho. E aí, eles atiraram na onça e mesmo atirada ela subiu num pau. E eles foram atirando, atirando, até que a mataram. Daí, os homens subiram no pau, tinha dois filhotinho. Mas que bonitinho! Ela levava comida para eles. Eles estavam num oco, assim. O pau era meio deitado. Tava tudo sujo debaixo das unhas.

E aí, nós tiremos os filhotinhos e fomos criar. Mas eles mordiam tanto a mão e meu marido ficou com medo deles comer as mãozinhas das crianças. Daí, nós pusemos eles numa gaiola. Daí, veio o homem do circo e meu marido vendeu.

Era na cidade de Uniflor, onde derrubemos mato. Aí, nós fomos para Maringá colher café. De Maringá nós fomos para Guaíra, lá meu avô tinha sítio. Nós viajamos bastante, porque nós colhíamos café *volante*. E assim, igual colheita de cana: acabou a colheita aqui, nós vamos para outra fazenda; acabou a colheita lá nós vamos lá na outra fazenda.

Depois de Guaíra... não lembro o nome daquela fazenda, uma fazenda tão bonita, dos italianos. Era pertinho de Maringá. Era uma fazenda grande onde nós moremos uns três anos. Tem ‘*minjolo*’, trabalhava no ‘*minjolo*’. Fazia farinha de mandioca, farinha de milho. Lá que meu marido aprendeu a fazer rapadura, fazer açúcar batido.

Nós moramos uns doze anos nessa fazenda. De lá, nós mudamos para fazenda ‘*Raminho*’ [acredito que ela quer dizer ‘rami’], perto de Foz do Iguaçu. A fazenda ‘*Raminho*’ é onde ele colhia ‘raminho’... é que nem um tratorzinho pequenininho que descascava o raminho. O raminho era plantado de máquina. Plantava na linha certa. Depois os homens iam com facão cortando em cima e embaixo que nem a cana e fazendo aquela caieira e vinha o tratorzinho puxando aquela máquina que a gente pegava os feixinhos assim e colocava na máquina para descascar. E aí, um bando de mulher de lá e um bando de homem daqui, forrava aquele panão grande, pano de colheita que eles falam. Aí, enfia aquele raminho e saía todo descascadinho pra lá, um ia pegando a madeira descascada e jogava pra lá e outro ia pegando aqueles feixe e amarrando com mesmo raminho, amarrava. Então, ia para a fábrica de Maringá para fazer jeans. [Chamava] raminho mesmo.

A fazenda ficou com o nome de raminho por causa do raminho que ela plantava [em pesquisa verificou-se que essa mesma fazenda deu origem ao município de Ramilândia, conforme: <http://www.prdagente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=788>, acessado em 07/05/08]. Só que lá aconteceu muito desastre. A máquina comia. A gente usava camisa de manga cumprida que dava coceira. Então, a máquina comeu a mão de um rapaz, comeu a mão de uma moça. Eles indenizavam a pessoa, mas ficava aleijado. Outros, [a máquina] comeu a perna.

Ficamos cinco anos nessa fazenda. Nós plantávamos café 40%, nós plantávamos, mantimento era nosso, o café era do patrão. No raminho os outros trabalhavam, eu não deixei minha família, não. Os moços ficaram doidos para trabalhar, e eu: “*De jeito nenhum!*”. Meus moços, minhas moças: “*Não vai. Eu estou vendo o que está acontecendo com os outros lá!*”. Da Raminho, nós viemos pra cá. A Raminho que nos trouxe pra cá, pra Rio Claro. Porque era três mil alqueires de café e tinha 6.000 família [?] trabalhando. Aí, eram três irmãos médicos que moravam em Rolândia, Paraná. Então, os três irmãos brigaram. Aí, foram dividir a fazenda. Dividiram em três parte. Então, indenizou tudo o povo para mandar embora. Aí, nós íamos para o Mato Grosso. Quando nós fomos em Martelândia [Matelândia] para comprar passagem, nós vimos um caso muito triste em Martelândia, então nós não compramos. Aí compramos para Rio Claro. Não conhecia ninguém em Rio Claro, nós veio estranho. Na vila

Asteca, ali pertinho da rodoviária, umas casas feias para o lado de lá. [Tem até hoje?] Tem. Vocês passam lá. Uma colônia feia com *cães* [?] caindo. Morei um ano lá. Faz 21 anos.

Aí, de lá o seu Servino nos trouxe para cá. Nós moramos quatro anos com seu Servino. Moramos um ano ali onde está aquele ranchinho [Aponta para um local próximo onde estávamos], tinha uma colônia de casa que vinha até ali perto das mangueiras que cortaram, ali perto da mangueira onde tem um troncão tinha um bar... Mas esqueci... eu vim passear em Ribeirão Preto. Porque minha avó é falecida, mas tem minhas tiarada, 16 irmãs que é da parte de minha mãe.

[Por que a senhora fez essa volta?] Acompanhando o marido, né? Porque ele foi criado em São Paulo. Nós nascemos em duas cidades perto. Ele nasceu em Osvaldo Cruz. Fica bem pertinho. Ele foi, homem formado, pois ele ficou sem os pais muito criancinha, porque estava dando maleita naquele tempo. Então, morreu muita gente de maleita: meu sogro, a minha sogra, meu cunhado (que é irmão de meu marido). Aí, então eles eram cinco irmãos, ficaram em quatro. Quando o pai morreu deu a menininha embora, uma família pegou e foi embora. Aí nós fomos achar essa menininha depois de nós casados, nós vivíamos procurando, procurando pelo nome, sobrenome e aí nós fomos achá-la perto de Mirante do Paranapanema.

Meus pais moravam lá numa fazenda e a minha mãe ficou doente, ficou internada em Presidente Prudente. Aí meu pai foi no Paraná me buscar, pra eu cuidar das minhas irmãs. Que meu pai ficou *torto*, porque ele tinha moça e ele tinha muito ciúme e tinha duas que já estavam namorando em casa. Ele não sabia se ficava com minha mãe ou se ficava em casa com medo dos rapazes invadir a casa dele. E aí foram buscar: “*minha filha, você é casada, você vai cuidar das meninas pra mim*”. Eu fui. Eu estava grávida do José de quatro meses. Aí fiquei muito tempo lá com os meus pais, o José nasceu. Aí falam [os outros filhos de Odete]: “*porque o José é paulista, nós todos somos paranaense*”. Porque ele nasceu em São Paulo, no Mirante do Paranapanema...

Quando eu fui pro Paraná de novo. Minha mãe já tinha melhorado, meu pai também, a minha irmã já tinha casado, a mais velha, abaixo de mim. Ela estava esperando bebê. Ainda ajudei ela fazer enxoval do bebê, tudo a mão e não fiquei sabendo se era menino ou menina, porque nós mudamos para Formosa do Oeste, era 200 km. Não tinha jeito de mandar uma carta para eles, nem eles mandar pra mim. O meu cunhado é paraibano, chama José também, ele falou que era só esperar minha irmã ter bebê e quando o bebê pegar uns quatro *mesinho*, ele ia embora para Paraíba levar minha irmã. Meu pai não ia ver mais. Eu fui pro Paraná, eu não vi mais pai e mãe. Por isso que eu voltei pra cá para procurar. Sei que parece que uma coisa me conta, que o pai e a mãe não tem mais. E meus irmãos e as minhas irmãs? Meus

irmãos, eram meninos, formados tudo homem, eles podem passar perto de mim que eu não conheço. *Porque Mirante é bem pertinho*, eu tenho que ir lá ao Mirante para saber, mas lá não tem mais ninguém, já mudaram todos embora.

Meu marido foi, quando a gente morava, mas ele bebeu *pouco*, chegou no Mirante e ele bebeu. Aí ficou sentado no banco até de tarde. E aí de tarde ele veio embora com o ônibus. “*Aí você procurou?*” “*Eu procurei nada!*” [irônica, imitando a voz do marido]. Em Capivari ele foi procurar um tio dele e o tio dele já é falecido. Isso faz uns 18 ano. Eu conheci meu marido em Uniflor, uma cidade bem pequenininha. Perto de Cruzeiro do Oeste (Paraná). O meu genro, que é casado com a minha filha, nasceu em Cruzeiro do Oeste. Quando a gente vinha viajar para São Paulo, a gente vinha no Cruzeiro do Oeste quatro hora da madrugada. Gente pagava um carro até Cruzeiro. De Cruzeiro que a gente pegava um ônibus para vir reto para São Paulo. A gente veio *umas par* de vez passear. A primeira vez, o pai morava em Santo Anastácio, aonde eu vim trazer a primeira menininha para o pai batizar. Depois eu vim outra vez, ele estava no Cruzeiro do Sul. Eu vim outra vez ele estava em Presidente Prudente. Eu vim outra vez ele estava no Mirante do Paranapanema. Eu já vim de mudança. Meu marido não agüentou a saudade minha de ficar lá longe. Nesses tempos ele veio três vezes me ver. Quatro vezes, vendeu tudo que tinha, quando eu assustei, o caminhão de mudança estava chegando, ele, o irmão dele e uma cunhada.

Única pessoa que eu conheci na minha vida foi minha cunhada. E a minha cunhada ficou no Paraná, a coitada. Quando eu vim, o meu cunhado já tinha falecido. Nós vendemos o sítio para tratar do meu cunhado, mas não adiantou nada. Ele tinha câncer no sangue, ele não agüentou. Nós íamos levar ele para Curitiba, estava passagem, tudo, comprada para ir amanhã, hoje à tarde ele faleceu. Faleceu na roça trabalhando. Nós sofremos muito. Os irmãos não se largavam de jeito nenhum, desde pequenininho foi criado junto. Então sentimos muito. Minha cunhada ficou largada lá. Numa cidade pequenininha chamada Sabáudia. Ficou com três criancinhas, eu queria trazer ela, mas ela não quis vir. [Nesse tempo morava] na fazenda Raminho. A gente veio direto para cá.

2. Zulmira Rosseto Borcato

(nascimento: 12/07/1941, Vera Cruz/SP).

Data da entrevista: 03/12/2008.

Local/entrevista: garagem da residência de d. Zulmira, Jd. Esmeralda, Rio Claro (SP).

Douglas: Nome?

Zulmira: Zulmira Rosseto Borcato, Vera Cruz, 12/07/41.

D: Quando saiu de Vera Cruz?

Z: Tinha quatro anos, nós fomos para Osvaldo Cruz...

D: Perto de lá?

Z: Não é muito perto não. Vera Cruz é aqui perto, pra cá de Marília e Osvaldo Cruz é bem pra lá de Marília. Depois quando eu tinha, acho que, treze ou quatorze anos, eu fui para Lucélia. Lá que eu casei. Eu tinha dezesseis anos.

D: A senhora lembra por que mudaram de lá?

Z: Porque naquele tempo, lá em Osvaldo Cruz, era terra nova, terra melhor para plantação. Meu pai chegou a derrubar mato pra plantar lá. Então foi plantação de café... dava bastante arroz, feijão... então, nós trabalhávamos na lavoura mesmo e plantando café. Até café formar colhíamos arroz, feijão, essas coisas assim.

D: Era terra de vocês?

Z: Não, era meeiro. Ficava metade para o patrão e metade para meu pai. Inclusive, a gente tinha 7 ou 8 anos, já ia pro sítio trabalhar na roça mesmo, trabalhar. Ia na escola meio período, estudava meio período... e só fiz o segundo ano porque tinha que trabalhar... [Onde?] Lá em Osvaldo Cruz. Depois em Lucélia também ele continuou meeiro ainda... Também trabalhava no sítio dos outros.

D: Vocês moravam na “terra” [área rural], não morava na cidade?

Z: Morava no sítio mesmo. Não tinha nada esse negócio de força [energia elétrica], nada, era tudo na lamparina. Quando eu era pequena, era até quando eu casei, tudo era assim.

D: Como eram as casas?

Z: Era de tábua.

D: A senhora tem saudade daquela época? Era melhor ou pior?

Z: Era pior. Era melhor num ponto, a gente colhia, comia todas as coisas mais puras. Isso daí era. Tinha fartura das coisas. Naquele tempo meu pai plantava, então, ele era um homem muito trabalhador, então, tinha fartura das coisas, mas só que trabalhar num sol quente daquele, hoje, se fosse a gente lembrar o que a gente passou não queria mais, não (risos).

D: A senhora falou que casou em Lucélia com dezesseis anos, ficou lá até que idade?

Z: Eu saí de lá, de Lucélia, nós fomos, quando eu era casada de novo, nós fomos para Irapuru, eu com meu marido, lá eu tive meu primeiro filho.

D: Com que idade a sr^a foi pra Irapuru?

Z: Lá foi onde o João nasceu, acho que eu tinha dezoito anos. Ficamos lá um ano só, daí, eu tive meu primeiro filho, daí, voltamos para Lucélia [trecho acidentalmente apagado, mas reconstruído a partir das anotações e lembrança do pesquisador], ficamos mais um ano, daí fomos pra São Paulo. Já tinha o mais velho e uma filha com seis meses, nós fomos pra São Paulo. Aí, ficamos em São Paulo 22 anos.

D: A sr^a trabalhou lá?

Z: Os dois trabalhavam lá. Ele trabalhava em firma e eu trabalhei de faxineira, trabalhei em firma também, trabalhei em loja, de balconista. Aí, lá que nós compramos casa, que deu pra gente comprar casa. Compramos um terreno, construímos casa. Depois meu marido aposentou, nós viemos pra Mogi Mirim. Olha, quanta mudança (risos).

D: Por que Mogi Mirim?

Z: Porque a cidade de São Paulo já estava meio violenta e o meu marido queria vir para o interior de novo. Ele aposentou, quis vir. Nós colocamos uma lanchonete em Mogi Mirim.

D: Vocês já a conheciam?

Z: Fomos assim, sabe, vendemos a casa em São Paulo e compramos lá em Mogi Mirim. Lá ficamos 12 anos. Depois viemos pra Rio Claro.

D: Por quê?

Z: Por que já tinha os filhos que estudaram, eles se formaram para técnico. Daí, eles quiseram que nós viéssemos para cá também com eles. Tenho quatro filhos que eram meus mesmo, depois eu adotei uma menina ainda lá em São Paulo. Fiquei com cinco filhos. Os três homens estudaram pra técnico de refrigeração e queriam que nós viéssemos juntos com eles para cá. Nós vendemos a casa lá e compramos pra cá. E estamos aqui até hoje. Se Deus quiser, agora não mudo não (risos).

D: A sr^a estudou quando era criança, depois saiu da escola, depois a sr^a não estudou mais?

Z: Depois eu fiz a terceira, a quarta... até a sétima série. No MOBREAL mesmo, em São Paulo, já casada.

D: Em São Paulo a sr^a lembra o período que morou?

Z: A menina é de 61, ela tinha seis meses. Mais ou menos 61 e nós ficamos 22 anos lá. Agora faz, em janeiro de 2001 [?], 2009 [?], 50 anos de casado. Se Deus der vida e saúde a gente...

D: Desses lugares, têm algum que a sr^a acha especial, que a sr^a gostou muito ou que não gostou?

Z: [Breve silêncio. Pensativa] Lugar pra ganhar dinheiro é São Paulo. Era, não sei agora. Aquele tempo era, porque era fácil para arrumar serviço, tinha mais emprego, corria dinheiro, então, foi lá que fizemos o “pé-de-meia”, bem dizer. A casa, estudou os filhos, foi lá. Agora, de Rio Claro eu gosto, viu. Eu acho uma cidade assim, sei lá, a gente daqui, o modo da vivência daqui, eu gosto. Porque lá em São Paulo não tinha esse negócio de conhecer vizinho, nada. Era trabalhar e vir pra casa e não tinha esse negócio de amizade, não, assim. Mogi Mirim também, todo lugar onde morei foi bom, não foi ruim. É que a gente sempre procurava melhora.

D: O que a sr^a faz aqui na comunidade? Aqui é Palmeiras ou Esmeralda [bairros de Rio Claro]?

Z: Aqui é Esmeralda.

D: A sr^a trabalha na comunidade?

Z: Trabalho.

D: Como chama a comunidade?

Z: Tem a capela nossa aqui é Nossa Sr^a da Paz, mas a paróquia é Espírito Santo, então, a gente faz um trabalho em conjunto. Eu trabalho na Pastoral Social, com os pobres. Lá em São Paulo eu também já fazia isso, mesmo trabalhando. Pastoral Social, Pastoral da Caridade, que trabalha com os pobres, com as famílias... mais pobres [ameaçou dizer “mais carentes”, mas não diz].

D: Por que a sr^a trabalha [com esse tipo de trabalho]?

Z: Acho que sempre, sei lá, quando... Todo lugar que mudei, quando eu vejo estou fazendo esse trabalho, acho que é dom da gente, mesmo. Lá no interior [sertão, território, lugar distante], quando eu morava lá, fui aprender a aplicar injeção, então, já lidava com pessoas assim, morava no sítio, longe da cidade, fazia já isso [profissão improvisada pela falta de pessoal qualificado para serviços emergenciais]. Desde lá depois em São Paulo também trabalhei bastante, lá nas favelas, nesses lugares e aqui eu continuo.

D: A sr^a teve vontade de fazer um curso, dentro disso, enfermeira?

Z: Não... Eu já fui fazer. Eu comecei fazer na Santa Casa de Santo André, eu fui fazer enfermagem. Mas, eu ficava com muita dó das pessoas. Não estava assim... E eu trabalho com as famílias carentes, se for preciso fazer, já lidei com bastante gente doente, tudo, mas no hospital eu não me dei bem, não.

D: A sr^a largou o curso?

Z: Larguei, não completei o curso de enfermagem.

D: A sr^a tem uma profissão?

Z: [Silêncio] Não tenho. Sou só “*do lar*”. Trabalhei de bastante coisa, mas não... “*Do lar*” mesmo.

D: Chegou a aposentar?

Z: Aposentei. Já sou aposentada. Porque lá em São Paulo nós tínhamos comércio também. Sempre foi no meu nome, eu que paguei o ‘*INS*’, então eu que pagava o ‘*INS*’, agora com 60 anos eu aposentei.

[peço a permissão para retornar outro dia para tirar possíveis dúvidas]

Z: Pode.

...

Z: Pensar o que a gente passou no sítio. Meu pai era italiano. Descendente de italiano que punha a gente para trabalhar desde pequena, tinha que trabalhar. Mas num ponto foi bom, não foi?

D: Por quê?

Z: Porque naquele tempo não tinha tanta malvadeza [o trabalho como disciplinador e educador moral] que nem tem hoje, que a meninada fica toda pra rua aprendendo, muitas vezes, o que não presta, não é? Sei lá. E essa lei que não pode trabalhar. Acho que deveria ter a lei... Teria que estudar, sim, estudar precisa, mas também, deixa que trabalha. Se a pessoa tem vontade de trabalhar, os pais quer por para ajudar, deixa que trabalha! Mas não, não pode.

D: Isso que a sr^a está falando é um conhecimento que é da sr^a, não é?

Z: Que eu penso assim...

D: É uma experiência. A sr^a teve do trabalhar no sítio, trabalhar na cidade, em vários lugares. A sr^a voltou a estudar no Mobral, como falou, alguma vez este conhecimento que a sr^a tem, está falando aqui para mim, foi usado na escola?

Z: Depois?

D: Quando a sr^a voltou a estudar?

Z: Como assim?

D: Na escola a sr^a aprendeu... O que a sr^a aprendia na escola?

Z: Quando eu voltei para o Mobral? Depois, de idade?

D: Isso.

Z: Era uma escola normal.

D: Mas esse conhecimento de experiência de vida nunca foi usado?

Z: Não, não. Foi uma escola normal. [nesse momento, há barulho de cachorro latindo] Tinha as aulas disso e daquilo, mas não era uma coisa assim. [chegam duas mulheres e querem falar com d. Zulmira – lembrando, estávamos conversando em sua garagem, que é coberta, que dá diretamente para a rua, estamos sentados em cadeiras ao lado de uma mesa de madeira maciça. Zulmira conversa com elas. A princípio desligo o gravador, mas logo ligo novamente, pois pode ser interessante à construção do depoimento. Zulmira fala com as mulheres – de aparência humilde, parecem que recolhem material reciclável. Parece que o motivo da visita são as cestas básicas doadas pelo grupo liderado por Zulmira]

Z: Não pude fazer visita, porque não vai dar mesmo... [ela diz às mulheres] Inclusive vou levar meu carro para o conserto e vai atrapalhar mais ainda. [a conversa continua. o som quase não permite identificar o que dizem. desligo o gravador, mas nossa conversa inicia e ligo novamente]

...

D: O que é o trançador?

Z: Trançador é um serrote assim, que tem dois cabos, um puxa de um lado, outro do outro lado. Depois a madeira... Tiramos toda a madeira para vender por metro. Eu tinha 10, 12 anos, hein! E eu já puxava o trançador de um lado e ele do outro. Dia inteiro no sol quente.

D: A sr^a teve mais irmãos?

Z: Teve uma mais velha e duas mais novas. Mas o irmão era o mais novo de todos. Então, era eu com a irmã mais velha que ajudava meu pai trabalhar na roça. Nós tocávamos 7000 pés de café que nós mesmos plantamos em Osvaldo Cruz e até que o café cresceu, que começou dar, nós plantávamos arroz, feijão, milho... Só que tinha fartura, tinha fruta, tinha porco, tinha galinha...

D: Plantava para vocês?

Z: Plantava, mas vendia também.

D: Vendia em Osvaldo Cruz?

Z: Vendia em Osvaldo Cruz. Teve um ano, que eu me lembro até hoje, nós colhemos tanto arroz que foi 360 sacos de arroz nós colhemos.

D: O arroz não era pro patrão?

Z: Era metade. Era metade também. Tudo que colhia era metade.

D: Pensei que era só o café.

Z: Não, era tudo, tudo que dava, menos galinha, porco, não. Criação, não, mas outras coisas eram.

D: Vocês chegaram a ver índio lá?

Z: Não, lá não. Em Osvaldo Cruz, não... Tinha muita cobra lá. [interessante como a pergunta sobre índio fez associar a aspectos da natureza, como os animais que enumera a seguir] Cobra, macaco. Macaco tinha muito lá nos matos. Que roubava os milhos da gente (risos).

D: A sr^a tem alguma fotografia dessa época?

Z: Dessa época não tenho.

[começo a contar sobre um livro que eu folheara na biblioteca da faculdade sobre as expedições das Comissões Geográficas e Geológicas do estado de São Paulo onde encontrara algumas fotografias do chamado oeste do estado do início do século XX, onde havia algumas que mostravam enormes cobras socris mortas pelos integrantes das comissões]

Z: É, naquele lado tinha muita cobra, de metro e meio... Quanta cobra que nós matávamos. Só que nós não tinha muito medo, era acostumado no sítio. Então, nós mesmos matávamos. Era meninota e via a cobra, a gente matava.

D: Matava com pedra, pau?

Z: Na enxada.

D: Nunca foi picada?

Z: Não. Meu pai foi picado de cobra.

D: E então?

Z: Não tomou nada, não fez nada. Foi o curador que curou ele (risos). Naquela época, lá, não sei como, também não sei como, que eu era criança.

D: A sr^a sabe o nome das cobras?

Z: Ah! A que picou ele, não lembro. Era grande.

D: É que umas não têm veneno.

Z: Pode ser. Eu sei que foram lá, o homem benzeu e mandou passar um remédio só e pronto.

D: Seu pai não ficou mal?

Z: Não. Morreu com quase 70 anos...

D: Não foi por causa da cobra?

Z: Não.

D: Hoje já não tem mais mato lá?

Z: Não. Hoje não tem mais mato lá.

D: A sr^a voltou lá?

Z: Voltei. Passear. Agora nem cafezal [paisagem] tem mais lá, a maioria não tem mais. As frutas deram muito aquele... Eu não sei... Eles falavam, cancro cítrico [*causado pela bactéria xanthomonas axonopodis pv. citri, o cancro cítrico ataca todas as variedades e espécies de citros e constitui-se numa das mais graves doenças da citricultura brasileira*],

conforme: www.fundecitrus.com.br/doencas/cancro.html Acessado em 27/02/08], eu não sei o que era isso aí, uma praga que dava nas frutas... Nem fruta tem mais lá. É maioria cana e pasto. Naquele tempo era uma terra boa, não precisava passar nada, que davam as coisas.

D: Todas as terras que tinham eram boas? Ou tinha terras ruins?

Z: Não. Tinha lugar de terra ruim, mas a maioria era terra boa, porque era terra nova, porque a turma derrubava mato e plantava, era cafezal novo, era tudo terra boa, mesmo... Depois, nós compramos uma chácara lá, quando o ano que eu casei meu pai comprou 4 alqueire de terra lá.

D: Chegou a plantar nele?

Z: Plantamos. Plantou sim. Tinha café também, tinha pomar grande, tinha lago de peixe, era um lugar bonito. Passava até a linha do trem assim pertinho [Ver Monbeig]. Era perto de Lucélia. Então, foi legal, só o trabalho do sítio não é fácil. Eu cheguei a arar a terra com meu pai para plantar. Trabalhar no arado tocando o cavalo. Na carroça, eu que puxava os alimentos para ele. Chegava lá na roça, ele enchia a carroça, chegava em casa eu rolava tudo, assim, o saco no terreirão de café, voltava para lá, ele enchia a carroça de novo. Eu voltava no tempo da colheita, porque era duas filhas mulher primeiro e nós tínhamos que fazer. Minha irmã não era muito de... [Trabalho] (risos). Ela trabalhava, a coitada, bastante, também, só que, pegar a carroça, abanar café, ela falava: “ah, não sei”. E eu já era atirada, pegava e fazia [Pausa, pensativa]... Era gostoso também! A gente via a natureza de um tempo e hoje a gente fica meio desanimada de ver os rios tudo poluído.

D: E lá, está poluído também?

Z: Tem também bem poluído, não é mais igual. Primeiro você ia em qualquer rio e pegava peixe que só vendo. Riozinho, esses córregos que tinha por meio da *sitiada*, tinha peixe, pegava bagre que você, meia hora você pegava um monte de peixe. Hoje em dia não tem mais. Porque, se hoje em dia, se pôr a cana tem que pôr veneno [agrotóxico]. Corre para o rio. As cidade solta tudo nesses rios. No tempo, não era. No tempo havia as fossas... Era tudo fossa de primeiro. Agora encanado e solta nos rios.

[Chega um senhor, conhecido de Zulmira. Pergunta se ela não quer vender a mesa, a mesma em que estamos usando. Dona Zulmira disse que comprou de uma mulher que foi para o Japão – a migração no cotidiano –, que viera de Goiás. E diz concluiu que não queria vendê-la, pois a utilizava. O senhor vai embora. Conversamos brevemente sobre a mesa. Ela disse que era feito de madeira maciça]

Z: Olha, em casa como que é, hoje já trouxeram isso daqui [ela aponta para algumas doações que estavam próximas de nós]. E quando falam para ir buscar lá eu vou buscar, depois a gente dá um pouco para um, um pouco para outro. É tudo doação.

D: As senhoras que vieram, estavam pedindo cesta de natal [estava me referindo às senhoras que apareceram durante a entrevista]?

Z: Cesta básica, mesmo. Elas pegam lá, é que eu fiquei de fazer visita, nesse final de ano eu estava querendo fazer visitas, porque nós estamos com mais de duzentas famílias. Então, no natal, para aquelas que mais precisam, uma cesta melhor. Só que é duro. Duzentas famílias, fazer visita, não é fácil. E é lá para o Jd. Novo, Terra Nova, e eu ando muito por aqueles lugares, lá [os de *lá*, os outros, moradores pobres de bairros novos que estão surgindo]. Então, só que não dá tempo de fazer para todos, né! Então, essas [famílias] que eu mais conheço, eu não vou.

D: Quem ajuda? É o pessoal da comunidade ou tem empresas?

Z: Não. Esse padre aí, ele pede muito, sabe? E eu vou buscar em Corumbataí também. Tem um depósito lá em Corumbataí de cesta básica. Quase todo mês ele liga para eu buscar. Só que ele dá assim, macarrão que o pacote estourou, então ele vai amontoando num saco grande, depois chega aqui, nós embalamos certinho, mas é tudo coisa boa. É trigo, essas coisas assim, feijão, ele dá. E na igreja [também] arrecada. Todas as capelas, porque são treze comunidades e é centrado lá, daí, o povo vai buscar tudo lá. E eu coordeno isso e é bastante e tem quatorze pessoas que trabalham comigo. Amanhã mesmo, nós vamos trabalhar lá depois do almoço, já falei com elas, para organizar. Na quarta [-feira] a gente faz bazar, com o dinheiro do bazar a gente compra também. Vende a dez centavos a peça, dez peças por um real. Pelo menos escolhe o que eles querem. Só que dá muito trabalho, nossa! E com isso aqui já faz doze anos que eu trabalho, só aqui, à frente.

D: Os problemas têm aumentado ou diminuído?

Z: Tem aumentado cada vez mais, porque vem muita gente de lá do “*norte*”, do Ceará...

D: E ainda vêm?

Z: Ô, se vem! Tem um parente aqui e daqui escreve que é para vir e vem. Então... [rede de informações entre os migrantes]

D: E lá não deve estar muito bom!

Z: Então vem para cá. Muitos ficam um tempo aqui, depois volta para lá e é assim. E chega aqui não tem cama, não tem isso, não tem aquilo, não tem aquilo... E aí, eles vêm pedindo para mim. Hoje mesmo, já veio um homem oferece, que tem uma cama, então, eu já falo para a pessoa e a pessoa vai buscar...

D: A quanto tempo a sr^a está em Rio Claro? Faz onze anos?

Z: Não, faz mais, só que eu estou à frente – eu sempre trabalhei com isso mesmo – só que à frente, que eu organizo faz doze anos já.

D: E Rio Claro mudou muito? Aumentou?

Z: Aumentou muito. Só que não tinha... Precisava de mais firmas, trabalho para essa turma. Não tem emprego para essa turma. A maioria da turma que mora no Guanabara [outro bairro da cidade], lá no Terra Nova... você não foi lá ainda?

D: Não, no Terra Nova acho que não, só no Guanabara.

Z: Tem um bairro grande lá e agora fizeram, bem para frente, fizeram mais 400 casas. Que aqueles é gente pobre, pobre mesmo. Então, é gente da redondeza toda que pegou as casinhas, lá. E serviço para essa turma. A maioria faz bico [trabalho eventual], trabalha de pedreiro e de servente e é assim. De 100, você acha vinte que tem serviço em firma, o resto faz bico só, daí, não dá para comer. Paga a luz, paga a água, o que que sobra? Geralmente os pobres têm cinco, seis, sete filhos. É difícil.

D: Vocês têm cadastro das famílias que vocês ajudam?

Z: Tem.

D: De onde nasceu?

Z: Tem, tem... Então eu vou nas casas, tudo, eles me já... Tem uma que não vou fazer visita, eu já sei a situação da pessoa, é duro não dá para passar... [acaba a fita]

Z: Aquela lá vem lá, do Banco do Alimento, vem 63, 65 cestas de alimento que eles arrecadam também nas quitandas, nos mercados, e aquela lá a gente tem que distribuir no dia, então, já vem as pessoas, já faz o cadastro, pega o nome e já chegou a perua com aquilo lá a gente já entrega. E uma vez por mês a gente dá a cesta para o povão, mesmo. Mas só que depois, ainda, todo mês, aquela pessoa que vem, que chega, ou que não deu aquele alimento e não tem o que comer mesmo e a gente vai dando ainda mais, não tem o que passar. Tem gente que chega quase meio dia: “não tenho o que por na panela”. E a gente vai fazer o quê? Vai esperar para o dia da cesta? Ainda bem que a gente tem esse padre, que pede, que trabalha, que trabalha bastante. Eu não sei o que esse padre for embora daí o que que vai ser. Porque é difícil! Aqui no Palmeira não, que é um bairro bom, bairro com morador mais antigo... Se pega aquele Guanabara, Jd. Novo, Terra Nova... Agora o padre vai pegar o Bom Sucesso também para tomar conta.

D: Mais trabalho?

Z: Então...

D: E lá não tem nenhuma igreja?

Z: Tem. E tem uma pastoral lá também que ajuda os pobres. Só que esse padre, aonde ele vai ele faz uma capela maior, arruma mais gente para trabalhar, ele organiza tudo... É que nem aqui, tinha os vicentinos, tinha quatro grupos de vicentinos que ajudava os pobres. O que que acontecia? A gente ajudava quinze ou vinte famílias cada grupo, só! Depois que ele veio, não...

D: Qual a diferença dele com os vicentinos? Ele é o quê?

Z: É que os vicentinos é para ajudar os pobres.

D: Ah, ta, Vicente de Paula.

Z: É. Eles ajudam os pobres também. Então ele falou: “vamos fazer uma pastoral só e trabalhar todo mundo junto e, daí, dá para ajudar mais”. E deu certo, sim.

D: A quanto tempo que ele está aí?

Z: Seis anos.

D: Tinha outro padre?

Z: Não tinha...

D: Parabéns.

Z: O trabalho tem e a gente tem que continuar, né!

D: Que bom!

3. Angelina Guedes Siqueira

(nascimento: 16/02/1932, Poté/MG).

Data da entrevista: 06/12/2008.

Local da entrevista: casa de d. Angelina, na sala. Jd. Nova Rio Claro, Rio Claro (SP).

Obs.: Participou também da entrevista a filha da depoente, Geralda.

Douglas: Hoje é dia seis de dezembro...

Angelina: Hoje é seis de dezembro de 2007 (risos). [Sua Filha, Geralda, ajuda na cozinha ao lado; estamos na sala da casa de dona Angelina].

D: Como chama o bairro aqui?

A: Aqui chama Jd. Nova Rio Claro.

D: Primeiro, eu queria que a senhora dissesse o nome inteiro, a data de nascimento e o local de nascimento.

A: Meu nome, né? Angelina Guedes Siqueira. Dezesseis de fevereiro de 1932. Poté, Minas Gerais.

D: Está no registro da senhora, “Ipoté”? [eu errei o nome da cidade]

A: As pessoas falam Poté [ela me corrige], porque lá eu vim muito criança, ainda, de lá eu sei pouca coisa, mas o pouco que sabia... [entra a filha de dona Angelina, que estava próxima]

Geralda: Está no registro dela é esse...

[é convidada a participar]

D: Qual é o nome da sua filha?

A: É Geralda Barbosa da Cunha.

G: É, mas agora eu separei, eu já não sei...

A: Então volta... [o nome de solteira]

D: Qual é o nome antigo?

A: Geralda Barbosa Guedes.

D: Tem um rio que passa em Poté?

A: Ter, tem, mas só que eu não lembro.

D: Qual a idade que saiu de lá?

A: Sete anos.

D: Saiu com seu pai e sua mãe?

A: Sai com meu pai e minha mãe e meus dois irmãos.

D: De lá a senhora foi para onde?

A: Eu fui para Pratinha, Minas Gerais.

D: É perto de lá?

A: É perto. Naquele tempo era longe, porque era de a pé ou a cavalo, então, parecia longe, mas é bem perto.

D: Nunca voltou lá?

A: Nunca voltei.

D: Lembra por que vocês mudaram de Poté?

A: O meu pai mudou para melhora, porque onde morávamos era bom também, mas era como um lugar novo, lugar de mata, como ele interessou para vir, derrubar mata, para fazer lavoura, então foi aonde nós viemos.

D: Poté tinha mata? Vocês trabalhavam na roça?

A: Tinha mata. Trabalhava na roça. Tinha mata, mas não era tanto como onde nós entramos.

D: A senhora trabalhava nessa época:

A: Com sete anos, não.

D: A senhora ficou quanto tempo em Pratinha.

A: Ichi! Em Pratinha cheguei com sete anos e saí de lá com trinta e nove anos.

D: Trinta e nove?

A: É.

D: A senhora chegou a casar lá?

A: Casei, meus filhos são todos de lá.

D: A Geralda nasceu lá?

A: Nasceu.

D: Você está registrada em Pratinha? [para a filha]

A: É, em Pratinha. Só que registrada em Pratinha, mas o município nosso de lá é Ataléia, no registro está Ataléia.

D: Nesse tempo, vocês trabalhavam onde, em Pratinha?

A: Trabalhava na lavoura.

D: Então, vocês não moravam na cidade, moravam na terra?

A: Morava no sítio, sempre no sítio. Porque Pratinha é, sei lá, fazenda, né, e cada lugar tem aquele nome, por causa do rio, né, que é Prata, o rio que chama Prata... Porque tem a Prata onde nós morávamos, que é Pratinha, que o povo falava que tem a Prata grande que é lá no Espírito Santo. Então é onde... o nosso lá, Pratinha.

G: E a mesma coisa de ser Nova Rio Claro, Palmeiras, Inocop [bairros de Rio Claro]

A: Não, aqui já é uma cidade... A cidade nossa mais perto lá, mais perto de onde nós morávamos, Pratinha, era Ouro Verde, Filadélfia [antigo nome de Teófilo Otoni – MG] e Frei Gaspar. E tem Ataléia que essa eu não conheço [estranho, e é onde a filha foi registrada como ela disse acima]

D: As outras, a senhora conhece?

A: As outras eu conheço. Nós íamos fazer compras nas costas (risos). Você vê...

D: Ia a pé?

A: Ia a pé. Ah! Saía de casa de madrugada, cinco horas da manhã, nove horas da manhã chegava na cidade.

D: Isso que ia falar. Vocês moravam na terra de vocês ou na terra de outras pessoas?

A: Foi assim, nós moramos sempre na terra dos outros, fazenda dos outros. Quando eu já estava com uns dezessete anos, meu pai comprou um *sitinho* de “à meia” com os cunhados, três cunhados comprou um *sitinho* de à meia. [Angelina faz uso em algumas palavras da terminação ‘inho’ o que remete ao que Sérgio Buarque de Holanda diz sobre a inclinação do brasileiro para os diminutivos, “*para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. é a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração*”. HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 23^a ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1991, p. 108. creio que é um meio de Angelina de aproximação com as pessoas e lugares]

D: Vocês plantavam o quê na terra dos outros e na terra de vocês?

A: Olha, plantava de tudo. De primeiro, meu pai derrubou mata, quando na terra dos outros, derrubou mata, plantou café, plantou cana, mandioca, tudo, tudo que falasse, que ele conhecia, ele plantou... Café foi a primeira.

D: Café também?

A: Café foi a primeira lavoura. Tirando feijão, arroz e milho, foi a primeira lavoura que ele plantou foi café.

D: Alguma parte ia para ele disso?

A: Outra parte ele, mais que os outros... Era assim: até formar o café, três anos, até a primeira colheita é da pessoa. Depois daquela, a segunda colheita, já é de à meia. E por aí vai indo até...

D: Até o café... até chegar, formar o café, se plantava outra coisa?

A: Até enquanto a gente morar ali, então, está colhendo aquele café de a meia e plantando feijão, milho no meio do café. Naqueles tempos, que não é a colheita do café, então, plantava no meio do café. Mas plantava muita lavoura fora também. Que mais lavoura em Minas é mais é mandioca. Mandioca... Esse tempo que eu estou dizendo que meu pai plantou bastante café na lavoura dos outros, na terra dos outros, esse tempo, é... o que que eu queria dizer? Meu Deus do céu, é [não lembra o que queria falar]

D: Não tem pressa, não, pode pensar que é importante [um galo canta próximo de nós]

A: Esqueci o que ia falar...

D: “Que nesse tempo”... É... Pratinha, a senhora ficou até os 39 anos?

A: 39 anos.

D: ... de lá a senhora saiu para onde?

A: Para o Paraná.

D: A senhora veio por quê?

A: Caçando melhora.

D: Estava ruim, lá?

A: Ah, estava! Nesse tempo, estava... Ah, sim, era isso que eu queria dizer! Era isso mesmo que eu ia falar. Que nesse tempo da lavoura de café, esse tempo era de riqueza. Nesse tempo a gente tinha de tudo, morava nas terras boas. Foi bom você lembrar. Morava nas terras boas. Ali, tudo que você plantava você tinha, colhia bastante, criava porco, criava galinha de bastante, tinha as coisas para vender, embora não tinha valor. Tinha hora que a gente colhia o feijão, era obrigado, no outro ano, jogar esse feijão fora. Na outra colheita jogou o feijão tudo fora porque não achava quem comprasse. Tinha que carregar esse feijão, jogar fora [“crise de superprodução”] para pôr outro no lugar, o novo que chegava, que não tinha saída! Todo mundo tinha.

Depois que os ricos foram tomando conta, os ricos vão chegando, vão comprando as fazendas, os pobres vão se retirando, foi onde, meu pai comprou o sitinho. Mas já comprou o sítio de terra ruim, que as terras boas, se em vez do gado ficar com a terra ruim, pobre é quem fica, né?! Então, nós mudamos por causa desse sentido. Mas estava bom que era da gente, o pouco que dava. Mas já foi fracassando. Às vezes, planta, uma hora não dá, outra hora planta, formiga comia tudo. Que nem mandioca mesmo, mandioca lá em Minas é para plantar assim todo mundo já era combinado: *“Olha, tal mês, todos vão plantar, que é para formiga não vencer!”* Que se um só plantar, ela come tudo. Então, era combinado, quando era tempo de plantar lavoura de mandioca, então todo mundo plantava... [trecho inaudível]

D: Como os ricos compravam a terra? Pagava pouco, pagava muito?

A: Viche! Eu nem sei como é que é isso, Douglas, acho que era *“a troco de banana”*, que nem se diz.

D: A senhora acha? Por quê?

A: Sei lá. Aquele tempo não tinha valor, nada tinha valor.

D: A senhora não lembra de nenhum caso lá, com alguém conhecido?

A: Não.

D: Não? Está...

A: Eu lembro da fazenda da patroa nossa mesmo, mas essa eu não sei porque era muito filho, cada um foi vendendo a partezinha dele, até acabou de vender tudo. Era um mundo de uma fazenda, mas era bastante filho também.

D: Isso lá em Minas?

A: Em Minas.

D: Depois saíram de lá, por que não estava bom, não é?

A: E, já não estava bom. E dizem que o Paraná era... Eh! Que o Paraná era rico, era isso, era aquilo...

D: Quem falava isso?

A: Os que vinham para cá e voltava para lá...

D: Era parente ou era conhecido?

A: Parente, conhecido. E era bom. Não era para dizer que o Paraná é ruim, o Paraná é muito bom! É muito bom. Mas para dizer que vem dinheiro de “*arrastar de rastelo*” como, eles falavam, não! É arrasta do suor! (risos). Mas graças a Deus, o Paraná é muito bom. Do Paraná que tenho isso daqui, graças a Deus! [referindo a sua casa] Não posso falar do Paraná que para mim nunca passei falta lá. Foi muito bom. Em Minas eu passei falta.

D: Passou?

A: Oh! Em Minas eu passei. Mas no Paraná, não. Morei vinte e cinco anos no Paraná e, graças a Deus, não passei falta em nada.

D: Em que ano a senhora mudou para o Paraná?

A: Em 70.

D: Para qual cidade?

A: Bandeirantes. Morei no sítio, o sítio chama “*Tabuleta*”, no município de Bandeirantes.

G: Lugar gostoso!

D: Por quê?... Lugar de fartura?

G: Saudade, né! Do tempo de criança.

A: Porque lá... depois que meu marido... morreu em Minas, depois que eu fui para o Paraná, casei de novo.

D: Posso perguntar? Vocês vieram por que ele morreu? Ou, [depois que] ele morreu, vocês demoraram para vir?

A: Não, ainda demorei um pouco para vir. Vim porque eu morava com meu irmão e meu irmão veio e nós viemos todos juntos.

D: Ah! O irmão veio e vocês foram juntos com o irmão.

A: É.

D: Em Bandeirantes vocês ficaram 25 anos ou vocês mudaram?

A: 25 anos.

D: Em Bandeirantes.

A: Assim...Mudei de Bandeirantes para Andirá, mas é que nem Rio Claro com Santa Gertrudes [cidades vizinhas]. Pertinho, só o rio faz a divisa.

D: Que rio que é?

A: “Ipanema”... Ipanema, não, o Cinza, rio Cinza. Ipanema [Paranapanema] faz divisa com Ourinhos.

D: Ourinhos, São Paulo.

A: São Paulo é a divisa. Atravessou o “*Panema*” já está no Paraná. Morei também em Cambará, mas é tudo cidadinha uma pegadinha com a outra.

D: Tudo em sítio? [onde morou]

A: Tudo em sítio. Não. Em Cambará, morei na cidade. Que, em Andirá, eu comprei a casa, nós compramos a casa em Andirá, depois nós mudamos na cidade...

D: Mas trabalhava...?

A: Aí eu já trabalhava de bóia-fria.

D: E que lavoura?

A: Tudo: algodão, café, cana, milho, soja, tudo.

G: Trigo, né!

A: Trigo a gente não trabalhou. Porque trigo é... plantou trigo já não... só o veneno para matar o mato. Agora na soja, na...

D: Não precisa de gente para trabalhar no trigo?

A: Não, porque já planta ele já sai milhado. Só se tiver alguma erva daninha ali no meio, às vezes, pode até a pessoa pode tirar [suposição], porque o trigo sai milhado, ele já cresce, já fecha tudo ali. O trigo eu nunca trabalhei.

D: O trigo, nem sempre teve trigo?

A: Sim, todo ano tem.

D: Digo, quando vocês mudaram já tinha trigo lá?

A: Não. Trigo, foi de uns anos para cá que o povo pegou plantar lavoura de trigo. Nem soja eu não conhecia, fui conhecer soja no Paraná. Em Minas eu não conhecia soja.

[Breve silêncio]

D: E lá também morava na terra dos outros? Sem ser a casa que a senhora comprou.

A: No Paraná morei na terra dos outros. Em 80 ou 82 que nós compramos essa casa em Andirá, foi onde eu vendi para comprar o terreno aqui, a casa não, porque não deu nem para o terreno.

D: E é de lá que vocês vieram para cá? [Rio Claro]

A: É.

D: Por quê?

A: Meu segundo marido morreu e meu filho não queria deixar eu lá. Eu, bem, não queria vir.

D: Seu filho já tinha vindo?

A: Já. Já fazia tempo, fazia anos que ele morava para cá. Logo que casou, teve o primeiro filho, quando estava com um ano que ele veio para cá. E não quis deixar eu. Aí eu vim. Foi bom, graças a Deus.

D: Comprou o terreno?

A: Comprei. Não, morei cinco anos ali nas Palmeiras [bairro] na casinha dele lá e depois eu comprei aqui. Aqui vai fazer oito anos agora, né [perguntando a filha], dia 30 de dezembro? Vai fazer oito anos que eu moro aqui. Aí, comprei aqui, foi devagarzinho fazendo essa casa...

G: Depois que a gente entrou aqui a casa já estava feita, só que ela não estava grande em cima.

A: Estava feita não! A casa estava coberta. Entrei aqui nos tijolos só, completo, e a laje, nem a laje era rebocada.

G: Nem chapiscada.

A: Agora, devagarinho, todo ano eu faço um pedacinho, agora mesmo estou pondo azulejo na cozinha. Está uma bagunça danada.

D: Que beleza!

A: É, mas está devagar demais, que já viu, né!

D: Devagar e sempre... As fotos estão fáceis, aí? [ao marcar a entrevista perguntei se ela tinha fotografias dos lugares onde morou]

A: (risos) Essas aí eu vou te falar.

D: Por quê? Tem alguma foto desses lugares que está me falando?

A: Tem. Só que não tem, assim, coisas do lugar, não. De Minas, não. Acho que de Minas nem tem.

D: Geralda, você nasceu em que ano?

G: Eu sou de 60. 25 de junho de 60. Só que tem um erro tão grave, de fazer o registro que eu sou de 58.

D: Você é de 58, mas registraram em 60.

G: Não, não. Eu sou de 60, mas não sei que confusão... no registrar, entendeu, que no meu registro está 58. Não sei que nessa parte aí eu não sei.

A: Esse erro aí, desse registro dela, não sei onde está esse erro, se está em mim ou onde é que está, que o registro dela está com a data errada, mas aquele dito, o que manda é o que está no registro, fazer o quê. [e mostrando fotos] Oh, esse aqui não é de Minas, esse **daqui** é do Paraná [parece que ela quer apagar a memória pessoal de minas?]

D: Quem que é?

A: Esse aí é o compadre. Esse eu não conheço; esse aqui é de São Paulo, não sei, é do tempo do meu marido. Essa aqui é cunhada, cunhado e co-cunhada. Aqui é meu tio. Aqui é minha irmã e meu cunhado.

D: A senhora lembra quando tiraram essa foto? A senhora estava no dia?

A: Não tem a data. Porque se puseram... Não sei, parece que está até escrito [não é nítido o que está escrito], se tem data, já acabou [apagou] e ainda preguei tudo ele num oratoriozinho que eu tinha. Esse daqui é Bom Jesus da Lapa [no estado da Bahia; possivelmente, do tempo que moravam em Minas, região muito próxima da divisa com a Bahia e Espírito Santo; isso ela não chega a comentar], meu irmão e minha cunhada.

D: Você estava em Minas?

A: Minas. Esse daqui também é de Minas, sítio.

D: Como era a casa em Minas?

A: Madeira. Pau-a-pique, casa de barro, de Minas, casa de barro. Que são aquelas casas que põe o pau. Você não sabe disso. Põe o pau assim [faz o movimento com as mãos], depois passa umas varas assim, de um lado e de outro, bate o barro daqui, bate de cá, depois reboca [a filha ri; Angelina faz essa explicação de forma rápida, parece um pouco tensa; creio que tem vergonha de um dia ter morado em uma casa de pau-a-pique] fica igual essa daqui, casa de barro, em Minas... No Paraná é de Madeira, que é de tábua. Agora não é, eles estão acabando. Era de tábua todinha. Essa mesmo que eu vendi era de tábua.

D: Normal, naquela época, naquele lugar.

A: Ficavam tão bonitinhas as casas de tábuas, bem pintadinhas.

G: Hoje é madeira trabalhada...

A: Esses daqui são meus sobrinhos, filhos da minha prima.

D: A senhora não apareceu ainda? [parece que ela, antes, havia feito uma pré-organização das fotografias]

A: Eu (risos)... [desconversa] Essa daqui é minha é minha sobrinha. Essa daqui é do Paraná.

D: Essas daqui são de Minas, mas não são vocês.

A: É. Aqui, também é de Minas.

D: Aqui é o caminhão para Lapa [Bom Jesus da Lapa].

A: É. Bom Jesus do Pirapora.

D: Pirapora ou Lapa? [Bom Jesus] Pirapora é aqui perto de São Paulo.

A: Ah, não! Não é Pirapora, não. Isso aqui eu não sei onde é que é não. Pensei que era dos... Isso daí é de Minas, mas eu não sei onde é isso, porque está aí meu cunhado, a sogra dele, uma porção de gente.

D: Um caminhão de gente [estão numa carroceria de caminhão].

A: Isso aqui é do sítio, olha a escola de tábua.

D: Aqui é onde?

A: Na “*Tabuleta*” [sítio], Bandeirantes, Paraná.

D: Tem algum filho aqui?

A: Tem a Geralda. Acho que ela é essa que está escondida aqui atrás, parece que é ela.

D: Puxa vida, foi se esconder bem na hora da foto? [digo isso de brincadeira] (riso)

G: Eu não sei como sai escondidinha, aí.

A: Essa aqui já é aqui, do estado de São Paulo, meu marido, do tempo que era novo esses dois colegas dele... Esse aqui também é cunhado meu.

D: Essa daqui a senhora lembra onde que é?

A: Essa daí eu sei que é daqui do estado de São Paulo, mas só que não sei onde, não sei se Catanduva, se é de Osasco, sei que é de algum lugar aqui.

D: A senhora passeava aqui para São Paulo?

A: Meu marido que era daqui.

G: A senhora passeava, mãe?

A: Eu passeava quando eu estava no Paraná. Quando eu estava no Paraná eu vinha sempre aqui, o Zé morava aqui, minhas irmãs moravam em Limeira.

D: Ah, vocês morando lá, já tinha parente aqui perto, já estava chegando em Rio Claro.

A: Esses aqui também são do Paraná.

D: Onde é aqui?

A: É Bandeirantes, também. Ah, não sei, não, Douglas! Eu estou mentindo [enganada], esse aqui é da dona Dina, mãe da Rosa, agora não sei se tirou aqui ou se tirou lá.

G: Deixa-me ver, mãe.

A: Isso que não sei. Não vou falar que, às vezes estou mentindo. Ah, esse aqui que é Bom Jesus do Pirapora. Isso velho demais, não é no meu tempo.

D: Nossa, tudo isso veio no caminhão?

G: Mãe, quando a gente foi no Bom Jesus a senhora não tirou foto nossa com o caminhão, não

A: Que foto.

G: Aquele tempo não existia...

A: Existia... Você vê como é que é nesse tempo, olha a noiva que linda [Angelina ri]

D: Quem que é essa noiva aqui?

A: Essa aí eu não conheço não [rindo], mas era meu velho que tinha essa foto.

D: É da época.

A: Como é triste, né [irônica] (risos), é triste, mas é divertido... Essa noiva eu não conheço, não. esse aqui é meu neto mais velho.

D: Hoje já está grandão?

A: Oh, está com quase vinte e oito anos. Esse aqui também é do Paraná, é o sítio onde eu morava.

D: Aqui começa aparecer a senhora. É plantação do quê?

A: De algodão [em silêncio ela contempla as fotos]. Esse aí era um dia de natal, estava a turma meio reunida e aí vamos tirar foto.

D: Aqui, fevereiro de 91? É isso mesmo?

A: Acho que é, faz tempo!

D: É quando revelou.

A: Faz tempo. Essa aqui é minha irmã, minha cunhada e um bocado de gente... Esse é meu sobrinho do sítio que nós morávamos também, bastantes anos. Essa aqui também. Dão vergonha essas fotos.

D: Por quê?

A: Porque são antigas, hoje ninguém vai...

D: Não precisa tem vergonha, não.

A: Essa aí é do Paraná, Itambaracá. Não, como é que chama aquela? Tem Cambará, Itambaracá e... não. É Itambaracá, mesmo. Itambaracá, porque aqui é Bandeirantes. Esse aqui também é Bandeirantes... não tenho muita certeza, não, mas acho que é... Ah, eu aqui. Isso aqui é novo, se tiver uns doze anos é muito. Esse aí é eu e meu irmão, caipira mesmo (risos), bem caipira.

G: Essa foto é aquela que tirou em Curitiba?

A: É. Isso aqui é... [não consigo entender o nome do local], Paraná. Aqui, batizado do Lucas... Isso aqui também é no Paraná...

D: Quem é essa daqui?

A: Essa daqui é cunhada do meu filho.

D: E aquela foto, que você está com vergonha de mostrar?

A: (risos) O Lucas [neto de Angelina] morre de dar risada com essa foto aqui.

D: Por quê?

A: É que essa foto o Zé foi passear e eu morava no sítio. A minha casona de tábuas, aí... Eu morava no sítio e o Zé foi passear e depois na hora de vir embora, a minha nora foi tirar foto e ela fazia muita micagem eu passei a dar risada e meus dentes ficaram tão grandes, o Lucas tira sarro. Deus me livre! [diz em tom de brincadeira]

D: Legal. A senhora mostrou todas, ou não?

A: Essa daqui é nova, você disse que...

D: Essa daí é em Rio Claro?

A: Não, é Paraná também... Isso daqui eu não conheço, não, nem sei. É do tempo do meu avô. Esse aqui é meu tio e mais pretinho ficou, porque queimou a foto (risos)... Essa aqui é de Curitiba... Eu criava galinha, estava tratando galinhas...

D: E essa foto bonita aqui?

A: Essa? (risos)

D: Quem que é?

A: Não conheço também... Essa daqui é do tempo do meu velho. Agora isso aqui também é do tempo de Curitiba. Aqui é meu sobrinho...

D: É nova!

A: É nova, tudo aqui é nova. Eu tenho foto, mas não sei nem onde estão... Essa aqui também é velha.

D: Quem é?

A: Eu não conheço também. Essas fotos aqui é que meu velho tinha, mas eu ainda não sei... Deixa eu ver se tem velha aqui... Essa aqui não... Essa eu tirei no Guanabara quando eu estudava com Andréia.

D: Então, antes da senhora chegar a Rio Claro, chegou a estudar?

A: Nunca.

D: Nem um pouquinho?

A: Nada, nada.

D: Ninguém ensinou nada, nem uma letrinha?

A: Olha, quem começou a ensinar para mim foi uma criança de primeiro ano, em Minas. Ele entrou na escola e ele...

D: A senhora era pequeninha?

A: Pequeninha? Moçona, de uns dezessete, dezoito anos... Essa daí também é do Paraná [sobre outra foto]... E aí ele falou assim para mim, eu não sabia nada, nada, nada, nada, nada, e ele falou para mim assim: “*Angelina, vou entrar na escola*”, uma porqueirinha desse tamanho [mostra o tamanho da criança], “*vou entrar na escola e o que eu aprender eu ensino para você*”. Fiquei toda feliz, nossa, agora sim, agora eu vou aprender. Todo dia de domingo ele ia ensinar para mim, eu estava aprendendo, eu já estava na... como é que é... A, É, I, Ó... por aí, o coitadinho mudou, fiquei sem meu professor.

D: A senhora aprendeu...?

A: Não aprendi nada quase, mas um pouquinho eu aprendi com ele, mixaria. Eu pegava, quando vinha pessoa em casa, eu pegava e... Olha minha neta [sobre outra foto], Odete disse que eu sou a cara dela... Quando chegavam pessoas em casa e que sabia um pouquinho eu pedia para fazer meu nome. O nome do pai, nome da minha mãe, por aí eu ia se matando para ver se eu aprendia. Quando era no outro dia que a pessoa vinha eu mostrava para ver se estava certo. Nossa! “Você pôs letras demais”, outra hora, “Está faltando”...

D: Mas isso quando?

A: Não, eu era solteira ainda, menina nova... [acaba a fita 1]

Fita 2, lado 1 – continuação da entrevista com a dona Angelina:

D: Por que a senhora queria aprender a escrever?

A: A coisa mais que eu tinha vontade na minha vida era de pegar uma carta ou a Bíblia e ler. Eu não sabia nada, gente! Olha que eu fazia, no tempo que eu era mocinha, meu pai sempre tirava palmito para comer e eles têm uma capa branca, eu pegava palitinho de ripa de coqueiro e eu escrevia, escrevia, escrevia, escrevia... Eu falando que eu queria, aí eu mostrava para meu pai: “Ó papai, está certo”? “Coitadinha! O dó da minha filha. Isso daí é cobrinha, minha filha”. Eu achando que tivesse falando que saía é que nem gravar, né? Eu achava que era assim.

D: Por que seu pai... você tinha irmãos, não é? Eles foram para a escola?

A: Foram. Meus irmãos começaram a ir, mas eu não fui porque não tinha professor. Quando apareceu professor, era solteiro, um rapaz e eu já estava mocinha e moça não podia estudar com o rapaz.

D: É? Quem falou isso?

A: Meu pai. Os outros entraram e ainda aprendeu um pouquinho e eu fiquei sem nada. E eu fui para roça trabalhar. Depois que cheguei... nem no Paraná eu não estudei. Estudava com os outros, pedindo auxílio para um e outro. Depois eu vim aqui para Rio Claro, aí sim, teve aula a rolê para mim, só que a cabeça não ajudou. [hoje Angelina lê e escreve apesar de dizer que não sabe]

D: A senhora começou aqui em Rio Claro com quem? Lá no Guanabara [bairro]?

A: Primeiramente, comecei aqui no Palmeira [bairro] com a menina, ela chama até Tereza. Mas a Tereza não podia dar aula porque ia fazer estágio, não sei o que lá, um negócio que ela ia fazer, acho que não estava preparada ainda.

D: Foi no salão do Esmeralda? [Centro Comunitário do Jd. Esmeralda]

A: Não, foi ali no salão da dona Inês, na rua 12. depois veio a Andréia lá no Guanabara, nós passamos para a Andréia, estudei com a Andréia. Depois da Andréia, nós passamos aqui para o Esmeralda. Primeiramente, foi o Eloi, Fabinho, Denis... Eu sei que foi bastante. O Eloi, Fábio, Denis, o Jessé, o Vagner... da dona Rosa [professora Maria Rosa Camargo da UNESP, Coordenadora do PEJA] e olha, foi bastante. Depois Fernanda, Aline, o Douglas, Clécia, Luciana... Aquele rapaz, cabelo grande, esqueci. Já esqueci, que é tanto e vai passando tempo! Mas foi muito bom, graças a Deus! Eu não tenho leitura, aprendi um pouquinho, está bom.

D: A senhora aprendeu bastante durante a vida e um pouquinho aqui em Rio Claro.

A: Aprendi, aprendi sim. Porque em Minas a gente vivia, mas não sabia, assim, sei lá, não sei como é que a gente vivia, sem leitura nenhuma, nenhuma [será que esta reflexão ocorreria sem a experiência da história oral? Sem este momento de construção da memória?]

D: Por quê? Não dá para viver sem ler?

A: Dá, dá para viver, mas só que é ruim. Você quer pegar um... você quer saber, você tem que ficar perguntando, você quer tomar ônibus você tem que ficar perguntando para os outros, você não sabe que ônibus é aquele se, às vezes, você acha que está vindo para cá, mas está indo lá para Limeira [cidade próxima] a fora.

D: Já aconteceu isso com a senhora?

A: Não... [gagueja] Eu sou meia... Quando eu estou em dúvida eu pergunto [a filha diz alguma coisa, mas não consigo entender], mas que é perigoso é acontecer tudo que eu falei [parece constrangida em assumir o que disse tenha acontecido com ela]

D: Isso aqui é onde? [outra foto]

A: É no Horto. [Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, em Rio Claro]

D: Se eu pedisse para a senhora selecionar dez fotos, que fotos a senhora pegaria dessas daí?

A: Mas elas voltam para mim?

D: Claro. Só para eu ver aqui.

A: Qual? Dessas aqui? Pode pegar você.

D: Não, a senhora tem que escolher. Quantas a senhora acha?... Se fosse para escolher dez fotos daí que a senhora gostasse mais ou que alguma coisa toca a senhora, qual que a senhora separaria?

A: [Breve silêncio] Dez fotos? Separar para você?

D: Que a senhora gosta mais ou de alguma coisa que marca...

A: [Breve silêncio] [com voz baixa, sondando em sua memória, qual (is), imagem (ns) lhe é (são) importante(s)] Essa aqui eu adoro, meu afilhado. Ah, meu irmão, esse faleceu agora em junho. Essa aqui não é velha, você quer das velhas?

D: Qualquer uma... É só um exercicinho [silêncio, enquanto procura]... Se a senhora quer ir falando. Como que é? É difícil escolher foto? É gostoso? Como é ver foto?

A: Ver foto é bom. Recordar, a saudade da família... Só que aqui não tem uma foto do tempo que... foto minha. [a família *lugar/pausa*, enraizamento...]

D: Tá, mas com essas que a senhora tem? Quer ver dos álbuns também?

A: [Silêncio] Essa aqui não sei nada dele, essa aqui é do tempo que meu marido era novo, eu nem conhecia, não posso dizer nada.

D: Essa aqui está escrito alguma coisa, você sabe quem escreveu?

A: Eu não sei.

D: Será o que está escrito tem a ver com a foto?

A: [tenta ler o que está escrito sobre a imagem, está um pouco apagado] Dois mil. Ah, acho que... O que é isso? Duzentos ou dois mil?

D: Acho que é [o que está escrito] três mil...

A: É três? Eu não estou enxergando.

D: É três mil...

A: Três mim pessoas [ela consegue ler na foto]. Não é tudo no caminhão [a foto mostra um caminhão onde há varias pessoas na carroceria], é na festa! (risos)

D: Será que não era no caminhão, não?

A: Ah, não pode. É na igreja. É perto da igreja, olha a igreja aí. Olha que eu nem tinha reparado [a construção da memória é contextual e revela aspectos que até para a pessoa que está contribuindo com o seu depoimento não havia percebido]

G: De onde é isso?

A: Não é meu, é do meu velho, não sei da onde.

D: Qual velho? A senhora teve dois velhos? [para eu fazer essa pergunta sabia que poderia fazê-la, pois eu havia construído um certo grau de familiaridade com a depoente, pois estou tratando de aspecto que pode não ser confortável para ela; eu a conhecia desde 2003 quando eu participava de projeto de educação de adultos]

A: O segundo [ela chama de “*meu velho*”, como aparece mais de uma vez no depoimento ao segundo marido], é aquele que está ali na foto [mostra um retrato na estante da sala onde estamos]

D: Ah, aquele ali? Olha uma foto que a senhora pode escolher. Ele está em uma das fotos?

G: É. É esse aí e ela.

A: Essa aí eu já estava com quase 60, cinquenta e...

G:... cinquenta e nove anos.

A: Cinquenta e nove anos.

D: A senhora casou de novo, com cinquenta e nove?

A: Não. Essa daí eu tirei a foto para fazer RG e ele tirou a foto também para fazer a aposentadoria, mas aí ele morreu e eu queria reproduzir a foto [é uma montagem com duas fotos diferentes]

D: A senhora pegou a foto pequenininha?

A: Fotinha pequena, mas como disse que não tinha jeito, porque era de meio corpo, tinha para fazer de corpo inteiro, tinha que vestir de noiva, então, foi onde a velha vestiu de noiva (risos). Ah, meu Deus! Essa eu não conheço. Essa aqui é minha cunhada também, mas não conheço. Para dizer, desses daqui não conheço – daqui eu conheço, mas também não sei dizer nada...

D: Será que já não tem dez ali? [aponto para as fotos escolhidas por dona Angelina]

A: Será?

D: Vamos contar quantas têm ali.

A: Um, dois, três... oito...

D: Por que tinha escolhido essa daqui?

A: Essa daí?

D: Pode contar tudo, não importa se tiver mais de dez.

G: Essa foto das três mil pessoas...

D: Deve ser alguém exagerou, alguém que foi na viagem...

A: É... cinco [contando], seis, sete, oito, nove...

D: Pode colocar mais, quinze.

A: ... e dez. Onze... Quanto eu falei?

D: Onze.

A: Doze.

G: ... Não tenha vergonha, mãe.

A: Não estou com vergonha, Geralda, para eu saber contar alguma coisa que ele perguntar [ela já percebe que as fotos estão servindo para algum propósito do pesquisador], dos outros eu não sei, como é que vou falar uma coisa que...

D: Pode sim. Uma foto que a senhora goste mesmo que a senhora não conhecer.

A: Ah, sim!

D: Não se preocupa... não precisa contar com detalhes... que a senhora gosta

A: Eu gosto de tudo... que eu conheço, eu gosto de tudo, que eu não conheço eu não vou dizer porque eu não conheço. (riso)

D: Essas que não conhece, alguma que a senhora gosta da foto, que lembra alguma coisa.

A: É, acho que agora até passou. [contando as fotos escolhidas]

D: Não tem problema, não.

A: Eu gosto é de tudo, até as que não conheço gosto...

D: E daquela? A senhora gosta daquela? [Apontando para alguma foto]

A: Gosto... [expira] três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove... [conta quinze]

D: Quinze, espera... dezesseis, dezessete e dezoito [havia mais de quinze fotos escolhidas]. Será que dá vinte [fotos]?

A: (risos) Danou-se... dezoito... dezenove... e vinte. É vinte, né?

D: Quer colocar alguma... Vinte? Posso ver?

A: Pode...

D: Você conhece todo mundo das fotos?

A: Essa daí eu conheço.

D: Essa daqui a senhora conhece?

A: Conheço... já morreu todo mundo aí.

D: Até o menininho?

A: Esse aqui? Morreu.

D: Ele é quem?

A: Ele é meu primo... morreu já...

D: Aqui está até o lugar onde ele está [onde foi tirado a foto].

A: Hoje ele é avô. [como se estive vivo a partir da foto]

D: Está escrito o lugar... está muito pequeno [o escrito]. “*Bom Jesus da Lapa*” [BA].

A: Bom Jesus da Lapa, né? [ela fala quase sincronizado comigo]

D: Isso: “*Lembrança de Bom Jesus da Lapa*”. Esse era lugar onde todo mundo tira foto?

A: É. Esse tio meu aqui todo ano ele ia à Bom Jesus.

D: Ele enchia o caminhão, com “*com três mil pessoas*”? [disse eu brincando]

A: Não (risos). Não... Esse um aqui é de... é filho da minha prima, filho dessa aqui [apontando em uma foto].

D: Paraná?

A: É, Paraná... Não, Minas. Mas só que as crianças já é do Paraná... Não essa foto é do Paraná, agora, os dois, mais... não, é tudo do Paraná [barulho na cozinha, acho que é a Geralda]... espera aí, Douglas, eu estou meia... é tanto lugar... já morou... Esses três... Não, tudo veio de Minas... faz muitos anos.

D: Conhece?

A: Conheço. Minha irmã, meu cunhado, os padrinhos...

D: A senhora conhece essa mulher aqui?

A: Conheço.

D: E aqui, conhece?

A: Conheço, minha irmã e meu cunhado... uma turminha, o padre, fazendo a primeira comunhão.

D: Lembra a senhora... conhece... conhece [passando por algumas fotos que eram confirmadas por Angelina]. E aqui, quem é?

A: Esse aí é meu irmão e minha cunhada em Bom Jesus da Lapa. [espaço sagrado]

D: Isso, em frente daquela... quem é que é?

A: Minha sobrinha, lá de Bandeirantes, hoje morando em Curitiba. [essa última frase ela diz bem baixo]

D: Quem é aqui?

A: Meu cunhado e minha irmã [observação: a presença da família nas fotos, não só as escolhidas, como as outras do acervo, do “*baú*”, são um porto seguro, são referências, fatores de enraizamento para a pessoa manter o equilíbrio...]... aí, é meu tio com a mulher e as crianças.

D: Ah, tá, da primeira foto?

A: É.

D: Aqui é na escola. Lembra o nome da escola? [silêncio]... Não tem problema, não.

G: Qual era o nome da escola?

A: Essa daí é minha comadre. Uma é comadre, a colega dela eu não conheço... Você sabe, que eu não sei o nome da escola [para Geralda]

G: Eu sei, eu sei o nome da escola, mas...

A: Escola... Ah, sim, o nome da escola é... Escola...

D: Quem é?

A: Essa aí é... essa aqui é filha dessa. [aponta para uma pessoa na foto]

D: Essa aqui, não conhece?

A: Não, é colega dela. Essa aqui eu conheço, é minha comadre, essa daí é filha dela e hoje é [não entendo o que ela diz] [silêncio]

D: Quanta coisa... É, eu não vou ficar com as fotos, porque é da senhora, mas vou pedir emprestado se a senhora deixar.

A: Mas não deixa ninguém ver, não, pelo amor de Deus! (risos)... Isso é foto não, gente. A gente guarda porque gosta das pessoas, mas as fotos... A minha sobrinha quando vem aqui, tira um sarro, meu Deus, dessas fotos. Mas deixa, é coisa antiga, mas a gente gosta. Porque é a recordação das pessoas. Essa aqui não é muito antiga, não [para algumas fotos escolhidas], nem essa aqui também não é, nem essa também não é, mas têm muitas aí antigas mesmo. Minha irmã era casada de novo, não tinha nenhuma criança ainda e hoje ela já é bisavó.

D: Então tudo bem, porque eu ia pegar para...

A: Mãe, é o trabalho dele...

D: Vou fazer o seguinte, a senhora pode deixar essas fotos aqui que escolheu, a senhora guarda, mas separado? Eu tenho um saquinho aqui...

A: Eu estou falando aqui, mas é brincadeira.

D: Mas... agora, terminando o ano, deixa vocês sossegadas e eu estou aqui invadindo a casa de vocês...

A/G: Imagina...

D: ... mas, o ano que vem, eu volto para falar das fotos, a senhora não precisa contar [com detalhes]. Eu queria, o que é que eu ia pedir? A senhora colocar em ordem, do jeito que a senhora quiser essas fotos, mas só o ano que vem [2008], porque agora a gente já fez bastante coisa.

A: Se você quiser levar também você pode levar, eu falo brincando, é feia [se referindo as fotos, tem vergonha de "*pobreza material*"?], você está vendo.

D: Eu ia usar para colocar no trabalho [na pesquisa] e outras pessoas vão estar vendo.

A: É brincadeira, pode deixar ver, eu não estou vendo eles tirarem sarro, mesmo. (risos)

D: Às vezes, quem tira sarro é quem conhece.

G: Eu já falei para ela, ninguém vai tirar sarro, nada...

D: Eu tenho um monte de foto, assim.

A: Pode levar.

D: Ah! Uma coisa: o pai da senhora e a mãe, eles eram da onde?

A: Nasceram em Minas, morreu em Minas.

D: A senhora teve contato com avô e avó?

A: Eu só conheci uma avó, só. Eu conheci a mãe do meu pai.

D: Com quantos anos a senhora conheceu, até que ano ela viveu, quantos anos a senhora tinha na época?

A: Eu já tinha uns trinta anos, trinta e tanto.

D: A senhora lembra, mais ou menos, de onde ela veio [nasceu]?

A: Também de Minas, Poté também, tudo ali, nasceu, criaram, casaram tudo ali.

D: Tinha alguma coisa de ouro, mineração, essas coisas?

A: Isso daí tinha, mas é difícil, mas que tinha, tinha.

D: O que que achava lá?

A: Os garimpeiros para lá, que para a gente mesmo, assim... para os garimpeiros era difícil. Que nem onde essa terra... essa terra, não, esse lugar onde morava em Minas, tinha um homem, um tal... esse homem era fazendeiro, chamava até João Miranda, é. Será João Miranda? Não... Mané Grama, ele chamava [essa última frase, com o nome ela diz bem baixo]. Esse homem vivia diretamente montado em um cavalo, com enxidão, uma picareta, explorando as terras dos outros, entrava dentro das matas dos outros, ali, explorando para ver se tinha, se achava... ouro, diamante, essas coisas, essas pedras...

D: Alguma pedra a senhora já viu que acharam lá?

A: Não. Aí, depois que o homem morreu, foi o castigo, depois que esse homem morreu, aí vieram fazer exploração ali para ver se tinha pedra, nossa senhora!...

D: Quem veio explorar?

A: Não sei. Esse povo de governo. Não sei se governo, não sei. Eu sei que veio (como é que fala?) o garimpo. Aquilo lá montou nesse lugar... nesse homem... nessa fazenda desse homem, mas olha, mas tirou pedra! Tirou pedra de grande valor. Diz que estava quase arrancando até a casa do homem. O homem em cima da riqueza e caçando na terra dos outros, morreu sem... Ele era rico, porque ele era fazendeiro. Então, mas o que ele queria, mesmo, ele estava em cima. Aí, diz que vieram, entraram a turma lá e até que meu cunhado... esse aqui [mostra em uma foto]... cadê ele? Esse aqui... Ele também trabalhou lá. Dizia que, nossa senhora (mais velho que eu), um dia, a turma estava roubando enquanto os garimpeiros dormiam. Vai trabalhar, cansa, né? Aí, diz que estavam invadindo, gente roubando, que muita gente já deixa a “catra”, que eles falam de “catra” [?], no lavrado onde é que eles trabalham, cava aqueles buracões fundos, diz que já estava quase chegando na pedra, chegava de noite, estava todo

mundo dormindo, invadia, arrancava a pedra e ia embora. Aí, compadre Tião disse que quando foi de noite, mas baixou o batalhão de polícia, mas disse que ninguém podia nem mexer, disse que a polícia falava: “*não se mexe, ninguém*”. Aí, compadre Tião ficou lá assim quietinho, dizendo que nem se um pernilongo mordesse ele não podia mexer, com medo. Aí, foi com essa luta, com essa luta, mas tiraram pedra ali, mas disse que tiraram muita riqueza.

D: A polícia?

A: Não! Vários garimpeiros que trabalhavam. Não sei se era de governo, não sei nada, a gente naquele tempo era muito besta, não sei nem te dizer nada... Mas eu sei que Minas é rico de pedra, mesmo. Dizem que é! Não posso falar, porque eu nunca vi, né? Nunca achei! [será que ela foi garimpeira, ou chegou a procurar pedra preciosa?] Mas lá perto de nós, a turma revirou, revirou lá, não achou, não. Saía muito cristal bonito assim, mas nem um cristal de valor. Só bonito... O “Nenê” [Geralda] pega um cafezinho para ele [para mim]...

D: Não precisa, não, obrigado.

A: Ou você vai esperar acabar, para você tomar o café? [com o anúncio do café, Angelina, deu um ‘*sinhal*’ que a entrevista acabara ou deveria acabar]

D: Não, não precisa, não, obrigado. Eu queria água. Acho que é isso, né? [sobre a entrevista] Muito obrigado. Agradeço muito, de coração, de ter aceitado. Queria só pedir se... vou dar uma olhada na gravação, se eu tiver alguma dúvida eu posso voltar para perguntar?

A: Pode, pode.

D: Obrigado.

A: Por nada.

D: O que a senhora planta aqui na horta? [Angelina mantém uma horta em seu quintal]

A: Olha, Douglas, eu planto aqui tudo. Aqui tem tanta coisa, eu planto fruta, planto remédio, plantava horta, agora não está saindo mais nada, não, mas sempre planto assim mesmo, nem que não saia estou plantando, mesmo um pouquinho sai, porque de uns tempos para cá não esta dando muita coisa mais, porque tem que por esterco, e tem que comprar pelo menos, por terra de fora... [imagem trazida por Ecléa Bosi (2003) sobre os bairros populares]

G: Você quer água geladinha?

D: Sem gelo.

G: Então tem que pegar do filtro.

D: Espera, eu vou aí, posso ir aí? Obrigado.
